

Vol. XXV — Número 95

(24)

Ano VIII — Novembro, 1923

# REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO.

REDACTOR-SECRETARIO: JULIO CESAR DA SILVA.

## SUMMARIO

O MOMENTO . . . . .	M. L. . . . .	205
AS DEVOÇÕES DO BANDEIRANTE . . . . .	Alcantara Machado . . . . .	207
A FORMAÇÃO DAS CIDADES . . . . .	Hilario Freire . . . . . Oliveira Vianna . . . . .	220
BORGES DE MEDEIROS . . . . .	Villar Belmonte . . . . .	227
FLÔR DO AGRESTE . . . . .	Mario Sette . . . . .	232
LE SACY . . . . .	Charles Lucifer . . . . .	239
CANTO DO HOMEM A' MULHER . . . . .	Raniero Nicolai . . . . .	241
A NEVROSE DO AMOR . . . . .	A. A. de Covello . . . . .	247
"O SANEAMENTO DO BRASIL" . . . . .	Alberto Rangel . . . . .	249
A MEDICINOPHOBIA DE MO LIERE . . . . .	Mucio da Paixão . . . . .	251
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS . . . . .	Arthur Motta . . . . .	268

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES  
E PESQUIZAS — CURIOSIDADES — AS  
CARICATURAS DO MEZ

— S. PAULO —  
MONTEIRO LÓBATO & Co. — EDITORES  
RUA VICTORIA, 47 — CAIXA, 2-B

# Regina Hotel

Endereço Telegraphico: "REGINA,"

Largo de S. Ephigenia, 8 - SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL - RUA VICTORIA, 47 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO  
ASSIGNATURAS: — ANNO 20\$000. EXTRANGEIRO — 25\$000. NUMERO AVULSO — 1\$800  
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario: Dr. JULIO CESAR DA SILVA  
Cidade, 6278  
Teleph.

Este novo hotel offerece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes optimo conforto. Sua situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto desejavel. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas. O Hotel possue *elevadores, rede telephonica para todos os andares*, mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escrupulosamente escolhido e a cosinha é dirigida por um habilissimo chefe. Preços rasoaveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietarios, Srs.

**Angelo Gabrilli & Filhos**

## Livros a Prestações

Procurando facilitar a todo o mundo a acquisição de uma bôa bibliotheca,

**Monteiro Lobato & Comp.**

acabam de abrir, com o maior successo, uma secção de vendas a prestações. Desejando V. S. effectuar tão vantajoso contracto, peça informações, dirigindo sua correspondencia para

**CAIXA POSTAL, 2-B - S. PAULO**

# **Holmberg, Bech & Cia. Ltd.**

---

**IMPORTADORES E INDUSTRIAES**

**RUA LIBERO BADARO', 169**

**S. Paulo**

---

Rio de Janeiro, Stockholm, Ham-  
burg, New York e Londres.

---

Papel, materiaes para  
construcción, aço, ferro,  
**Cimento “2 Bandeiras”**  
e “Bandeira Sueca”.

# V. S. GOSTA DE LEITURA?

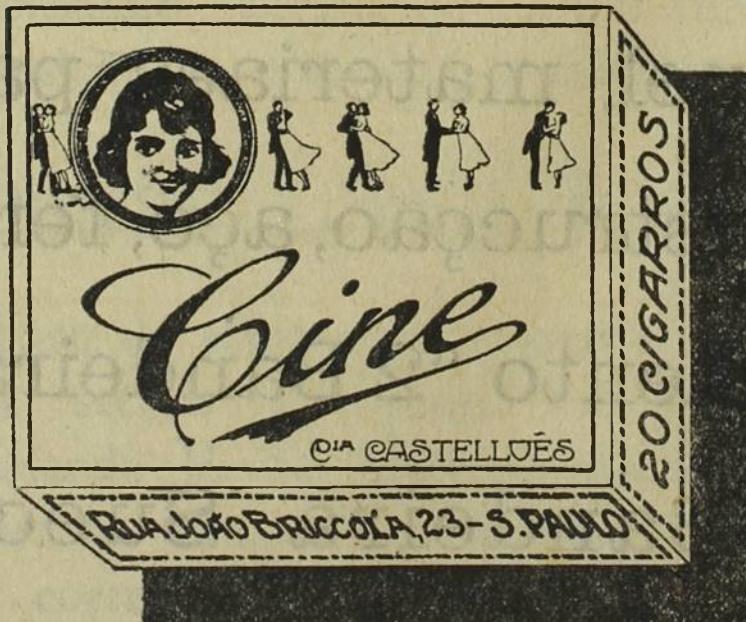
Peça então o catalogo das edições de Monteiro Lobato & Cia. que, entre outras vantagens, offerece a seguinte:

Quem adquirir um lote de dez obras - receberá duas á escolha, a titulo de bonificação.

# Rua Victoria, 47

## **CAIXA, 2-B**

# S. PAULO



COMPREM TODOS OS MEZES

# O MUNDO LITERARIO

Magnifica e vitoriosa revista do movimento cultural no Brasil

Directores : PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO  
Secretario : AGGRIPINO GRIÉCO

Collaboração dos maiores escriptores brasileiros. Só publica ineditos. Traz a resenha do movimento literario nos paizes europeus e nos estados da União. Cada exemplar de 130 paginas : 2\$000, e 2\$500 no interior.

EDITORIA A Grande Livraria LEITE RIBEIRO RIO DE JANEIRO

# LOTERIA DE S. PAULO

Sexta-feira, 28 de Dezembro de 1923.

**200:000\$000**

Em tres grandes premios, sendo um de 100:000\$000 e dois de 50:000\$000 cada um.

Inteiro 9\$000 — Meio 4\$500 — Fracções \$900

Os Bilhetes já se acham à venda em  
toda a parte.

O maior Successo Esportivo

## “DICCIONARIO DO FUTEBOL”

Por GUY-GAY

Diz “O ESTADO DE S. PAULO : “Cremos que não existe outro melhor trabalho n<sup>o</sup> genero em lingua portugueza : está destinado a ser o companheiro indispensavel de todos os futebolistas”.

ILLUSTRADO COM 23 SCHEMAS — 2\$000 PORTE FRANCO

Editores MONTEIRO LOBATO & C. — Rua Victoria, 47 — São Paulo

**Ritinha** - é o segundo dos livros de Léo Vaz. Não é romance como **O professor Jeremias**. São contos e novellas, em que, com aquelle mesmo humour que o consagrou na grey dos humoristas universaes, dá-nos capitulos de adoravel philosophia. Lê-lo é aprender a sorrir.

**Preço: 4\$000**

• • • •

Amando Caiuby, cuja obra -- **Sapezaes e Tigueras** - foi a revelação de um contista, acaba de publicar as esperadas **Noites de Plantão**, em que reaffirma as suas qualidades. Delegado de policia em S. Paulo, soube aproveitar os casos que lhe foram affectos, fazendo de cada um, um conto em que não se sabe que mais admirar: se o inacreditavel do facto, se a maneira original por que o põe em letras de fôrma.

**Preço: 4\$000**

• • • •

Editores: **Monteiro Lobato & Cia.**

**Rua Victoria, 47**

N. 95

Novembro 1923

# REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES:

PAULO PRADO

MONTEIRO LOBATO

REDACTOR

SECRETARIO:

JULIO CESAR DA SILVA.

## O MOMENTO

**S**UPPONHAMOS que nos vinte estados da federação rebente uma guerra civil, como a do Rio Grande: o Brasil inteiro ficaria conflagrado pois que o Brasil não passa da somma dessas vinte unidades.

Supponhamos que nenhum dos presidentes estaduais peça a intervenção federal. Como nenhum pede, o governo central não intervém e o exercito, que substantivamente existe e só se justifica como apparelho de defesa nacional contra a aggressão externa e a desordem interna, assiste, impassível, à ruina irremediável da nação.

*O Brasil perece mas a Constituição vive!*

No entanto, as constituições existem e só se justificam como leis assecuatorias da vida e felicidade dos povos. Desde o momento em que não preencham tal fim, perdem a razão de ser, transformam-se de lei vital

*em lei funesta cuja revisão se impõe. Ora, a nossa Constituição, provadamente má a muitos respeitos, como o demonstra a experiência de 34 annos, revela-se ainda um perigo para a nação pois que dentro della é possível a hypothese de ruina que atrás formulamos.*

— *Essa hypothese é absurda, não se dará nunca, objectarão.*

— *Convenhamos, para argumentar, que assim seja. Convenhamos que essa hypothese é absurda.*

*Mas podemos apresentar outra hypothese que nada tem de absurdo e que nem por isso deixa de ser uma hypothese de ruina. Supponhamos que a guerra civil rebente, não em vinte estados, mas em quatro ou cinco apenas, justamente os mais ricos e populosos. Não é hypothese absurda, mas acarretaria a ruina do país da mesma maneira.*

*Agora, a objecção de que a primeira hypothese é absurda não é argumento a favor de uma lei basica. Esta lei ha de ser concebida de forma tal, que não permita sequer hypotheses absurdas quanto á vida da nação. Se o permite, é lei falha, é lei má, é couraça com pontos vulneráveis e justifica, se não impõe, movimentos armados que intentem reformá-la.*

*A Constituição de 24 de Fevereiro, se outras faltas não tivesse, teria essa, à mais grave de todas: PERMITTIR A RUINA COMPLETA DO BRASIL, DENTRO DO MAIS ESCRUPULOSO RESPEITO A' LETRA DO ARTIGO SEXTO.*

*M. L.*



## AS DEVOÇÕES DO BANDEIRANTE

---

### I

**O**S tempos em que se processam nos auditórios de S. Paulo de Piratininga os inventários ultimamente divulgados assinalam-se na história do mundo occidental pela diffusão e aggravação de todas as molestias do sentimento religioso. Sacudida violentamente por Lutero e Calvino, a humanidade acorda do sonho radiosso do Renascimento; e volta ainda uma vez a torturar as almas, santificando-as ou desvairando-as, o problema do destino eterno.

Na peninsula iberica as "novidades da Allemanha" não conseguem alastrar-se. Mais que as medidas repressivas do Estado, ao protestantismo se oppõem as proprias tendencias intellectuaes e sentimentaes dos povos peninsulares, amorosos de tudo quanto fala á imaginação pelos sentidos, e incapazes de comprehendender um culto despido de pompas em templos vazios de imagens. Como esquecer tambem que lusitanos e hespanhoes acabam de sahir de uma guerra encarniçada de muitos seculos contra inimigos, que o eram, simultaneamente, de sua independencia e de sua religião? Para elles catholicismo e patriotismo são, naquelle epoca, ideas que se não separam.

Mas a reacção desatrelada além dos Pyrineus contra as novas heresias não deixa de exasperar em Portugal o odio ás heresias velhas. Se faltam protestantes, sobram judeus.

Ao começar o seculo XVI é mais grave do que nunca a situação creada pela presença de duzentos mil hebreus em um territorio como o lusitano, que poderá contar, quando muito, um milhão de habitantes. Leiam-se na "Historia dos Christãos Novos Portuguezes" as paginas succulentas, em que J. LUCIO DE AZEVEDO elucida as origens da questão judia. A aversão dos nossos maiores á gente de Israel não vem apenas da divergência dos credos, envenenada pela recordação do deicidio e exacerbada pela arrogancia que inspira aos povos eleitos a certeza de sua vocação providencial. Infieis são tambem os mouros; e, além de in-

fieis, teem nas veias o sangue aborrido daquelles que opprimiram durante setecentos annos a christandade e só depois de sangrenta peleja se deixaram vencer. Vivem, todavia, em relativa segurança. Prova de que outros motivos, além da intolerancia religiosa, condemnam á execração geral os circumcisos. Para explicar o sentimento publico, basta o odioso papel desempenhado pelo judeu na vida economica do paiz. Quanto rancor e malquerença devem provocar esses homens, de avidez proverbial, que numa sociedade pobre, toda ella de lavradores e guerreiros, açambarcam o commercio, exploram a onzena, arrecadam os impostos da coroa e os direitos da Igreja, cobram os fóros e rendas para os senhores da terra, corvejam sobre a miseria alheia, encarnando aos olhos do vulgo a ferocidade do Fisco e a voracidade da Usura! Não é tudo: o instincto obscuro da raça adverte o hispano-romano do perigo que, para o cumprimento de seus destinos, representa aquella gente, de mentalidade tão diversa, tradições tão vivazes e tão difficult assimilação. E' uma colonia estrangeira que estrangeira permanece atravez das gerações, sem integrar-se jamais na população indigena. Bem pode ser que a culpa seja daquelles que os ultrajam, oprirem, segregam ha dois mil annos. Mas o facto é que o judaísmo se orgulha de ser simultaneamente uma religião e uma nacionalidade. Assim, não subverte apenas a unidade da fé. Quebranta ainda a unidade nacional.

Para conjurar a ameaça, duas politicas empregam baldadamente os portugueses: a expulsão e a conversão. Mallogra-se a expulsão, porque ás difficulties creadas pelo numero consideravel dos attingidos, se acrescenta a natural frouxidão com que os soberanos executam uma lei que os empobrece de tantos vassalos. Mais inefficaz ainda, por motivos evidentes, se mostra a conversão imposta pela força e inspirada pelo interesse ou pelo medo. O marrano ou converso continua judeu.

O mal estar produzido pelo fracasso dessas tentativas de integração explode ao menor pretexto em matanças e pilhagens. De sorte que, ao installar-se de vez em 1547, o Santo Officio vem simplesmente legalizar e systematizar, pela execução e pelo confisco, o que antes se fazia, sem forma nem figura de juizo, por decreto summarissimo das multidões, no pretorio anarchico das ruas. Um progresso, afinal de contas...

## II

Não ha lutheranos a combater. Abortada a creaçao da França Antárctica para refugio dos huguenotes de Coligny desapparecem de todo as sementes que porventura tenha deixado a prégação dos theologos calvinistas, trazidos á Guanabara em 1557 por Bois-le-Comte. Os poucos franceses que ficam na terra, após a debandada, não resistem á accão do meio e voltam a professar o catholicismo. E' instructivo o depoimento de um delles, prestado na Bahia em 1592, perante o visitador do Santo Officio.

Aportuguesando o nome, diz chamar-se Pero de Villa Nova, "francez de nação", natural de Provins, filho do cavalleiro Nicolás de Colheni (Coligny?) e de sua mulher Nicola Simonheta, casado com Lionor Marques de Mendonça, morador em Cerejeira do Conde. Declara ter vindo na frota de tres naus, com Bois-le-Comte e "muitos monseores", entre os quaes "Monseor de Bolex" e outros que nomeia. Chegados ao Rio de Janeiro, "costa deste Brasil, aonde povoaram e não havia ainda... nem um portuguez", os expedicionarios adeptos da Reforma que eram mais numerosos e poderosos que os catholicos, "começaram a espalhar seus

livros luteranos e semear sua doutrina luterana, fazendo escolas públicas de sua seita, constrangendo e forçando com açoites a todos os mancebos de pouca idade que fossem ás ditas escolas e doutrinas". Ao cabo de onze mezes, o confessante resolveu fugir, e se foi meter com os negros gentios, entre os quaes andou algum tempo, vindo ter afinal a S. Vicente. E' ahi que surge tambem um dia Jean Cointa, "monseor Bolex", "homem duto nas letras latinas, gregas, hebraicas e mui lido na escriptura sagrada". Não sabe sonegar o que sente, e começa "a vomitar a peçonha de suas heresias". Não tarda, porém, que o mandem preso á Bahia, por iniciativa do padre Luis da Gram. Despacham-o a seguir com destino a Lisboa, de onde vae degredado para a India. Mais ou menos por esse tempo é queimado na Bahia "um francez herege". São casos esporadicos. Mal aparecem e antes que se propague o contagio, acodem pressurosos os jesuitas: "e porque não ha peccado que nesta terra não haja" (da Bahia escreve Manoel da Nobrega em 1559), "também topei com opiniões luteranas e com quem as defendesse, porque, já que não tínhamos que fazer com o gentio em lhe tirar suas erronias por argumentos, tivessemos herejes com quem disputar e defender a fé catholica". Mesmo na parte sujeita ao dominio hollandez, o protestantismo não sobrevive á reconquista.

Também a questão judia está muito longe de ter, entre nós, a gravidade com que se apresenta em Portugal. Não é que sejam poucos os marranos. Devem ter affluido, numerosos, com as primeiras levas de colonos, na esperança, justificada pelos factos, de vida mais tranquilla. A metropole parece ver a principio com bons olhos a emigração para o Brasil desses filhos molestos; arrepende-se depois e lhes prohíbe a vinda em 1567; mas, afinal, ao termo de dez annos, revoga a proibição. E'-lhes propicio o ambiente. Industriosos, encontram oportunidades excepcionaes para ganhar dinheiro no commercio e na agricultura. Dentro em pouco estão senhores da maioria dos engenhos de assucar. Acoberta-os uma larga tolerancia. Tão larga que os mais accommodaticios recebem ordens sacras e se apoderam como vigarios da maioria das parochias, e os mais pertinazes retornam quasi publicamente ás praticas do mosaismo, a tal ponto que entre os bahianos é corrente o boato da existencia de uma *esnoga* ou *synagoga* em Matoim. Nada mais natural. De uma parte, falecem aqui as razões de ordem politica e social que tornam insupportaveis á população do reino os adoradores de Adonai. De outra parte, a hostilidade do meio, as tropelias do selvagem, as incursões do inimigo externo, tudo isso obriga á solidariedade em face do perigo os adventícios da mesma origem, christãos velhos de todos os costados e christãos novos, meios e inteiros. Só depois de assenhoreada a terra e normalizada a vida, turbam de novo as consciencias os preconceitos que o instincto de defesa recalcará.

## III

Succursaes do Santo Officio installaram-se em Goa desde 1569, no Mexico e no Perú por volta de 1569, e em Carthagena das Indias ao começar do seculo XVII (1610). E' estranho que nunca se tenham lembrado de contemplar-nos com igual calamidade. Repugnancia do fisco em repartir com a colonia os bens dos condenados, carencia dos frades necessarios ao funcionamento da instituição, maior facilidade de comunicação com a metropole do que entre as diferentes partes do Brasil, taes os motivos presumiveis que suggerem Capistrano de Abreu.

Mas, embora amortecida pela distancia, a actividade do tribunal de Lisboa se faz sentir em nosso meio.

A principio a Inquisição não inspira grande pavor aos vicentistas. Bem conhecidas são as palavrinhas escarninhas daquelle mameluco de S. André, quando ameaçado de responder no juizo terrivel por certas praticas suspeitas de gentilidade: "Acabarei com a Inquisição a frechadas"... Os factos se incumbem de demonstrar aos descendentes de João Ramalho que a fera não se deixa matar tão facilmente.

Logo depois de implantado em Portugal, o Santo Officio nomeia seu commissario no Brasil o bispo de S. Salvador, D. Antonio Barreiros. Serve-lhe de assessor o jesuita Luiz da Gram; e é naturalmente nessa qualidade que, segundo vimos, providencia a prisão de Jean Cointa em S. Vicente. Os poderes do commissario se limitam ao preparo do processo e á remessa dos autos e do indiciado para Lisboa, onde se faz o julgamento.

Não satisfeito com ter essa representação permanente, o Inquisidor Geral despacha de vez em quando um deputado do Santo Officio, a verificar pessoalmente o que vae pelo ultramar. E', na expressão feliz de J. Lucio de Azevedo, uma verdadeira operação policial. O visitador vem armado de plenos poderes para inquirir "contra todas e quaesquer pessoas, assim homens como mulheres, vivos e defuntos, presentes e ausentes, de qualquer estado e condição, prerrogativa, preeminencia e dignidade que sejam, isentos e não isentos, visinhos e moradores que se acharem culpados, suspeitos ou infamados no delicto e crime de heresia ou apostasia ou em outro qualquer que pertença ao Santo Officio da Inquisição... e assim contra os autores, receptadores e defensores dellas".

São duas as visitações "ás partes do Brasil", de que se guarda noticia. Da primeira, levada a effeito em 1591 pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça, "capellão fidalgo d'El-Rei Nossa Senhor e do seu desembargo, deputado do Santo Officio e visitador apostolico em nome de Sua Alteza (o cardeal archiduque Alberto d'Austria, inquisidor geral) nas cousas da santa fé catholica deste bispado do Brasil", os estudiosos teem agora conhecimento abundante, pela edição das "Confissões da Bahia", que devemos ao zelo esclarecido de Paulo Prado. Ao que se collige do volume publicado, só as capitaniais do norte são percorridas pelo emissario do tribunal entre 1591 e 1595.

Em 1618 aporta ao Brasil, investido das mesmas funcções, o famoso Marcos Teixeira, que posteriormente (1622) é elevado ao solio episcopal da Bahia. Pouco se conhece desta segunda viagem de inspecção. E' possível que se tenha estendido ás terras da administração do Sul. Em todo o caso, ao simples annuncio da visita, abalam, tomados de medo, para Buenos Aires, os christãos novos que por aqui se encontram.

Alarme infundado. A impressão que se colhe dos documentos divulgados é que da acção dos visitadores não resulta grande malefício para a colonia, ou porque sejam poucos e despresiveis os culpados, ou porque sejam brandos os juizes.

Mais tarde, na alvorada do seculo XVIII, é que se desencadeia a perseguição. Padecem-a sobretudo os moradores do Rio de Janeiro e capitaniais vizinhas. Contribue para isso a actividade feroz de frei Francisco de São Jeronymo, bispo de S. Sebastião (1702-1721), saudoso das torturas em que antes se comprazia, como qualificador do Santo Officio em Evora. Contribue tambem, no depoimento de D. Luiz da Cunha, a cupidez da fazenda real, assanhada pela perspectiva de confiscos fructuosos; a maioria dos indiciados se compõe de proprietarios de engenhos. "Houve anno (são palavras de Varnhagen, II, p. 835 e s.) em que se pren-

deram mais de 160 pessoas, ás vezes familias inteiras, sem excepção das creanças. Nos autos de fé de 1709 em Lisboa apareceram já algumas desgraçadas filhas do Brasil... No anno de 1713... foram 66 os sentenciados, incluindo 39 mulheres". Ha, neste ultimo trecho, um equivoco: os homens são 32 e as mulheres quarenta (J. L. de Azevedo, pag. 333).

Os paulistas contribuem com mais de uma vítima para o carcere e para a fogueira. Dentre os 221 colonos ou naturaes do Brasil, sentenciados em Lisboa no periodo de 1711 a 1767, são paulistas de nascimento ou de adopção:

— Braz Gomes de Siqueira, "parte de christão novo", nascido em Santos e morador na capitania do Espírito Santo, "convicto, negativo e pertinaz" (auto de fé em 13 de Outubro de 1726);

— Domingos Luiz Leime, de 43 annos, sem officio, nascido em São Paulo e morador na Villa de N. Sra. do Bom Successo, accusado de bigamia (auto de fé em 17 de Junho de 1731);

— Manoel de Mendonça Valladolid, de 37 annos, christão novo, "tratante", nascido em Valladolid, reino de Castella, e morador no sitio de N. Sra. da Penha de França, "convicto, ficto, falso, simulado, diminuto e confitente" (auto de fé em 17 de Junho de 1731).

O primeiro, "pessoa defunta nos carceres", é "relaxado em estatua"; o ultimo, "relaxado em carne"; do outro não se declara a sentença (Varnhagen, na *Rev. do Inst.* 6.332 e 754).

São factos posteriores á epoca de que nos vimos ocupando. Mas um dos inventarios em estudo denuncia que, já em começos do seculo XVII, a Inquisição correja sobre a cabeça e a fortuna dos vicentistas.

Provam-o os autos em que se dá conta de toda a fazenda "sequestrada e botada em inventario de Cornelio de Arzão, flamengo, aqui morador, pelo Santo Officio" (XII, 71).

Trazido por D. Francisco de Souza, tambem chamado "D. Francisco das Manhas", Cornelio de Arzam veiu á capitania com o encargo de edificar os engenhos das minas, mediante o salario de 200 cruzados. Em S. Paulo se fixou e constituiu familia, casando-se com Elvira Rodrigues, filha do capitão-mór Martim Fernandes Tenorio de Aguilar, pessoa nobre da governança da terra. Foi elle o tronco de uma progenie illustre de sertanistas que lhe immortalizaram o nome. Não se sabe o motivo por que se indisposz com os jesuitas. O facto é que o encontramos excomungado e preso em 1628.

A 1.<sup>o</sup> de Abril desse anno, "por ordem e mandado do senhor inquisidor Luiz Pires da Veiga" (o mesmo deputado do Santo Officio que em 1626 percorreu como visitador as colonias africanas), o juiz ordinario Francisco de Paiva se transportou ao logar "onde chamam Pirituba", (\*) levando consigo Manoel Ribeiro, "meirinho da Santa Inquisição" e os tabelliões Simão Borges de Cerqueira e Fernão Rodrigues de Cordova. Era meia noite, mais ou menos, quando chegou a comitiva á "roça e fazenda" do desventurado. O meirinho bateu á porta da casa, dizendo, "da parte da Santa Inquisição", que lh'a abrissem. Obedecida a intimação pela mulher do réo, mandou-lhe o juiz que entregasse as chaves da casa "e de todas as caixas que tivesse". Na manhan seguinte começaram o arrolamento e avaliação dos bens, prestando os avaliadores "o juramento dos Santos Evangelhos sobre a cruz que o meirinho traz no

(\*) Na avaliação dos bens deixados por falecimento de Arzam, a fazenda e o sitio é localizada "junto a Boy, da banda além do rio Jerabaty".

peito, insignia do Santo Officio". Nada escapou ás garras da justiça: duas peças de Guiné, ferramentas de laboura e de carpintaria, pratos de estanho, pratos e tigelas de louça de Lisboa, retalhos de sarja, de raxeta, de picote, de bertangil, de baêta, de tafetá, de carrequim, de sarjeta de senhor, de bombazina, de paratudo, de panno de algodão, meias velhas, ligas "de tafetá pardo guarnecido com suas pontas", uma saia de mulher "de grisé azul passamanado", vinte e sete grãos de ouro, quatro aljofres, trinta e duas patacas, um esgaravatador sobredourado, um relicario, um oculo de Flandres de olhar ao longo que se não avaliou por se não saber o que vale...

Em continuaçāo, foram sequestrados um outro sitio com o seu "moi-nho de moer trigo moente e corrente", a "ametade do Engenho de Fer-ro" que "não se avaliou por não haver pessoa que o entenda", as casas da villa, as dívidas activas. Constatam estas ultimas de um "termo das pessoas que sahiriam á excommunhāo", isto é, que, para não incorrerem em semelhante pena, accusaram em juizo o que deviam ao preso. Entre esses devedores figuram Bernardo de Quadros e os herdeiros de Belchior da Costa, responsaveis "pelo que se deve a Cornelio de Arzam das obras que fez na Igreja Matriz", como "officiaes da republica que eram no tempo que se arrecadou a finta da dita Igreja".

Com a venda dos bens em hasta publica e a arrecadaçāo das dívidas, terminam os autos. Delles não consta, nem os chronistas esclarecem qual o desfecho do processo. Mas é sabido que Arzāo foi afinal restituído á liberdade e viveu tempo bastante para juntar novos cabedaes. O inventario effectuado por motivo de sua morte em 1638 demonstrou a existencia de um acervo estimado em 562\$740.

## IV

Mais damnosa á religião que as doutrinas hereticas é a vida escandalosa em que chafurdam os sacerdotes exportados da metropole para a America portuguesa.

Dignidades e conejos passam a existencia em peccado publico, pregando com o exemplo e com a palavra o direito dos senhores ao corpo das escravas. Não ha violencia ou fraude contra os indigenas que lhes mereça condemnaçāo: chamam "cães" aos aborigenes e tratam-os como tales. Comprazem-se em crear as maiores difficuldades á catechese, chegando um delles "communicado do diabo", a levar "o principal de uma aldeia ao seu adversario para fazel-o matar e comer", o que, depois de alguma reluctancia, conseguiu, "sem outro proveito... senão que teve não sei que pouca de fazenda".

Simoniacos e libertinos pinta-os o santo Manoel da Nobrega, em uma de suas cartas (1551), com este grito de horror: "teem mais officio de demonios que de clérigos". As confissões escabrosas do vigario Fructuoso Alvares e do conego Jacome de Queiroz ao primeiro visitador do Santo Officio (1591) relatam que, ainda em fins do século XVI, é deplorável a moralidade do clero bahiano.

De homens dessa fragilidade não ha esperar uma reacção contra a cobiça e a luxuria, peccados específicos das terras novas. A emenda virá dos jesuitas. Porque só elles podem mostrar, como Anchieta, por baixo da roupeta esfarrapada, feita de retalhos de velas nauticas, a carne devastada e emmudecida pelas penitencias. Fortes da autoridade que lhes outorga uma vida intemerata, não attendem nem á qualidade dos pecca-

dores, nem á violencia das medicinas. A' porta da casa em que o sacerdote transviado se reune com a amasia, Nobrega se põe a bradar, escandalisando e amotinando a povoação inteira, que Jesus está sendo crucificado mais uma vez debaixo daquelle tecto. Outra vez admoesta em publico o ouvidor poderoso, responsavel pelo descaminho da mulher de um desgraçado.

## V

Arma formidavel naquelle tempo era a excommunhão. Della se utilisavam a miude como processo rapido e seguro de cobrança. Sirva de amostra o caso de Benta Dias, "dona viuva", moradora em Parnahyba (Antonio F. de Vasconcellos, VII). Porque não quer ou não pode pagar cincuenta "pesos" de que se intitula credor o frade Manoel Pereira, é excommungada por frei Gaspar Sanches, juiz conservador de S. Anna das Cruses. Só depois de concertada com o monge, "por via de paz e amizade", consegue ser "absolta". Verdade seja que nem todos se deixam intimidar pela ameaça, ou porque descreiam da efficacia da pena, ou porque prefiram á salvação problematica da alma o goso certo do dinheiro mal havido.

Assim, no testamento de João da Costa, ermitão de S. Antonio, se nos deparam estas palavras indignadas: "Declaro que Braz Machado e Francisco Sotil me roubaram a minha madeira que tinha no quintal... e que tirei carta de excommunhão, e que nunca saíram a ella, e outras couçoeiras que deixei em Bituroa... tambem as furtaram, e não saíram a elles, e se confessam sem pagarem o alheio". Com o correr dos tempos, os paulistas vão perdendo o medo ás penas espirituas. Em Julho de 1633 Antonio Raposo Tavares e outros potentados assaltam o collegio e a igreja do aldeamento de Baruery, expulsam os jesuitas, despejam os moveis e alfaias, apossam-se dos indios. Os ignacianos conseguem do vigario de Parnahyba uma sentença de excommunhão contra os amotinados. Sabem como estes acolhem o padre Antonio de Marins, que, na qualidade de escrivão do processo, vae intimar-los da condemnação? Dil-o Azevedo Marques: arrancando-lhe das mãos a sentença e rompendo-a.

## VI

Outro abuso inveterado e largo é o commercio das bullas da Santa Cruzada.

Em nome do Sumimo Pontifice, "ora na Igreja de Deus presidente", as bullas exortam a christandade a contribuir com esmolas para a "sustentação dos logares de Africa sujeitos á coroa de Portugal", e "a defensão de N. S. Fé contra os Mouros e outros infieis inimigos della", promettendo em troco um sem numero de graças. Variam de typo e de preço, acommodando-se ás preferencias e posses dos compradores. Podem ser, á escolha, de "confissão", de "composição", de "vivos", de "defuntos". Custam, conforme a especie, dois e quatro vintens, cincuenta reis e tostão.

Da bulla dos defuntos existe um exemplar no inventario de Mathias de Oliveira (VI) e outro no de Antonio Bicudo de Brito (XXVI), genro do capitão-mór Guilherme Pompeu de Almeida. E' admiravel a

segurança com que se affirma ao doador: "e por quanto vós déstes meio tostão, fica livre das penas do Purgatorio a Alma, pela qual foi vossa tenção dar dita esmola". Que poder tem naquelle tempo meio tostão!... Mas o mais extraordinario é que, sob pena de nullidade, a assignatura do comprador ha de constar do documento: "não o levando, nem escrevendo nelle o seu nome, não lhe valerá". De onde se conclue que as portas do paraíso se conservam fechadas até a verificação dessa formalidade tâbellioa...

Não menos curiosa, a de composição, tambem constante dos autos precipitados. Consiste a sua virtude em forrar os que possuem certos bens alheios á obrigação de restituil-os. Mediante o pagamento de uma taxa proporcional ao montante da dívida, taxa variavel de um a dois tostões por fracção de 5\$000, fica o peccador autorizado a reter, "em boa fé e consciencia, como cousa sua já legitimamente adquirida", aquillo que lhe não pertence. Nem todos os peccados contra o septimo mandamento são passiveis de composição em dinheiro com a justiça divina. O favor alcança "os fructos dos benefícios ecclesiasticos mal recebidos por defeito de não resar as Horas Canonicas, ou mal havidos por censuras e penas; a ametade de todos os legados feitos em descargo de cousas mal levadas e adquiridas", quando os legatarios sejam negligentes por um anno na cobrança delles; os legados feitos a pessoas que, procuradas, se não encontrem; "quaesquer bens mal havidos, levados ou adquiridos por onzena, ou por qualquer outro modo illicito, por qualquer fórmula, officio ou trato", se não fôr possivel restituil-os aos prejudicados, "como muitas vezes acontece nas cousas que se acham, se lhe não sabe proprio dono, e nos que dão danno com seus gados, ou andando á caça, e não lhe pode constar a quem, e nos que vendem a muitos por falsos pesos, ou medidas, ou cousas falsificadas, ou misturadas, e não podem restituir ás mesmas pessoas a que defraudaram".

Do "summario" deve constar, em principio, o nome do peccador; mas, não desejando ser nomeado, tem o adquirente o recurso de escrever simplesmente "Fuão, por letra de mão".

O consumo de bullas deve ser consideravel. No espolio de Manoel Fernandes Sardinha (VIII), que, segundo parece, negociava o artigo, se arrecadam quatrocentas e noventa e duas.

Os testadores teem o cuidado de munir-se, para a ultima viagem, desses poderosos salvoconductos.

Fernando de Camargo (XXIII) determina a compra de uma duzia das de composição, "por algum danno que faria o seu gentio a alguem, e as suas creações a algum visinho, e de que não é sabedor". Com duas se contenta Catharina Dorta (XXIII). Antonio Bicudo de Brito (XXVI) manda que lhe tomem "a mór cautela" vinte e cinco, embora não se lembre de haver-se locupletado com "alguma cousa mal levada, salvo por não saber", no tempo em que "teve seu trato nesta villa".

Dahi se vê que o homem não tinha vocação para o commercio. Andou com acerto em mudar de profissão.

## VII

De quanto são crentes e devotos os christãos daquella época, ha documentos abundantes no capítulo em que estudámos ao bem da alma e ás disposições funerarias. A primeira de que se faz menção nos autos divulgados, é a de N. Sra. do Rosario. Deixa-lhe Isabel Felix (I), em

1596, uma novilha de anno. As da Santa Misericordia, S. Miguel, S. Antonio e Santissimo Sacramento são nomeadas desde 1599 por Isabel Fernandes de Abreu (I). Allusões posteriores aparecem ás de S. Sebastião, S. Amaro, S. João Baptista, S. Francisco, N. Sra. da Piedade, Descendimento da Cruz, Fieis de Deus, Onze Mil Virgens, S. Paulo, S. Catharina, S. Braz, Todos os Santos, N. Sra. da Apresentação, S. José, S. Pedro, N. Sra. da Boa Morte, S. Benedicto, Almas, Santos Passos, N. Sra. de Montserrat, N. Sra. da Conceição, e outras.

Mais de um testamento se refere á ermida de Guaré, Guaré ou Guarepe, que fundada por Domingos Luiz, o carvoeiro (1603), depois se converte no Recolhimento de Nossa Senhora da Luz. Entre os ermitões aquinhoados com esmolas se encontram Manoel de Atoquia e Antonio João.

Além dessa ermida, outra existe, a de S. Antonio. Ahi se refugia João da Costa, o velho (XII), malquistado com a familia e desgostoso do mundo: "Enterrem-me em esta ermida de S. Antonio, já que me puz aqui, em sua casa, para o servir, e fiz este corredor com licença do padre vigario... e havendo, depois de morto, alguma pessoa honrada, pobre, que o queira servir ao Santo em lhe varrer sua casa, pois essa foi minha tenção, dê-lh'o em sua vida com esta condição... pois os mordomos têm tão pouca devoção de ter cuidado e lhe varrer a casa, que se passava de anno e não ia nenhum varrel-a; que por isso o deixo para limpesa da igreja"...

João da Costa consagra humildemente os seus ultimos dias ao asseio da casa do Santo. Outros tomam sobre si encargos mais vistosos. No requerimento em que Anna Ribeiro de Almeida e José de Gomes Moraes pedem dispensa para o casamento, por serem primos, allegam os nubentes que cada um de seus antepassados, capitão-mór Guilherme Pompeu de Almeida, Dr. Guilherme Pompeu de Almeida, D. Anna de Proença e capitão Pedro Paes de Barros, edificou á sua custa uma igreja.

Não são muitos os que podem arcar com despesa tamanha. Mas ninguem deixa de contribuir, no limite de suas posses, para o adorno e o patrimonio dos santuarios.

Das devoções antigas a unica sobrevivente, com a mesma popularidade, é a do Senhor Bom Jesus de Iguape. Sebastião Paes de Barros (XVII) confessa dever-lhe a quantia relativamente avultada de 47\$500, "que se lhe pagará em panno de algodão".

Outras, muito vehementes e vulgares na epoca dos inventarios coloniaes, se foram arrefecendo aos poucos e sairam da moda; o que demonstra que tão passageiras como as glórias deste mundo são as do outro, afinal de contas.

Quasi todos os testadores deixam uma referencia carinhosa a N. Sra. da Conceição de Itanhaem ou Tanhae ou Itanhae. Este incumbe o testamenteiro de fazer-lhe uma romaria (Maria Baptista, XII); aquelle "por serviço de Deus e resguardo de sua consciencia", manda entregar uma toalha para o altar-mor (Anna Maria Rodrigues, XXIII), ou "um lenço em guarda" (Antonia de Chaves, XVIII), ou "cera quanto pesar uma criança de anno" (Diogo Machusa, III).

Objecto de veneração unanime é tambem a N. Sra. da Conceição dos Maromenis, Marmemis, Guaramemis ou Guarumemins. Parece tratar-se da padroeira de uma aldeia sita para os lados de S. Sebastião, em terras habitadas pelos indios Maromimis (Simão de Vasconcellos e Frei Gaspar) ou Muiramomis (Theodoro Sampaio). Pertence-lhe uma vacca preta, legada por Antonio Rodrigues (XI). Luiz Folgado (VII), Catharina de Medeiros (VIII), Maria Bicudo (VIII) lhe devem missas e romarias.

De N. S. de Maruhy, tambem mencionada a meude nos testamentos, ninguem fala hoje em dia. Sirva isso de consolo ás Onze Mil Virgens, que andam igualmente esquecidas. Grande, no entanto, é a sua popularidade nos tempos coloniaes. Arrolando as reliquias existentes nos collegios e casas da Companhia, Anchieta menciona seis cabeças, encastoadas em prata, das companhias de S. Ursula, "que tudo é grande consolo para os desta terra, de casa e de fóra".

## VI

Varias são as dádivas com endereço a N. Sra. dos Pinheiros. E' de imaginar-se o alvoroço produzido pela noticia do attentado sacrilego de que foi theatro, por volta de 1614, a igreja daquella aldeia. O caso vem sumariado na acrimoniosa representação que em 1642 os paulistas enviaram ao "catholico, benigno e invictissimo Rei e Senhor", para justificar a expulsão dos jesuitas levada a effeito no anno anterior. "Por ordem de um indio a que obedeciam e tinham por santo", alguns indigenas "se foram á igreja da aldeia dos Pinheiros, onde o dito Indio se creou". "Ali chegados, acommetteram o templo e decapitaram a imagem de Maria. Por uma extravagancia de que só os doidos e os selvagens são capazes, o cabeça do motim "se poz a si o nome de mãe de Deus".

Não custa muito rastrear no caso um daquelles episodios da vida religiosa do gentio, conhecidos pelo nome de "caramoinhaga", que, em vulgar, significa "santidade".

De tempos a tempos se espalhava na aldeia a noticia da chegada proxima do "caraiba". Era um feiticeiro ou vidente, que vinha de longe, a fazer prophecias e prodigios. Ao annuncio da visita, os moradores limpavam os caminhos e preparavam-se para a festa. No mulherio a approximação do caraiba produzia este effeito singular: davam a correr "de duas em duas pelas casas, dizendo publicamente as faltas que fizeram a seus maridos umas ás outras, pedindo perdão dellas". Porque? Talvez porque preferissem confessar deste logo os peccados, que lhes pesavam na consciencia, a serem denunciadas e confundidas pelo feiticeiro, para quem o passado e o futuro não tinham segredos.

Recebido com choros e dansas á moda gentilica, o receivendo escolhia para a celebração das ceremonias rituaes um aposento bem sombrio e com o seu "maracá" se installava na parte mais conveniente. Consistia num cabaça toda ornamentada, a simular grosseiramente a figura humana.

Utilisando-se de suas habilidades de ventriloquo, para convencer os circumstantes de que era a cabaça que falava, o feiticeiro começava em falsete a prégar a boa nova. Para governar os homens a receita é sempre a mesma: lisongear-lhes os apetites e as paixões. Aos olhos do incola imprevidente e madraço a felicidade estava na suppressão de todas as canceiras. Pois bem: approximava-se o tempo (dizia o pregador) em que as enxadas se poriam sosinhas a trabalhar a terra, as frechas iriam por si mesmas em perseguição da caça, e, nascidos sem esforço humano, os mantimentos correriam espontaneamente a encher os celleiros. As velhas encarquilhadas voltariam a ser moças e bellas. Os guerreiros teriam victorias faceis, com grande copia de captivos. Que não tivessem receio dos brancos: todos elles estavam prestes a transformar-se em animaes de penna e pêlo, para alimento da tribu. E ai dos incredulos! Ali estava o caraiba, para transmudal-os, quando lhe aprouvesse, em paus e pedras, em passaros e bichos do matto. Era tão grande o seu poder que

exterminava de um golpe a lagarta das roças e fazia bailar o engenho e o senhor com elle. Havia na assistencia quem desejasse adquirir a "santidadade", o espirito divino, virtude que o feiticeiro encarnara? Nada mais facil: elle podia communical-a aos fieis, "com o depennar e assoprar". Quer isso dizer, talvez, que o thaumaturgo da matta virgem se punha a fumar o *petum*, herva santa ou tabaco, atirando baforadas de fumo ao rosto dos aspirantes. Depennados e assoprados, os homens começavam suar e tremer desabaladamente, enquanto as mulheres, mais sensiveis, rolavam por terra, em convulsões, "escumando pelas boccas".

Durava a prégação dias e mezes, e, com ella, as dansas e os banquetes regados a caiún.

Assim era no tempo das cartas de Nobrega e das informações de Anchieta. Mas, em breve, o authropismo indigena se foi enfeitando de arremedos do catholicismo, em troca das supersticoes com que ia enriquecendo a credice dos colonos.

Dessa deformação progressiva dão testemunho o episodio de Pinheiros, e aquelle, mais significativo, sucedido na Bahia por volta de 1586 e noticiado minudentemente nas confissões da Primeira Visitação.

Quem inicia o movimento não é mais um dos velhos caraibas incultos, que guardavam em toda a sua pureza as crenças primitivas da gente brasiliaca. Em S. Paulo o impulso vem de um indio criado na propria aldeia de N. Sra. dos Pinheiros, sob a direcção dos jesuitas; na Bahia nasce de outro, chamado Antonio, educado tambem "em casa dos padres da Companhia de Jesus, no tempo em que elles tinham aldeias em Tinhare, capitania de Ilhéas".

Antonio se internou um dia no sertão, municido do que aprendera no commercio com os portugueses e na frequentaçao das igrejas. Assim preparado, não tardou a remoçar a "Santidade" tradicional, com o enxerto de algumas ceremonias da liturgia catholica nas praticas da feitiçaria indigena.

Desta aproveitou o nome. Aproveitou igualmente a ideia central, anunciando o advento proximo de uma idade de ouro, em que reinariam a abundancia e a preguiça e os brancos passariam de senhores a escravos.

Mas do ritual primitivo só conservou as fumigações: "defumavam-se (relata uma testemunha) com fumos da erva que chamam erva santa, e bebiham o dito fumo até que cahiam bebados com elle, dizendo que com aquelle fumo lhes entrava o espirito da santidade".

O mais era uma simples caricatura boçal do catholicismo. Antonio intitulara-se Deus e Senhor do Mundo, e sua mulher Mãe de Deus. Entre os sequases havia um Jesus, uma Santa Maria, e santos e santas a rodo, além de vigarios, confrarias e ministros "que ensinavam a doutrina". Baptizavam os neóphitos: "com duas candeias accesas, com um prato d'agua, bensendo-a, lançam-lh'a pela cabeça". Um delles recebeu no baptismo o nome de Pae Jesu Pocu, ou, em vulgar, Senhor Jesus Comprido... Serviam-se de contas para as suas orações, empregando nas resas e ladainhas, á mingua de latim, "certa linguagem por elles inventada". Adoravam um idolo de pedra, "figura de animal, que nem demonstrava ser homem, nem passaro, nem peixe, nem bicho, mas era como chimera". Além das capellas que levantavam, munidas de altares, pias de agua benta, tocheiros e sacristias, contrafaziam os cruseiros, mettendo cruzes em "montes de pedra, e ao pé dellas para todas as partes em redondo riscavam no chão uns riscos".

Em torno de Antonio se juntou rapidamente uma verdadeira multidão de indios pagãos e baptisados, forros e captivos. Despovoaram-se as roças. A "erronia ou abusão" chegou a contaminar os colonos, e, entre elles, Fernão Cabral de Tayde, poderoso senhor de engenhos, que por dois mezes deu abrigo aos fanaticos em sua fazenda de Jaguaripe do Reconcavo. A mulher de Fernão explicava ingenuamente o motivo por que se deixara impressionar: "tinha para si e dizia que não podia ser aquillo demonio senão alguma cousa santa de Deus, pois traziam cruzes de que o demonio foge, e pois faziam grandes reverencias ás cruzes, e traziam contas, e nomeavam Santa Maria".

Afinal o governo da colonia resolveu dizimar a ferro e fogo os se-quases de Antonio.

Passados trezentos annos, a Santidade resurge, com outro nome, em Canudos, no Joazeiro, em Itararé, no Contestado. E' a mesma vesania epidemica de fundo religioso, a atacar a mesma gente, com os mesmos symptomas e o mesmo desenlace.

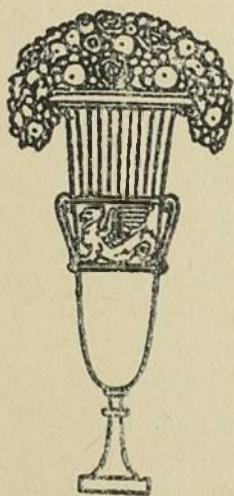
Frei Manoel, Antonio Conselheiro e todos os outros messias tragicomicos do sertão brasileiro não passam de avatares daquelle indio boçal, que fanatisava a escravaria vermelha e abalava a consciencia dos proprios colonos setecentistas. Os caboclos que tudo abandonam para acompanhal-os de pouso em pouso, contagiados de sua loucura, e se batem heroicamente contra os batalhões mandados para dispersal-os, reencarnam a alma do aborigene, de que descendem, indomavel e ingenua, resistente aos soffrimentos, apaixonada pela vida aventurosa e vagabunda, impavida em face dos homens, cheia de sustos em face do desconhecido. Os tres seculos decorridos não modificaram siquer a fórmula ou conteudo do delirio collectivo: na vasa das superstições e crendices fermentam aspirações de ordem social. Aos devotos que o cercavam, sahidos da raça espoliada, Antonio promettia que, dentro em pouco, invertidos os papeis, os brancos passariam de senhores a escravos. O caraiba de agora fala a um auditorio analogo, de sertanejos miseraveis e incultos, escravos da ignorancia e da molestia, espesinhados e perseguidos pelos chefetes do interior; e aponta-lhes como causa unica de tantas privações e iniquidades a cólera de Deus, provocada pela impiedade dos republicanos, que, estabelecendo o casamento civil e secularizando os cemiterios, sobrepuzeram sobre as leis divinas "a lei do cão". Os considerandos são falsos; mas a conclusão está certa e a sentença é justa. Porque, afinal, o grande culpado de quanto padecem as populações rurales é o governo central que os abandona e segregá, negando-lhes remedio, instrucción e justiça.

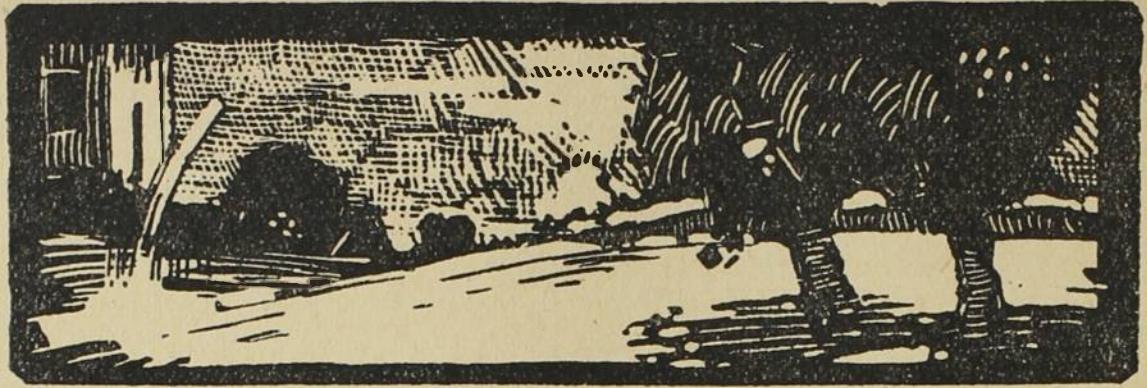
Com leves diferenças de substancia e de forma, a "erronia e abusão" do seculo XVII continua a ser a religião do caboclo do seculo XX. Parece fabricada de acordo com uma daquellas receitas allucinantes da feitiçaria medieva, em que entravam os elementos mais nobres e as cousas mais imundas, o ouro e o excremento, a hostia consagrada e a carniça dos enforcados. Em suas crenças o sertanejo é tão mestiço como em sua constituição physica. Reflecte as concepções religiosas das tres raças de que provém: o mysticismo do branco, o fetichismo do negro, as superstições do bugre. Imagine-se um santuario em que Jesus e a Virgem se acotovelam e aconfradram com sacys e orisás... Nada mais logico, afinal, que esse disparate. Só as creaturas de mentalidade superior se contentam com abstracções. A grande maioria dos homens sente a necessidade instinctiva de materializar o objecto de seu culto: é incapaz de conceber divindades que não sejam tangiveis e concretas. No sertanejo essa tendencia universal

e eterna se agrava pela acção do atavismo e da ignorancia. Dizem-o e julga-se catholico. De facto é fetichista. Transmuda as imagens devotas em ídolos. As proprias orações, redul-as a escripto, para transfigural-as em fetiches. Até um caso de zoolatria se nos depara na chronica religiosa do Joazeiro, com o zebu do Padre Cicero, enfeitado de guirlandas votivas, beijado nos casclos e na giba pelos romeiros, succedaneo gecatá do boi Apis... Como esses caboclos estão proximos de seus antepassados bahianos, adoradores do manipanço de pedra, "nem homem, nem peixe, nem passaro, nem bicho"!

O espantoso é que, para combater endemia tão velha e de etiologia tão sabida, a therapeutica official continue a empregar as mesinhas violentas e estupidas do empirismo colonial: a baioneta e a bala. Paremos aqui. Depois das paginas definitivas de "Os Sertões", tudo quanto se escreva será desbotada paraphrase da sentença implacavel que, com o coração despedaçado, Euclides da Cunha teve a coragem de vasar no bronze contra seus irmãos.

ALCANTARA MACHADO.





## A FORMAÇÃO DAS CIDADES

---

Todos nós já quebramos a cabeça, em creança, com o brinquedo conhecido pelo nome de "jogo de paciencia", o "puzzle" dos ingleses. E' uma serie de quadradinhos que, dispostos de maneira certa, formam uma paizagem ou um quadro de genero. Mas para que formem esse quadro é mister acertal-os sem erro de um só.

A obra de Oliveira Vianna dá-nos essa impressão. A nossa formação como povo, a nossa historia, era uma serie de quadradinhos baralhados. Viamol-a sempre ás parcellas, sem visão integrada do quadro geral. O primeiro que conseguiu formar com taes parcellas o quadro certo da nossa paizagem historica, foi Oliveira Vianna. D'ahi a importancia capital de sua obra e a influencia crescente que ella está exercendo na mentalidade brasileira. Aclarou-se o chaos, apprehendemos as leis da nossa formação e podemos hoje tudo comprehender claramente.

Esse trecho de discurso que abaixo publicamos é uma prova disso. Hilario Freire, um dos mais lucidos viannistas que possuímos hoje, justificando na Camara Paulista um projecto de criação de comarcas, expõe o como da formação das nossas cidades, e faz sociologia pura.

O bom aluno recebeu a approvação do mestre. A carta que Oliveira Vianna lhe endereçou suggestivamente o demonstra.

Nada nos admira, sr. presidente, o quadro, hoje communum, dessa explosão de cidades vigorosas e vivazes. São simples pormenores do espectáculo majestoso, que pasma cada vez mais a nossa visão, dessa gigantesca vaga economica que alaga S. Paulo, deste S. Paulo, que, como disse, com justeza e lealdade, o deputado

Godofredo Maciel, num primoroso discurso proferido em 1921, na Camara Federal, "sempre foi na historia do Brasil, e tomára Deus nunca jámais o deixe de ser, o indice fiel, honesto e honroso da capacidade realizadora da nossa raça."

E qual tem sido o processo de formação social das cidades paulistas contemporaneas? por que, com a mediocridade de antanho, contrasta o esplendor de hoje nesses organismos evoluídos? Quaes são os factores operativos da sua apathia, ou da sua pujança, através dos tempos?

E' uma maxima da sabedoria antiga — *acquaes condunt urbs* — as aguas fundam cidades. No primeiro e no segundo séculos brasileiros, esse aphorismo está comprovado nesses coagulos brancos de povoações praieiras e littoraneas que nascem sobre as aguas do mar, e nesses ganglionamentos que os primitivos colonizadores estabelecem á orilha de nossos rios, sobretudo nos valles do Parahyba e do Tieté. A esse tempo, os rios são a base privilegiada da producção e da circulação de nossa riqueza, porque são os roteiros forçados para a temeridade e para o arrojo das entradas no sertão.

São tambem o nosso fundamento social, porque sobre as suas orlas se esboçam e se debruam os primeiros contornos do povoamento. E, sem duvida, util e excellente obra fará o historiador que tome para uma monographia essa linda these sobre a tunção social dos rios no Brasil.

O seculo immediato entrega essa missão social e economica dos rios aos centros mineradores. Não mais os rios agglomeram os homens. São as minas e catas, o diamante, o ouro, as pedrarias, longe dos cursos caudalosos, que agglomeram os arraiaes e as villas.

Mais tarde, vem o cyclo historico da repressão administrativa, em que as necessidades fiscaes da metropole, para arrecadar os quintos de ouro e as colheitas de diamantes, domando a rebeldia dos potentados e vergando-os ao jugo do poder, constituem o criterio ocasional e preponderante para as novas divisões judiciarias e administrativas e para a creaçao e remodelação das capellas, villas, cidades, termos, comarcas e capitanias.

Depois da independencia, passam as cidades a ser uma peça accessoria da instituição do latifundio. Esmagando-as, subjugando-as, actua compressivamente a acção simplificadora dos grandes dominios, definida magistralmente pelo genial Oliveira Vianna, nas suas "Populações Meridionaes do Brasil".

As cidades, então, nascem e vivem secundariamente das conveniencias pessoaes, economicas ou politicas, dos preconceitos, munificencias ou sentimentos religiosos dos magnatas. As grandes fazendas do Imperio gosam de uma verdadeira soberania econo-

mica, dentro do seu isolamento, como um Estado em miniatura. Essas vastas propriedades têm a sua sociedade propria, a sua população, o seu territorio, a sua industria propria, o seu commercio proprio, o seu transporte proprio, com as suas tropas viageiras.

E, meus senhores, como bem observa o mesmo autor, Oliveira Vianna, nesse periodo, "os nossos nucleos urbanos do interior rural nada valem como mercados. Habitados por uma população escassa e pobre, têm uma clientela restricta... O dominio fazendeiro, com a sua organização escravagista, por um lado, por outro, com a sua plena independencia"... "mediocrisa as cidades, as vilas, as aldeias e as despovoa e atrophia".

Vegetação rasteira, ao pé da arvore frondejante do latifundio, a cidade arrasta em nossa historia pesadamente a sua inferioridade, durante todo o tempo em que a nossa estructura economica repousava sobre o grande senhor, o feitor e o captivo.

Mas, com a extincão do trafego africano, com a libertação dos nascituros, com a alforria dos sexagenarios, essa construcção do trabalho, excessivamente rigida, mas abalada, peça por peça, de pouco em pouco, pela força incoercivel e cada vez maior da interdependencia do mundo, havia de estalar, necessariamente, na abolição.

Estalou, e a nossa renovação começa com o regimen do locatariato. Essa colonagem, carreada pela immigração, foi, em grande parte, uma fatalidade imposta pela expansão da cultura cafeeira, porque essa cultura solicita um operariado numeroso e compacto.

Essa expansão exigia cada vez mais braços. Cada vez mais se reduzia o braço servil. Si a abolição não fundisse, de um só jacto legislativo, as cadeias do captiveiro, a latitude cultural do café as dissoldaria naturalmente, inevitavelmente, irresistivelmente.

De facto, por esse tempo, as virtudes e as necessidades de uma alimentação de poupança, estimulante e nutritive, rica de energias, de sabor e de aroma, impõem o cafeismo á hygiene e á physiologia do mundo, no momento em que o mundo tem fome, em que os seus nervos desfalecem, em que as populações do velho continente, esmagadas pela miseria do salario, enchem a taça da vida nacional que transborda para o exterior o excesso de suas migrações.

Os continentes exigem café dos mercados. Os mercados batem á porta das terras cafeeiras. Tanto para o immigrante, como para o café, São Paulo soluciona o problema, com a admiravel capacidade do seu solo e com a amena plasticidade de seu clima, associadas ao caminho de ferro, que vinga as charnecas do Cubatão, e, galgando a muralha da Paranapiacaba, arremete para o coração

de nossa explanada rural. Processa-se, então, uma transformação radical no nosso ambiente social agrario. outr'ora, o fazendeiro alimentava, vestia, tutelava integralmente o escravo, despersonalizado e aprisionado dentro de seus dominios. Agora, o colono tem a sua economia ao lado da economia do seu patrão. Providencia, como bem entende, para satisfazer os seus habitos, as suas aspirações, os seus sonhos de fortuna.

Ao lado do salario fixo, pelo trato do café, ha a faculdade de outras plantações. E é o colono quem entrega directamente ao commercio esses outros grangeios da terra. Planta, colhe e vende por sua propria conta.

Além disso, esses trabalhadores, livres, colonos, parceiros ou empreiteiros, voltam-se instinctivamente para o nucleo urbano proximo, onde vão ao registo civil inscrever o nascimento de sua prole, onde casam os seus filhos, onde enterram os seus mortos, onde buscam o correio para corresponder-se com a patria distante, onde compram nos armazens as peças do trabalho, onde adquirem o trigo para o pão caseiro, onde se suprem directamente de calçados, de pannos de vestir e de receitas medicas, e onde assistem á missa dominical para satisfazer, com seus deveres religiosos, essa attracção eterna e divina de nossa existencia moral. Por essa forma, as massas rurales rompem a inercia anterior e começam a agitar-se para si mesmas.

Este regimen crê e amplia o commercio e outras instituições de interesse collectivo, na localidade, para attender a essa exigencia da nova ordem de cousas.

Nascem, assim, os povoados, em torno de um ganglio de fazendas. Como não ha mais immensas distancias a render com as tropas, porque a estação ferrea é proxima, o colono, com suas ambições, com sua economia, com seus productos, toma da terra o que é seu, e vai ao agglomerado vizinho implantar o organismo social do commercio, que rebenta, renasce, exubera. E a cidade principia a crescer.

Concomitantemente, pela mutilação do sistema latifundiario, que, lenta e gradualmente, se desassocia, o grande fazendeiro passa a habitar as cidades e converte-se, dess'arte, para nosso mal, em um poderoso factor de urbanização.

Empallidecido o fascinio da vida nas fazendas, deslocado de seu antigo meio, diminuido no deslumbramento de seu prestigio dentro de suas propriedades, o patriciado rural absorve-se nas profissões liberaes e na burocracia, deserta em grande parte da laboura, desvia-se e vai animar as cidades, velhas ou novas, do interior, e, sobretudo, as capitais, de um impulso até então desconhecido em nossa historia social.

E' incalculavel a repercussão desse phenomeno, não só nos destinos economicos, como nos destinos politicos do paiz. Esses destinos, nos quatro primeiros seculos de nossa nacionalidade, se elaboraram nos processos placidos e profundos de nossos latifundios agricolas e pastoris, onde floresce o escól das classes dirigentes. No quinto seculo, os antigos norteadores da existencia nacional mergulham, submergem e quasi totalmente desapparecem dentro das massicas agglomerações urbanas. E os nossos destinos entram a vacillar sobre o tumulto das cidades, sobre a anarchia da mentalidade urbana que destróe a disciplina secular da mentalidade agraria. E as cidades irrompem, dotadas de novo vigor e de uma nova opulencia, graças á accão convergente do café, da immigração e das vias de ferro.

Morreram, afinal, os typos sociaes classicos do senhor, do feitor e do captivo, substituidos pelo proprietario, pelo administrador e pelo colono. Quando o elemento servil tira dos hombros o fardo do latifundio e o latifundio se esborriona, mobilizam-se, com rapidez, as aptidões da terra dividida e aproveitada.

A terra chama o homem. Vem o proletario independente, conduzido pela locomotiva, ou, presto, adeante della. Chega e arranca. Dahi, as densas levas do colonato, da parceria, ou da empreitada, e as culturas com suas messes, saturando o trafego das estações, creando o atropelo das villas, nellas installando os industriaes com suas fabricas e officinas, os negociantes com seu balcão, e reclamando os municipios com suas camaras e as comarcas com seus juizes.

Tudo é vertiginoso na incontentabilidade dessa fome de crescimento de São Paulo. Braços, captaes, iniciativas, tudo São Paulo absorve e devora, nada o sacia. Mal se crêa, o districto policial exige o seu cartorio de paz, o cartorio exige a sua camara, a camara exige a toga de seu magistrado.

Como Mattão e Pederneiras, por toda parte, ha dezenas e dezenas dos mesmos episodios, méros aspectos particulares dentro do phenomeno geral dessa projecção maravilhosa, geradora de uma massa excepcional de direitos regionaes, cuja coexistencia attráe inevitavelmente o poder judiciario e requer a presença de um orgão protector localizado no seu seio.

Nossa obra legislativa, no Congresso de São Paulo, não tem sido, em substancia, sinão o registo annual dessa cadencia do nosso povoamento e desse compasso de nossa prosperidade.

Revolva-se o sub-solo de nossas cidades, de formação republicana, no territorio paulista. Por baixo dos alicerces de seus edificios publicos, de seus sumptuosos palacetes, de seus estabelecimentos de assistencia social, de seus templos, majestosos, ou humildes, ou dos casebres de seus suburbios — iremos en-

contrar as raizes de nossos cafezaes, a bôrra de carvão da locomotiva, a enxada do trabalho livre e as sementes da federação.

Resgou-se o manto esmeraldino da floresta primitiva, mas a energia das selvas não se destruiu. Transmodelou-se. Quanto perdeu em virgindade de uma flora intacta, tanto ganhou em fecundidade e sublimidade materna.

Assim, sr. presidente, a terra cafeeira, fragmentada e fecundada pela cultura do ouro vegetal, é a nutriz de nossas cidades, a mãe da civilização paulista contemporanea.

E o nosso café, nas eras de hoje, adejando sobre a enchente verde, é um symbolo, como o do caçador de Esmeraldas nas epopéas do sertanismo. Delle se pôde dizer, como de Fernão Dias Paes Leme: "plantador de cidades, dentro do coração da Patria viverás!"

---

Eis a carta de Oliveira Vianna:

Meu illustre Collega Sr. Dr. Hilario Freire.

O seu discurso no Congresso Estadual encerra uma synthese magnifica sobre o genese das cidades paulistas.

Li-o com o prazer duplo de quem lê uma pagina de bella eloquencia, sadiamente pensada. O estudo dos factores, que estão elaborando a urbanisação dos sertões paulistas, fel-o o meu brilhante collega com o mais seguro senso de sociologo, consciente das nossas realidades e das directrizes da nossa evolução.

Eu já havia lido, tambem a esse respeito, algumas paginas admiraveis, que, sob o titulo *A Geada*, vem publicando o *Estado de São Paulo*; e o contexto da sua bella oração completou-me o juizo sobre o grande milagre paulista dos nossos dias: a conquista do sertão, a fundação da riqueza agricola sobre bases modernas, a germinação e a consolidação dos nucleos urbanos no interior, a repetição, enfim, em escala mais limitada, mas muito mais suggestiva, das façanhas do grande cyclo do ouro.

Pelos dados que me dá no seu discurso, o que S. Paulo está organisando é o regimen do "pequeno urbanismo", em contraposição ao "grande urbanismo", que é o que está dominando, cada vez mais, a economia social do Estado do Rio. Nos povos como o nosso, a grande urbanisação, a acção magnetica das grandes "cidades tentaculares", é uma calamidade — e o meu Estado tem, na acção centripeta do grande centro carioca, a causa principal da sua decadencia.

Mas o seu grande Estado, libertando-se miraculosamente dos males da grande urbanização, multiplica pelo interior rural os centros vivazes de organização urbana — e isto será para elle uma causa permanente de vitalidade e grandeza.

Esses pequenos centros urbanos, providos, como estão, de todas as condições de civilização e conforto, serão excellentes campos de fixação dos elementos aristocraticos e eugenicos da massa social — e isto é para as zonas do interior uma condição essencial de progresso.

Um dos grandes problemas nossos da actualidade está precisamente em saber como deslocar esses elementos da nossa elite para os centros urbanos do interior: porque, carreados para alli, a sua projecção ulterior para as zonas puramente rurais é causa que vem por si mesma, por simples jogo de mecanica social. Os paulistas, com a sua actividade, o seu senso economico, a sua ambição de largo vôo, o seu velho instincto rural, estão resolvendo o grande problema de uma maneira surprehendente: e é justamente por isto que ninguem está, com mais attenção e interesse do que eu, acompanhando o desdobrar da moderna orientação economica e social de São Paulo.

Junte-se a essa expansão social e economica, aquillo que falta á expansão do cyclo do ouro: a organização politica, o aparelhamento administrativo, acompanhando, no mesmo compasso, a expansão social — e comprehender-se-á a maravilhosa perspectiva que nos abre o actual movimento paulista para o sertão, e o que ha de solido e indestructivel nessa "communhão paulista", a que, entre tantas condições de grandeza, não falta a de possuir legisladores de talento, cheios do espirito do seu tempo e nutridos das realidades vivas da sua terra e do seu povo.

Creia-me sempre o seu admirador devotado e collega affetuoso

OLIVEIRA VIANNA

---



## BORGES DE MEDEIROS

---

### I

TARADO, não! solerte, sim! Não um dictador, sim um ebrio de mando: porque aquelle "patriciado rural das fazendas" estudoado por Oliveira Vianna gerou no Brasil esse mandarinato de nova especie nas repartições publicas — o burocratismo ou a ochlocracia — sua resultante. Borges, Seabras, Accioly, Maltas e Nerys não são excepções no paiz de norte a sul: antes derivativos naturaes da falta de eleições, que nos veio da monarchia. O olygarcha do sul (como os do norte) não é propriamente um caso de psychiatria: ao contrario, uma forma comum de burocratismo inferior; dessas em que o funcionario se neutralisa na função, apassivando-se, despersonalisando-se... Hypertrophiou-se no poder, sem ideia e sem vontade, apenas amparado pela turba que lhe vive á ilharga e fortalecido pela cumplicidade criminosa dos governos federaes e do Supremo Tribunal! E' um neurasthenizado pela função, pelo automatismo mecanico da secretaria fofa e papelosa. A burocracia modorrenta e poderosa plasimou-lhe o feitio moral: nada faz e nada quer que façam; o mais leve alvitre, a ponderação mais respeitosa assume aos olhos pardos e frios de S. Exa., as proporções da insinuação maldosa. "Os srs. pensam que pensam, mas quem pensa aqui sou eu!" disse elle, certa vez, a um coronel que o retrucara. Melgarejo e Rosas foram phenomenos pathologicos, "monstros, que no dizer de Vargas Vila, pertencem a la Historia, pero a la historia natural", mas Borges e os outros olygarchas de provincia no Brasil são consequencia da excessiva somma de attribuições politicas e administrativas de uma Constituição Federal louca — mescla do mais desmembrado parlamentarismo federalista com o mais accentuado presidencialismo unitario, norteamericano. Essa xypophagia constitucional nossa — transacção capciosa das antigas politicas conservadora e liberal — já está produzindo os seus fructos nefastos: as reeleições immoraes, no Rio Grande, na Bahia, em Santa Catharina... E a todas essas descura a União e resomna o Supremo Tribunal. A nobre função de governar o Estado pas-

sou a ser syndicato não de partidos, mas de grupos, cuja condição é "jurar fidelidade ao consul" trabalhando o menos possível para o interesse comum ou da collectividade. A função social se inferiorisou assim a ponto de nivelar-se ao mister ordinario de ganha pão publico. O funcionario anquilosado, em meio a papelada confusa e sem sentido, modorra, com pesadelos de prepotencia... Restos evanescentes do aristocratismo ancestral: horror ao trabalho (apanagio do escravo) ambição de dominio (simulação de fidalgo) e outras manifestações da desordem económica e social brasileira. Borges em nada se diferencia do velho Director de Secretaria: é feroz, se lhe apontam falhas, mas affabilissimo si lh'as justificam. Trabalha muito, dorme pouco e não faz nada. Accomodaticio e vulgar — tem gestos sacerdotaes de Pacheco... E' pontual no ir a palacio, assignar ofícios, ruminar mensagens, e dizer que a receita arrecadada excede á orçada. Não tem feitos nem obras: é hieratico, medido, impassivel: fala de vagar, accentuando as palavras com repetidos movimentos de cabeça, conservando porém os olhos fixos. Dolicocéfalo, tem porém a fronte deprimida. Olhos claros, grandes, magnéticos; gestos curvos; dedos e mãos quadrados; calligraphia normal e orelhas verticaes, sem serem grandes. O queixo se lhe insinua leve, sem deixar traço forte de energia muscular ou volitiva. Anthropologicamente — é typo digestivo-respiratorio. Donde talvez a sua resistencia pulmonar á insidiosa molestia que tem victimado os seus irmãos. Descende de um bahiano juiz de direito com uma camponeza rio grandense. Qual a sua virtude maxima? Ser pobre e não hypothecar um pedaço do Rio Grande?! Não; ser um grande perdoador do adversario e admirador das artes. Dir-se-ia uma miniatura caricata de Pedro II. De economia e finanças, nada; de poesia e astronomia, tudo! Mas o sr. Borges não vive no tempo do trabalho escravo... Pobre homem, longe de ser um *condottiere*, é antes uma engalanada vítima da propria situação. Filho de magistrado fez-se magistrado dos 24 aos 30 annos; morto inesperadamente Julio de Castilhos, assume a chefia geral por mais astuto e maneiroso. Presidente, em 20 annos, só elaborou tres leis... eleitoraes. Mas dictador não é, porque não persegue e até procura não infringir as suas leis... Tampouco é um politiqueiro, porque embora com todos os poderes na mão, usa, mas não abusa delles. Salva as apparencias como o sapateiro de Braga: "ou todos comemos nesta mesa de parceria ou haja moralidade nesta casa!" Mas S. Exc.<sup>a</sup> não come: é doente, não tem filhos e que ambições pode ter? Contenta-se com ouvir os seus amigos comerem. E' um inocente prazer esse! Encham a barriga pessoal, dirá elle, mas não carreguem ás costas, não! haja moralidade e zaz-traz porrete! Accusado um sr. Cel. de grande desfalque na Penitenciaria, porque por um descuido não se fez sacramentalmente a coisa, até seus bens foram ameaçados de confisco. Outro, Prefeito em São Sebastião do Cahy, por ignorante, foi denunciado e até hoje soffre as agruras do homisio em Corrientes. Mas ha no fundo de tudo isso uma caracteristica de valor no sr. Borges: não é a apregoada honestidade administrativa, mas aquella tolerancia para com todos, sejam inimigos, agressores, ou os proprios indesejaveis. Chegamos, ás vezes, a pensar que elle seja um anjo dentro de uma redoma de vidro de augmento e transformado em monstro aos nossos olhos. Os regulos do norte são insensíveis aos assassinatos politicos; o Presidente perpetuo — não: o Rio Grande conhece o ruidoso processo do archimillionario Januario Chagas, o desaforamento do processo contra os politicos Vargas, de São Borja, e a liberdade accusatoria da viuva Dr. Nicanor Penha, de Bagé. S. Exc.<sup>a</sup> não exerce compressão politica: obra por ardil, não vexa para dominar,

animava para destronar. Ao contrario de todo tyranno. A sua acção nefasta, elle a irradia, inconsciente do mal, sem talvez o dolo intencional. O "Estado não é tutor de ninguem", responde elle a uma commissão de senhoras que lhe foi pedir providencias contra a jogatina e a libertinagem nas ruas. Doutra feita, disse sentenciosamente num discurso: "o maximo de felicidade de um povo consiste no maximo de liberdade go-sada por esse mesmo povo". "A tolerancia é a mais bella das virtudes civicas", etc. (Discurso oral, em palacio (1913), recebendo o governo de Carlos Barbosa). E as liberdades cada vez mais se derramavam por todo o Estado: das profissões, das verrinas, dos cabarets, do lenocinio, do jogo do bicho, etc., etc.

O rabulismo culminou, e inundou a medicina, o direito, a engenharia, tudo. Os indesejaveis, os jogatineiros, os expertalhões acharam campo vasto e se embandeiraram aos quatro ventos... — Agua e exgottos nas cidades?! Não! fica para as gerações futuras, que não devem ser one-radas. "Conservar melhorando" é a regra suprema. — Estrada de ferro de Porto Alegre a Torres ou para as praias?... E' luxo; não temos as lagôas navegaveis? — E até hoje nem portos, nem viação, nem na-vigação! — Escolas Normaes?... Que fanatismo! que anarchia mental! o Estado não reconhece diplomas nem privilegios, não ha doutores nem professores. Hygiene?... Para que? "O microbio é metaphysica da medicina official", a vaccina — uma abstracção, um attentado a liberdade individual. — Emprestimos?! nunca! é dissipação. E para que essa sinecura de Inspectorias Escolares?! Não temos os Chefes politicos locaes? Não temos os Pre-fetos municipaes para Delegados de Policia? O mais é não "viver ás claras" e não ter "o amor por principio, a ordem por base e o progresso por fim" O juiz municipal não precisa saber processo nem ser formado. Que massada essa de competencias e jurisdicções! O "Estado modelo" não carece dessas coisas... Castilhos para vencer a revolução federalista organisou ferreamente o Estado com a intenção de, restabelecida a paz, reformar a Constituição, (como se infere do proprio texto), e dahi o seu accentuado sabor autocratico. Passado, porém, o periodo anormal, fallece inesperadamente o Patriarcha; e a União, operando contra a revolta da Armada alastrada até ás coxilhas riograndenses, deu aso ao moço Presi-dente; Borges se afasta, por isso, das correntes politicas de seu Esta-do e se faz em seguida reeleger, inveterando-se no crime de falsear o regimén. Em 1908, por occasião da pretendida trieleição, Alcides Maia funda o "Jornal do Estado" para oppor ao nome do reguló a candida-tura do eminente Fernando Abbott. Borges transige e apresenta o nome conciliatorio de Carlos Barbosa — igualmente medico notavel e com as mesmas credenciaes illustres da Propaganda. Com o governo desse ho-mem Porto Alegre alvoreceu: caes, quarteis da Brigada, palacio do Go-vernamento, Biblioteca Publica, Monumento Castilhos, Archivo Publico, Insti-tuto Pasteur, parallelepipedos nas ruas, tudo obra do ex-Presidente amea-çado de deposição trez annos depois!... Pouco a pouco foram cessando as construcções, rescindiram-se contractos e findo o mandato, a bem di-zer triennal, Borges assume o poder para não mais deixal-o, abroque-lado na celebre lei eleitoral vulcanica 165 de 1913.

Esta lei suprimiu as urnas, o livro de chamadas, as listas de as-signaturas, substituindo tudo por uma chamada lista autentica... que não sai das pastas dos escrivães districtaes. Cada districto tem sua mesa eleitoral e todos os eletores podem indistinctamente votar em qualquer dellas!! Além disso, veda o reconhecimento da identidade do portador do ti-tulo mesmo sendo "notoriamente fallecido ou ausente"... Para qual-

quer protesto ou impugnação não ha recurso judiciario para os tribunaes, mas para a junta apuradora, simplesmente!! O Presidente do Rio Grande, durante vinte annos, não contrahiu um emprestimo, mas como disse Paulo Pestana "nada devendo externamente, tudo deve internamente, ao seu contribuinte, por quem nada fez até hoje."

Instigado por Epitacio Pessoa, a custo resolve encampar as obras da Barra e a Viação Ferrea. Será um malvado? Não, antes um fanatico com a vertigem dos europeis, sonhando irrealidades. Borges não conhece uma só cidade do seu Estado; vaticanisou-se no palacio e apenas serve de muralha a que veem morrer os ecos das eternas disputas e reclamações locaes, sempre proteladas.

Não estará desempenhando esse homem um determinismo historico? Quem poderá dizer de sua accão centralisadora, concentrando os surtos do grande Estado que por suas condições geographicas e geologicas deverá ser o primeiro da Federação? No tempo de Napoleão, no bloqueio continental, o Rio Grande até o trigo exportava para a Europa; e ha vinte annos atraz era o celleiro do Brasil... E hoje, que é das energias gauchas outrora florescentes? Levaram-nas a guerra do Paraguay e a revolução de 93? Ou se refazem para desdobramentos maiores? Teria um outro que não Borges restaurado as forças productoras, a paz politica e o progresso social, nesse periodo, rasgando estradas e abrindo escolas efficients? ou seria absorvido pelos elementos anarchicos que sossobram á preamar suja e salsuginosa das revoluções? Seja como for, as populações riograndenses mereciam melhor sorte. Nós os gauchos somos a vanguarda: cessado o movimento revolucionario federalista, competia ao governo central para ali de preferencia voltar os olhos tutelares em recompensa aos sacrificios que fizemos pela integridade territorial e estabilidade das instituições. Estados como S. Paulo e Rio Grande — os unicos que pesam na balança do commercio exterior — não devem nem podem ser abandonados ás proprias forças. Delles depende o resto todo do paiz. Quem mandou a União encher o Rio Grande de batalhões em 20 annos, com commandantes e Inspectores de Região nomeados a dedo do sr. Borges? Quem não sabe que as nomeações federaes continuam a ser feitas pela politicagem dos Estados? Em Porto Alegre, Borges de Medeiros é tudo: alfandega, delegacia fiscal, commando da região militar, justiça federal, etc. Em tal caso, difficilmente um mortal se escaparia á paranoia do mandonismo. Não obstante, o regulo não se transforma em despota. Senhor de todos os poderes — hospícios, santa casa, fabricas, empresas de bonde e bancos, clero, irmandades, todas as forças sociaes ponderaveis, enlaçadas em vinte annos de olygarchia — não tem contudo o sr. Borges exorbitado o seu personalismo açambarcador, ou posto em jogo toda a engrenagem a seu alcance. Basta-lhe a capacidade de accão ou possibilidade de mando. Não é um mau na sua accepção mais euphemica: contenta-se com ser obedecido. Em nada se parece com Pinheiro Machado, na franqueza e altivez dos gestos, nem com Rivadavia Correia no espirito de systematisação, de que tanto se blasona. E' a incarnação do antigo capitão-mór complacente, ou melhor, do rico proprietario rotineiro... "E' bom, mas não serve: é caro; faz bem, mas não quero: custa muito", etc. Não tem ideal apreciavel. Manter-se no poder? mas com que fim? Sobrou-lhe, certa vez, não pequena extensão de campo em sua fazenda; e que fez elle? Mandou medil-a e demarcá-la; anunciou e a entregou ao dominio publico até que o legitimo dono apparecesse. Como S. Exc.<sup>a</sup> ainda morasse em casa alugada, os seus amigos politicos lhe offertaram um palacete. Pois bem; não lhes aceitou a nua propriedade, apenas o usufructo.

Quando Alberto I da Belgica, no começo da guerra o agraciou com as insignias da ordem de S. Leopoldo, recebeu-as das mãos de Paul Claudel, com estas palavras: "Não para mim, por vedal-o a lei de meu paiz, mas acceito-as para o Estado e determino se guardem em palacio ou no Museu Estadual". Estes factos mostram que estamos diante de uma figura bem singular, ou fanatico ou comico. Em qualquer das hypotheses, entretanto, urge seja a sua personalidade melhor estudada. E' o que faremos em artigos subsequentes.

VILLAR BELMONTE





## FLOR DO AGRESTE

---

**N**ÃO era de ha poucos dias que o Antonio Manuel andava macambuzio, sereno, imaginando...

A' bocca das noites, ao envez de taramellar no moçambo do compadre Salviano, quedava-se na rede estirado, cachimbando, sem dar mostras de vida.

— Te esconjuro! Inté parece defunto! — resmungava siñá Toinha, companheira de Antonio Manuel, vinte annos já inteirados.

Elle rosnava e recahia na abstracção até á hora de se metter no girão para o somno.

Durante os dias, nos roçados, que era da antiga animação? O anno vinha sendo chovido, o pasto esmeraldado, a terra cheirosa, os umbuzeiros floridos como nunca, o gado manteúdo e contente, e só elle naquella tristeza, plantando com má vontade, negligente no encoivarar uma varzea fecunda “que nem porca parideira”.

Sempre de estomago embrulhado... A's creanças maltratava por corrigil-as de trélas imaginarias; ao Yoyosinho, já de 14 annos, sua ajuda na faina agricola, dava gritos extemporaneos, e até com Mocinha, os “seus olhos”, rapariga feita, até com ella mostrava asperesas, tinha cara torcida.

Em casa todos viviam a temel-o, estiando conversas mal o avistavam, enxada ao hombro, de retorno do eito.

Mas uma tarde Antonio Manuel, vindo da feira, desembuxou:

— A gente vae fazê viage.

— Viage? — arriscou a mulher.

— Inhóra sim. Tá quá cumo tou dizendo. E de mienhâsina.

— P'ra que sitio, séo Antonio Manué?

— Quando nós topá cum elle, seus oio vê.

Sinhá Toinha emmudeceu, diante do tom autoritario do amasio. E não houve mais pormenores, apenas imperativamente a recommendação de se guardar segredo para todos. Partiriam antes do alvorecer, carregando tão só o necessario. Na alma da amasia de Antonio Manuel rorejou a suspeita dalguma "arte" commettida pelo homem, fugindo agora á policia. Todos obedeceram.

As creanças, na inconstancia da idade, viam na viagem o ineditismo, o prazer ambulatorio. Yoyosinho pouco se lhe dava estar aqui como acolá. Aos 14 annos todos os horisontes acenam seduções. Somente Mocinha melancholizou-se: ia para onde? Para muito longe, por certo, e deixaria o Lula, o filho da sinh'Anna, lavadeira, seu namorado de ha tempo.

Entardecendo, como de costume, ella foi ao fundo do sitio onde tornejava o corrego buscar agua para fazer o café da ceia. Duma cerca de avelozes surdiu o rapaz. Não abafou o segredo:

— Vamos viajar, Lula.

O moço olhou-a de fito:

— E p'ra que canto?

Sungou os hombros, estirou o beiço, num ar de ignorancia:

— Sei lá!!

Confiou ao namorado a deliberação paterna, o mysterio do destino, a duvida do regresso. Lula enfiava os olhos no céo, absorto. Mocinha despertou-o:

— Si você fosse mais eu...

— E minha mãe?! Havéra de deixar a pobre assim peiada?! — acudiu de prompto o rapaz como quem já estava a pensar na mesma cousa.

Calou-se a rapariga, vencida, convindo em ser uma malvadez o Lula abandonar a mãe paralytica.

Na hora do apartarem-se, para sempre, talvez, elle encheu-lhe a bilha na corrente alva do corrego e beijaram-se demoradamente, acariciadamente, com esses beijos que captivam para sempre as criaturas, que se amam, pelas almas e pelos corpos...

## II

Muito antes de clarear estavam de jornada.

Iam montadas nos burros as duas mulheres e nos caçuás as creanças. A pé, tangendo os animaes, Antonio Manuel e Yoyosinho.

Com as chuvas o sertão era uma coberta verde. As serras hirtas semelhavam reposteiros nas barras do céo, e o firmamento tomava tom polido de louça de agatha azulada.

Caminharam seis dias, com estadias em ranchos para repouso. Por fim, uma tardinha, avistaram na sombra do crepusculo duas torres côn de ferrugem, parecendo uma igreja.

— E' alli — apontou Antonio Manuel, recuperando a antiga contenteza.

— Naquelle alto?

— Sim. Farta um taquinho de caminho, muié.

Rodeavam abrupta serra, vingavam derradeiros lanços aclivosos, e quando na chã encontravam gente que os saudava com gestos exquisitos, com attitudes grotescamente mysticas. Raros casebres derredor. Ao fundo as duas torres que eram apenas duas altanadas pedras, fronteiras, uma dellas toda brilhante, lantoulada, como salpintada de prata.

— A Pedra Bonita! Ajoelha, minha gente.

Apeiando-se todos dobraram os joelhos. Em torno movia-se multidão. Homens, mulheres, meninos... E foi, então, que Antonio Manuel explicou á familia o fito da jornada, o "segredo" que só podia ser desvendado dentro do "arraial santo". Aquella pedra brilhante era encantada e com penitencias, préces, sacrificios havia de desenfeitiçar-se, aparecendo D. Sebastião, um rei de Portugal que numa batalha subira para o céo... Quando tal se realisasse, achar-se-ia debaixo do penhasco cousa nunca vista de ouro, de pedrarias, de riquezas, fazendo-se a partilha entre os fieis. Soubera dessa historia um dia na feira pelo João Seraphim, e, desde então, nunca mais dormira direito, matutando em ir tambem, avido de enriquecer, de largar o diabo do trabalho, de lidar com as seccas, de ser "lorde"...

A companheira, ignorante, supersticiosa, poz-se tambem de cubiça e, predisposta ao sobrenatural, começou a ver em tudo sanguíneas da proxima fortuna.

Aboletaram-se num mocambo com outra familia. Na mesma noite assistiram ás rezas, aos canticos bizarros, ás danças lascivas, mescla macabra de berros, umbigadas, esgares que precediam sempre mais lubricas scenas da noite a dentro.

João Ferreira, o "rei", fazia predicas do alto da plataforma de granito. E frei Simão, matuto ardiloso, realizava casamentos de rapariguinhas donzellas com os homens da seita, reservando-se, porem, ao "soberano" as noites nupciaes.

Fanatisado, Antonio Manuel apresentara-se ao "rei", confienciando-lhe suas intenções, seu fervor religioso, sua solidariedade.

Alguns dias correram. A meninada soltara-se pelas redondezas, á cata de umbus, escapos da disciplina domestica. Yoyosinho, adolescente, encontrava na frouxidão de costumes ambiente para as suas conquistas da idade...

Mocinha é que definhava. Chorava nos cantos, coração fechado, adivinhando cousas ruins. O seu recato sensibilizava-se diante daquella promiscuidade cheirando a peccado. Mal punha pés fóra do mocambo o faro dos homens embaciava-lhe a pureza. E ella que se promettera somente ao Lula, a quem déra a primicia do seu amor, retrahia-se como sensitiva dos campos em face daquelles olhares cupidos, viscosos, aggressivos.

Simples e bonita, com essa boniteza meio acida das flores agrestes, foi cubiçada no arraial.

E cahiu no agrado do "rei". Casal-a-ia, pensou elle, com o Piné, seu secretario, de acordo com o rito da seita...

Antonio Manuel, ouvido a proposito, exultou de alegria. Sogro do Piné era ter melhor quinhão na partilha do thesouro. Que galardão! Esfregava as mãos, antevia moedas de ouro até no cahir da noite...

Mas Mocinha espavorida recusou. Nunca! Nunca! Porem o pae ameaçara-a de morte, de maldição. E deu-lhe um dia para resolver.

Escondida no giráo, ella mordia os dedos, puxava os cabellos, parecia doida...

### III

Na manhã seguinte o "rei" produzira forte e empolgante predica: "D. Sebastião achava-se desolado com os seus fieis. Tardava o momento do desencanto por tibiesa de fé dos seus amigos. Até rebeldias! Uma rapariga teimava em se não casar com o Piné e uma mulhér negara o sangue do filho recem-nascido para lavar a Pedra Bonita! Não sabiam todos que morrer alli era resuscitar depois feliz e rico?

Um velho sertanejo, credulo e resoluto, tomou o filho unico nos braços, levou-o á base da pedra onde um pardavasco, com afiado facão, decepou a cabeça da creança, esguichando-lhe o

sangue. E logo outros paes imitaram-no. O sangue escorria por um pequeno vallo riscado pelas chuvas.

Antonio Manuel e Sinhá Toinha trouxeram, á força, os tres filhos menores, entregando-os ao sacrificio, máo grado os esperneios, os gritos, os choros das victimas. E o gume do cutello ia seccionando os debeis pescoços.

Agora, já os homens e as mulheres offereciam-se á matança, cegos de fanatismo. Sinhá Toinha foi uma das pessoas desvairadas.

Yoyosinho, astucioso e previdente, escapara por haver se mettido nas catingas e arribado do arraial, com o que Antonio Manuel se enfureceu, praguejando, amaldiçoando-o.

A sangueira durou o dia inteiro.

O sol baixando tinha faixas menos rubras que as do sangue que banhara, tepidamente, o sopé da Pedra Bonita...

#### IV

Tres dias mais a mortandade proseguiu, sem se realizar o desencanto.

Entre os sobrevientes accentuou-se a desconfiança de que somente o casamento de Mocinha com o Piné provocaria o milagre afortunado.

Antonio Manuel tomou feitio de decisão. Ou Mocinha aceitava o marido ou iria para o facão.

Forte que fosse o sentimento do amor na rapariga, maior era o instincto de conservação. Demais, as provações moraes, os jejuns, os quadros terríveis circundantes, a destruição de parte da sua familia, tudo collaborara no arrefecimento da sua energia. Andava meio maluca. Ouvia, por toda a parte, os gritos dos irmãosinhos na hora da morte, via o sangue materno escorrer pelo chão... Tentou fugir, mas num atalho vigias do "rei" trouxeram-na de novo as mocambo.

Tinha de se casar... Era o geito.

Mais morta que viva, levaram-na afinal ao altar da cerimonia nupcial. O acto consistia num longo beijo dado entre os conjugetes, passando depois a noiva á residencia do "rei", para as primicias do amor...

Tão airosa ainda Mocinha surgiu que fez atiçar um fremito de paixão nos homens. Pedro Antonio, um dos graudos da seita, mameluco ardego, intelligente, quiz ludibriar a João Ferreira, ao "rei" e, num "sermão" sagaz, unctuoso, declarou haver sonhado com D. Sebastião; o monarca estava prestes a desencantar-se na Lagoa Azul, ali proxima, exigindo, porém, ainda dois sacri-

ficios — o casamento de Mocinha não com o Piné mas com elle, Pedro Antonio, e o sangue do “rei”.

A multidão fremiu, entusiasta. O thesouro ia apparecer nas aguas da lagoa. Era afinal a riqueza, o ouro, os brilhantes! E atirou-se contra João Ferreira que tentava evadir-se. Trouxeram-no ao pé da Pedra Bonita, curvaram-lhe a cabeça, descobriram-lhe bem a nuca morena e o facão abateu rapido...

Logo depois Pedro Antonio dava o beijo de nupcias na bocca de Mocinha.

## V

Naquelle dia de sol quente uma força volante estacou na estrada defronte do casebre de Lula.

Soldados, em alto, pediram agua.

— Para onde vosmecês se botam?

— Para a Pedra Bonita, móde acabar com a sangueira.

— Oxente! Tem barulho lá em riba?

— Nos mundos de Villa Bella. Um tal de João Ferreira está matando mulher, velho, menino em penca...

— Que é que vosmecê tá contando!

— De verdade, seu moço. E ainda faz mais: casa as moças donzelas com os homens da seita delle, mas porem o tal do João Ferreira é quem fica com as noivas...

O coração de Lula bateu em sobresalto. Mocinha fôra embora ha um bando de tempo, nunca mais tivera novas della. Quem sabe? Hein? Aquella historia do soldado... Talvez o Antonio Manuel tivesse ido tambem para a Pedra Bonita... E a sua Mocinha? Que sorte lhe coubera? Morta? Com outro?...

Emquanto os soldados descançavam á beira do corrego, Lula sentado na soleira de casa, matutava, enrolando um cigarro entre os dedos. A imagem da rapariga vinha-lhe nitida á lembrança, graciosa, feiticeira; sentia o saibo dos derradeiros beijos permutados; ardia-lhe o sangue venusto nas veias...

De subito, ergueu-se, tomou o clavinote dentro do mocambo, bateu a tramella da porta e, como já não tivesse ninguem no mundo, depois da morte da mãe, Lula acompanhou a tropa, em demanda dos bandidos.

Quatro dias de jornada, quasi sem altas.

Atravessavam uma capoeira, avistavam já joazeiros ramalhudos que precediam a subida para a Pedra Bonita quando os soldados enfrentaram os fanaticos que desciam, tangidos por Pedro Antonio, caminho da Lagoa Azul.

Tiros de mosquetões e de clavinotes. Travou-se a peleja. Os fanaticos atiravam-se tresloucados contra os soldados. Facas de ponta faiscantes, pedradas, cacetes, dentadas, tudo servia aos combatentes. Até as mulheres se arremessavam cantando ladinhas... Morria gente muita entre os supersticiosos fisgada pelos tiros.

Serenando a pugna, a força volante dominou os sobreviventes. O commandante obstou revide inutil. Protegeu os prisioneiros, mandou-os para a cidade, com escoltas.

Em meio dos feridos graves, sob as ramas duma barauna, Lula vislumbrou um corpo de mulher, de borco, gemendo. Tinha as vestes alinhadas, a attitude calma de quem fôra derrubada sem estar combatendo. Approximou-se. O sangue escorria lentamente do pescoço... Virou-a, cauteloso, de dorso.

— Mocinha!

— Você aqui, Lula!

E com voz meio apagada:

— Eu vou morrer...

Agonizava quasi. A bala rompera-lhe a carotida. Os olhos abriam-se a custo, o rosto amarellecia, as mãos esfriavam.

O rapaz, acurvado, irresoluto, pasmo, mirava-a em silencio, numa expressão de pena e de desespero.

Ella, num extremo lampejo das pupillas claras, desbotadas, percebeu-lhe a grande magua de perdel-a, a immensa tortura do amor impossivel, dos beijos para sempre estiados e, transparentando a alma cheia de angostura e de pejo, sussurrou em extrema confissão:

— Lula, eu já não prestava para você...

MARIO SETTE.

NOTA DO AUTOR. — A matança da Pedra Bonita é um episodio histórico. (Antonio Attico de Sousa Leite — Rev. do Inst. A. de Pernambuco).

---



## LE SACY

---

("*La Pensé Latine*", a excellente revista de literatura, de musica e de theatro, orgão de acção do *Theatro d'Arte Livre*, tem publicado ultimamente uns versos do sr. Charles Lucifer, um dos poetas mais originaes da moderna geração francesa. "*Ballades Brésiliennes*" é o titulo geral da collecção, e nella se encontram composições encantadoras. E' do numero de Agosto do anno corrente que transcrevemos esta poesia).

Il n'a plus qu'un seul pied, et haut d'une coudée,  
ce gnome noir des bois et des carrefours hantés,  
cux yeux de jade et aux lèvres d'amaranthe.  
Son corps est bien celui d'un crapaud nouveau-né,  
qui s'est développé sans en perdre la forme.  
Son esprit enfanté à un soir de sabbat  
par le cerveau d'une sorcière hallucinée  
eut reçu le baptême au bras d'un loup-garou  
au bénitier fangeux d'un étang plein de vase,  
ou couvaient des vipères endormies.

Son foyer depuis tout temps c'est la bruyère inhabitée;  
et son métier de poursuivre sur les routes  
les cavalcades nocturnes des fermiers superstitieux.

Et c'est en vain de fuir ses pas pressentis d'un côté,  
car c'est devant le chevalier qui l'a appelé d'une pensée  
que le sacy se pose au tournant du chemin.

*Il lui suffit d'un sifflement, perçant et redoutable,  
et le cheval se cambre, et l'homme s'épouvrante.  
Alors, devant sa proie, interloquée, sur la route,  
le négrillon, faisant des gestes et des grimaces,  
de sa jambe élastique, en ronde, aux cris de joie,  
il joue la danse affreuse de la fascination.  
Ensuite, le sacy, en resserrant de plus en plus,  
le cercle noir de ses sautillements,  
se jette d'un bond sur la croupe du cheval,  
blotti contre le dos du chevalier fou d'impuissance,  
jusqu'à ce que la bête, en déblayant, le mors aux dents,  
s'enfonce en course, au grand galop, dans les bois,  
d'où jamais nul n'entendra nouvelle de quelq'un.*

*Cependant, les vieux donneurs de bons conseils  
avertissent toujours les voyageurs inexpérimentés  
du seul moyen de n'être dupe d'un sacy.  
Et c'est ainsi, dit-on, que la sorcière  
qui l'enfanta un jour, dans la forêt,  
ne l'a jamais appris le signe de la croix.*

*Alors, quand un paysan, dans un tournant de route,  
se trouve aux prises avec le gnome maudit,  
il lui fait voir tout simplement, de ses deux doigts,  
la vertu efficace  
du signe de la croix sur l'ombre exorcisée,  
qui s'enfuira vers les entrailles de la nuit,  
à la vue du prodige symbolique,  
tout en poussant des hurlements pleins de douleur et d'épouvrante.*

*Et pour cela, dans tous les carrefours de la contrée,  
les voyageurs inavertis rencontrent à chaque pas,  
à conjurer l'apparition du démon des chemins,  
de vieilles croix en bois, dont les bras vermoulus  
attestent de tout temps aux cœurs craintifs des muletiers  
l'avis sage et prudent des vieux donneurs de bons conseils.*

Charles LUCIFER



## CANTO DO HOMEM Á MULHER

---

ESTE é o meu canto, o canto do Homem.

O' tu que te sentiste nos braços da primavera quando o meu vagido desesperado irrompeu do teu bramido de mãe;

E inclinaste um cacho de essencias doces para que nelle eu sellasse a sêde e me offereceste uma rosea tepidez para aprender a sonhar !

O' tu que vieste ao meu encontro pelo caminho solitario e tiveste receio de não possuir dons, quando, ao contrario, tinhas o teu dulcissimo regaço :

E quando te beijei fechaste as palpebras e, quando as levantaste, ficaste commigo embriagada de effluvios dentro de uma dissolvida moita de rosas !

O' tu que me acompanhaste pela estrada recta dos sulcos embalando uma nossa esperança com a voz leve da Ave :

E me ajudaste depois a torcer na amassadeira a meada do pão trabalhado e a doural-a para as manhãs imminentes !

O' mãe minha, ó promessa minha, ó esposa minha, escuta !

Este é o meu canto, o canto do Homem !

**E**U adoro a luz que bem diz os meus olhos e falos attentos ao milagre da vida;

Que eu te siga, ó sol, até ao fim de cada tua viagem quotidiana, glorificado pelos diademas dos teus poentes, assim como fui beijado pelas grinaldas das tuas auroras.

Mas tambem amo a treva que me fecha nas suas leves colchas de almofada e sussurra aos meus ouvidos os sonhos esquecidos;

Que eu possa, ó lua, nos teus profundos silencios, aprender os segredos das fortes meditações, contra as tuas estrellas com as alegrias das minhas phantasias.

E então tendo concluido a minha obra e pelo trabalho lucido dos dias e pelo repouso alegre das noites,

Poderei leval-a a ti, ó Mulher, perfeita e duradoura, para que tu, que és treva e luz, a acolhas e a tenhas sob a guarda das tuas mãos.

**M**ULHER, tu 'és a amphora profunda que desejas ser enchida por mim:

Mas queres que a essencia do meu canto transborde de ti para que o Homem ahi se dessedente e se torne ébrio de viver.

O' tu que foste nó de gemma e depois calix de flores, como sabes ser vaso de cada bem á minha intensa cobiça.

Trouxeste o peso do mundo nos flancos mas estás erecta como uma haste de espiga: quantos ricos grãos prodigas sempre e quanta belleza te cinge.

Tens a primavera diffundida no regaço e és fresca como se fosses tecida de folhas:

Quantos ninhos sustidos pelos teus braços cantam e quantos cachos de uva se enloirecem sobre as tuas fontes.

E então presta attenção ao meu canto, ó fiel, ó pura, ó expansiva:

Este é o meu canto, o canto do Homem.

DEUS que compoz o ocio do Eden e alli me quiz senhor, quiz tambem soprar a soberba illusão da alma no pobre lodo do Homem;

Disse-lhe: olha as cousas e as formas que povoam a scena da tua vida: faz com que cada uma dellas se multiplique e a cada uma dellas escolhe uma palavra da tua phantasia.

Por isso este é o canto do Homem á Mulher; a ti que és a melhor cousa;

Porque tu estás vestida com o lodo da belleza e confiante esperas que o meu sopro te dê uma soberba illusão da alma.

MULHER, tu és a vertebra flexivel ainda sonora pelo tremor do meu coração:

Quem te dissolveu do meu sonho angustiado quiz-te fremebunda e sensitiva e fez-te entrar no meu caminho solitario.

Pelo que gritei: és o osso dos meus ossos, a carne da minha carne!

E notei que se o meu pollegar deslisava sobre a tua superficie, cada aspereza desapparecia.

Agora és a minha alegre metade, o equilibrio da minha resistencia: uma pupilla cerúlea pela qual eu possa vêr em mim proprio.

Eu era aspero como um tronco de abeto e agora nos vinculos da tua primavera visto-me de folhas e de flores.

Escuta como as vozes da juventude nos chamam nos prados, ó tu que sabes perceber quaes sejam os fructos para morder.

Não, não estás sem dons, ó Mulher, se tens o teu dulcissimo regaço:

Vem, ficarás commigo embriagada de effluvios dentro de uma dissolvida moita de rosas.

**A**GORA estás para te abrir como uma gemma em Abril; a noite recolheu-se nos teus olhos mas o dia está hospedado na tua fronte branca e na tua garganta quente.

E eis que estás para ser o berço suave onde o sonno mais doce é dormido, velado pelas violetas e pelas estrellas e mantido sobre uma rosea tepidez.

E eis que de ti joram as nascentes do sangue e as fontes do leite:

Aquellas que colorem os labios e enchem o coração, aquellas que dão phosphoro ao cerebro e robustecem os ossos.

**T**U e eu: eis o Animal magnifico que vive o seu feliz instante em um relampago de amor:

Tens nas veias tumidas o calor do sol, eu na respiração o anceio possante do mar.

Arrebatou-me um sopro prepotente e levou-me aos espaços dos céos:

Sou o pollen que o vento indomito transporta suavemente para o calix perfumado.

Todas as cores se accendem, todos os perfumes se espalham: debaixo de ti o catre é constituido de todas as corollas do mundo.

Nós somos, Eu e Tu, o Androgyno bello e poderoso: Tu a terra e eu o sol.

Tu a terra e eu o amor.

Tu e Eu: vertebras divididas pelo mesmo amplo alento, ligando-nos recompomos a Criatura mais bella.

Eu sou a luz: Tu o prisma: separa-me nos meus elementos com um beijo da tua bocca.

**U**MA vez que te não foi dado o dom do canto e a voz do orgulho, foi-te concedida a caricia da persuasão:

Eu assobio-te elogios sobre suaves motivos de phantasia; mas Tu és o echo que fielmente escutas e repete o meu canto.

Eu sou o inventor dos mais estranhos feitiços: nas antiquissimas edades como tive motivos para te chamar Pandora quiz presentear-te uma borboleta, Psyche;

Mas não soube circumdar-te de tanta luz como a tua belleza sabe fazer para toda cousa:

Põe aureolas também sobre a minha cabeça, e também hoje, ó Mulher, és a grinalda que me glorifica a fronte e me induz a cantar.

E agora se do pedestal da terra também eu pense em levantar o vôo sem volta em demanda da immortalidade,

é tu o laço serico que me tem preso, retardando com instantes longos e haustos longos os vôos sem volta.

Eis, eu fico para ti com braços robustos e peito amplo: este é o teu melhor travesseiro, estes são os teus melhores collares, Mulher minha.

**B**ATE á porta do mytho, desfolha os rosaes da lenda, escuta o rio da historia fluir:

Nos nomes mais bellos tu ouvirás fremir o teu, ligeiro e devagar: sentinel-o-ás tornar doce a bocca do Homem e sempre ligado ao teu o seu nome.

Uma vez que nas paginas da Eternidade prescriptas pela Lei o phenomeno da nossa Existencia foi sempre e será uma veia de sangue azul e vermelho, pulsando vehemente, potente e efficaz

Metade minha, osso meu, carne minha, este é o meu canto, o canto do Homem.

**Q**UEIRO que me acompanhes pela estrada recta dos sulcos embalando uma nossa esperança com a leve voz da Ave:

Que me ajudes a torcer na amassadeira a meada do pão trabalhado e a doural-a para as manhãs imminentes!

Que venhas ao meu encontro pelo caminho solitario e não tenhas receio de não ter dons, se tens o teu dulcissimo regaço:

E quando te beije feches as palpebras e quando as levantes fiques  
commigo embriagada de effluvios dentro de uma dissolvida moita  
de rosas:

Que tu te sintas nos braços da primavera quando irrompa do teu  
bramido de mãe um desesperado vagido:

E inclines então sobre elle um cacho de doces essencias para que  
nelle lhe selles a sêde e lhe offereças uma rosea tepidez para que  
aprenda a sonhar!

O' mãe minha, ó promessa minha, ó mãe dos meus filhos, escuta:

Este é o meu canto, o canto do Homem.

(“Libro degli elogi, *Elogio della Vita*”)

RANIERO NICOLAI.

Trad. da Redacção.





## A NEVROSE DO AMOR

---

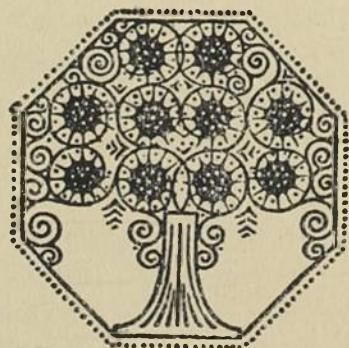
(Pagina de um livro em preparo)

**Q**UASI todas as doutrinas hoje formuladas sobre a paixão amorosa fazem do instinto sexual o fundamento das suas conclusões. A psychologia antiga e contemporânea, na impossibilidade de surprehender a genese do amor e de desvendar o mysterio da sua evolução, abandona o campo das abstracções e concentra-se no puro terreno da sensualidade, para reduzir todos os altos arroubos do passionismo a uma simples questão de capacidade genesica. No fundo de todos os escriptos, o observador vai encontrar não um problema de psychologia, mas uma brutal e imperiosa exigencia do instinto animal, do cio procriador. Nada, entretanto, mais falso do que esse conceito de impulsão amorosa. Raro é o caso de nevrose passional, em que o instinto de reprodução prepondere. Em regra é a sua propria negação. Supplanta-o, asphixia-o. A fecundação da mulher é sempre um grave obstáculo, que vem perturbar a marcha ascencional da paixão. A nevrose do amor é a glorificação da esterilidade feminina. Arde como um fogo sagrado, mas infecundo. O seu ideal é a apotheose da mulher archetypo, symbolo eterno da belleza e do mysterio; mas a negação absoluta e formal do sentimento de maternidade, que offende a magestosa perfeição das formas e perturba a harmonia e o equilibrio das linhas femininas.

No amor, a mulher perde os attributos da sua condição humana. Transfigurada pelos esplendores da paixão, exalçada pelos impetos da nevrose, ella se converte num symbolo dominador, num idolo mysterioso e super-humano, suprema inspiradora de todos os heroismos e de todos os crimes, fonte da virtude e da infamia, soberana incontestavel, divindade poderosa, cuja influencia penetra os mais intimos recessos do coração humano, como um fluido imponderavel, que na sua passagem deixasse tanto as mais subtis e vagas sensações, como os mais bellos e vigorosos ideaes, impregados da sua essencia entorpecedora.

O amor não é procreação. E' divinisação, idealisação, immaterialisação. A nevrose do amor é inimiga da especie. Vive da febre, da ansia, do delirio. Em lucta com o instincto da reprodução, vence-o. Pelos flexiveis tentaculos das suas aberrações suga toda a seiva da vitalidade humana e ateia no sangue apenas o fogo devastador, implacavel e satanico da sensualidade morbida, que dá ingresso, como um portico monstruoso, ás regiões sombrias da loucura, da criminalidade e do suicidio.

A. A. DE COVELLO.





## “O SANEAMENTO DO BRASIL”

---

*A propósito do seu livro — “O Saneamento do Brasil” — o dr. Belisario Penna recebeu a seguinte carta:*

Paris, 27 de Agosto 1923.

Insigne Dr. Penna.

**E**NTERNECIDAMENTE lhe agradeço a segunda edição do Saneamento do Brasil. Deveria andar o valiosíssimo livro pelos trinta milhões d'exemplares, por dever caber um a cada brasileiro. As gravuras illustrariam os marasmados que não podessem desvendar-lhe o texto.

Como deve tudo merecer da consciência de todos nós a sua campanha dos Olhos abertos e Coração alerta! Toda a criminosa e voluntaria illusão dos politicalhões do Imposto seja-como-fôr e dos literatos do paraíso terreal com rouxines nas palmeiras, bicanco o maná que Deus approuvesse reproduzir-nos do capítulo XVI do Exodo da velha Biblia, não se aguentará deante a encarnação da Verdade com que o doutor lhes derranca o convencionalismo e o parti pris.

Que paginas para reflexões, que dura lição de cousas de Morte e Vida, que formidavel requisitorio da inexpiável infamia do abandono de todo um povo ás barbas do Progresso com que se rotula

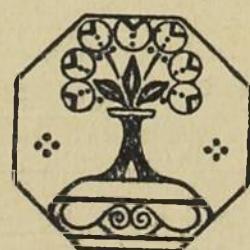
a propria bandeira! O nosso mundo de miserias sociaes merece a sua coragem de fervoroso apostolo de humanidade (com um *h* bem pequenino para a distinguir de certos endeuusamentos estereis a entidades objectivadas apenas no inoffensivo culto das maiusculas).

Quanto ás declamações rhetoricas que enfadaram ao bello espirito de José Maria Bello, não lhes achei nenhum mal, tão bem distribuidas e espontaneas me pareceram. E' uma forma legitima de exprimir sentimentos decantal-os com emphase. A questão é de sinceridade e das razões que a devem alçar ás alturas exigidas no entono que as sobreleva. E para impressionar o publico na propaganda de caracter popular a que se arremetteu, como fugir ás expressões que lhe saltam mais facilmente do quadro de reflexos de sua convidação?

De outra parte, se a sua obra é de desencanto e desgraça, também o é de esperança e de resurreição. Se não lhe ouvirem a voz de profunda caridade e exaltado patriotismo, intimando o direito á saude de nossos compatriotas, tanto peor. A nossa phenomenal lethargia será totalmente culpada de petrificar-se aos gritos da Sciencia e do Civismo d'aquelle a quem saúdo no calor de uma inteira admiração.

Cr.<sup>o</sup> Att.<sup>o</sup> e Obr.<sup>o</sup>

a) ALBERTO RANGEL.





## A MEDICINOPHOBIA DE MOLIÈRE

---

Na scena III do terceiro acto encontra-se este dialogo:

BERALDO. — O que vejo, meu irmão, é que não ha ninguem menos doente do que vós, nem que tenha uma constituição melhor do que a vossa. Uma grande prova de que vos achaes perfeitamente bom, e que tendes o corpo em perfeito estado, é que com todos os cuidados que tendes tido, não pudestes ainda alterar a excellencia do vosso temperamento nem estourar com todos os remedios que vos tem feito tomar.

ARGAN. — Sabei, meu irmão, que é isso que me tem conservado. O doutor Purgon disse que eu succumbirei si elle passar trez dias sem me dispensar os seus cuidados.

BERALDO. — Si não tomardes sentido, elle terá tantos cuidados comvosco, que acabará vos mandando para o outro mundo.

ARGAN. — Raciocinemos um pouco, meu irmão. Não acreditaes na medicina?

BERALDO. — Não, meu irmão, e não vejo em que, para nossa salvação, seja preciso acreditar nella.

ARGAN. — Que! Não tendes por verdadeira uma cousa establecida por todo o mundo, e que todos os seculos têm acatado?

BERALDO. — Muito longe de tel-a como verdadeira, acho que entre nós não passa de uma das grandes loucuras permittidas aos homens; e, examinando as cousas com philosophia, direi que não

conheço mascarada mais risivel, nada mais ridiculo do que um homem que quer se intrometter a curar os outros.

ARGEN. — Por que não admittis que um homem possa curar os outros, meu irmão?

BERALDO. — Pela simples razão, meu irmão, de que as molas da nossa machina são verdadeiros mysterios de que até agora os homens não entendem patavina; pois que a natureza collocou deante de nossos olhos véos muito espessos para que se possa ver qualquer cousa.

ARGAN. — Então na vossa opinião os medicos não sabem nada?

BERALDO. — Sim, por certo, meu irmão. Sabem a maior parte das humanidades, sabem falar em bom latim, nomear em grego todas as molestias, definil-as, dividil-as, porém, no que concerne a cural-as, é do que elles menos entendem.

ARGAN. — E' preciso concordar, porém, que nessa materia os medicos sempre sabem mais do que os outros.

BERALDO. — Sabem, meu irmão, o que já vos disse, mas não curam grandes cousas. Toda a excellencia da sua arte consiste em pomposas galimatias, em especiosa parolagem que nos dá palavras em vez de razões, promessas em vez de factos.

ARGAN. — Finalmente, meu irmão, ha pessoas tão ponderadas e sisudas como vós, as quaes vemos que quando doentes recorrem, como todo mundo, aos recursos dos medicos.

BERALDO. — E' uma prova de fraqueza humana e não uma verdade do valor da sua arte.

ARGAN. — Todavia os medicos acreditam na veracidade da sua arte, pois que della se servem uns para os outros.

BERALDO. — E' que ha entre elles alguns que estando no erro popular, delle se utilisam, e outros que lucram sem estar nelle. Vosso doutor Purgon, por exemplo, não tem nenhuma finura, é um homem todo medico, da cabeça aos pés, um homem que acredita mais em seus principios do que em todas as demonstrações da mathematica, que não vê obscuridade na medicina, nem duvidas, nem difficultades, e com uma impetuosa prevenção, uma tenaz confiança, uma brutalidade de senso commum e de razões opera por meio de purgantes e sangrias, sem se deter deante de coisa alguma. Não lhe deveis querer mal pelo que elle vos puder fazer; será da melhor boa vontade deste mundo que vos mandará desta para melhor, e matando-vos só fará o que fez á sua mulher e seus filhos, e em caso de necessidade fará a si proprio.

ARGAN. — E' que vós tendes contra elle qualquer prevenção. Mas, enfim, vamos ao caso. Que se deve fazer quando se está doente?

BERALDO. — Nada, meu irmão.

ARGAN. — Nada?

BERALDO. — Nada é preciso senão ficar em repouso. A propria natureza, quando a deixarmos operar, se encarregará de eliminar muito tranquillamente a desordem em que cahiu. A nossa inquietação e a nossa impaciencia é que corrompem tudo, e quasi todos os homens morrem de seus remedios e não de suas molestias.

ARGAN. — Mas é preciso concordar numa cousa: não se deve de certo modo auxiliar a natureza?

BERALDO. — Por Deus, meu irmão, isso são idéas com que nós gostamos de nos illudir; em todos os tempos se tem insinuado entre os homens idéas em que acreditam porque ellas enganam, e que seria para desejar fossem elles verdadeiras. Quando um medico vos fala em auxiliar, socorrer, alliviar a natureza, tirando-lhe o que prejudica e dando-lhe o que lhe falta, com o fim de a restabelecer, encaminhando-a para a plena facilidade de suas funcções; quando vos fala de rectificar o sangue, descarregar os intestinos e o cerebro, desopilar o baço, concertar o peito, reparar o figado, fortalecer o coração, restabelecer e conservar o calor natural, ter segredos para prolongar a vida por largos annos, — elle vos narra o romance da medicina. Quando, porém, chegaes á verdade e á experientia, nada disso encontrareis, porque nada passa de um desses bellos sonhos de que ao despertarmos só nos deixam o desprazer de haver acreditado nelles.

ARGAN. — Quereis dizer que tendes encacholada na mioleira toda a sciencia do mundo, e quereis saber mais do que todos os grandes medicos do nossso seculo.

BERALDO. — Falando ou agindo ha duas especies de pessoas nos voossos grandes medicos. Ouvi-os falar e parecerão os mais illustres personagens do mundo; vede-os obrar e elles vos parecerão os mais ignorantes homens da terra.

ARGAN. — Oh! pelo que vejo sois um grande doutor; e desejaria que houvesse aqui um desses senhores para rebater as voossas opiniões e contestar a vossa tagarellice.

BERALDO. — Meu irmão, não tomo sobre meus hombros a tarefa de combater a medicina, e cada um segundo os perigos e fortuna pode crer no que bem lhe aprouver. Falo no que nos

interessa: desejaria poder de qualquer forma tirar-vos do erro em que estaes, e para vos divertir levar-vos a assistir sobre este assumpto a algumas comedias de Molière.

ARGAN. — E' um bom impertinente, esse vosso Molière, com as suas comedias. Acho-o muito engraçado quando faz os medicos.

BERALDO. — Não são os medicos que elle representa, mas sim os ridiculos da medicina.

ARGAN. — Fica-lhe bem em se metter a fiscalisar a medicina. E' patetice e impertinencia debuchar as consultas e as receitas, atirando-se aos medicos e exhibir na scena do seu theatro pessoas veneraveis como essas dos medicos.

BERALDO. — Que quereis que elle exhiba senão as diversas profissões do homem? Todos os dias põe elle em scena os reis e os principes, que são de tão bom cabedal como os medicos.

ARGAN. — Pelo Demo! Si eu fosse medico vingar-me-ia da sua impertinencia, e quando estivesse elle doente deixal-o-ia morrer sem assistencia; não lhe daria a menor sangria, nem o mais pequeno clyster, e lhe diria: estoura! arrebenta! isso te ensinará por outra vez a pôr em scena a Faculdade.

BERALDO. — Estaes bem irado contra elle.

ARGAN. — Sim. E' um indiscreto imprudente; e si os medicos forem assisados farão o que digo.

BERALDO. — Pois elle será ainda mais assisado do que os voossos medicos, porque não lhes pedirá o seu soccorro.

ARGAN. — Tanto peior para elle, si não recorrer aos medicos.

BERALDO. — Molière tem as suas razões para não querel-os, e sustento que isso só é permittido aos individuos vigorosos e robustos, que disponham de forças para supportar os remedios com a doença, não porém a elle, que mal pôde supportar a sua doença.

ARGAN. — São razões tolas. Mudemos de assumpto, meu irmão, não tratemos mais desse homem, porque isso me excitaria a bile e vós me provocareis a minha molestia.

Commentando essa passagem, diz Auger que é com um verdadeiro sentimento de tristeza que se vê quanto a morte estava proxima de Molière, na hora em que elle dizia essa facecia, pois que trez dias após havel-a pronunciado pela primeira vez no theatro, o grande poeta comico expirava privado dos soccorros da medicina....

Na scena seguinte entra o boticario Fleurant, com a sua seringa em punho, e ao vel-o exclama Argan:

ARGAN. — Ah! meu irmão, com a vossa permissão.

BERALDO. — Como! Que quereis fazer?

ARGAN. — Tomar um pequeno clyster, e hade ser immediatamente.

BERALDO. — Estaes gracejando. Então não podeis passar um momento sem clysteres ou sem medicina? Deixaes isso para outra vez e ficaes em repouso.

ARGAN. — Snr. Fleurant, ficará para esta noite ou para amanhã de manhã.

FLEURANT (*a Beraldo*). — Para que vos intrometteis, opondo-vos ás prescripções da medicina, impedindo que o senhor tome um clyster? Sois bem engracado para ter uma tal petulancia.

BERALDO. — Ide, senhor; bem se vê que não estaes acostumado a falar de frente.

FLEURANT. — Com os remedios não se deve brincar absolutamente, nem me façais perder o meu tempo. Aqui vim para applicar uma boa receita; e vou dizer ao doutor Purgon como me impediram de executar as suas determinações e as minhas funcções. Vereis. (*Sae.*)

Trava-se então em seguida este dialogo:

ARGAN. — Meu irmão, ides ser a causa de alguma desgraça.

BERALDO. — Grande desgraça a de não tomar um clyster receitado pelo doutor Purgon!!! Ainda uma vez, meu irmão, será possivel que não haja um meio de curar-vos da mania dos medicos e que queiraes levar toda a vossa vida envolvido em seus remedios?

ARGAN. — Por Deus, meu irmão, que falais com ponderação, mas si estivesseis em meu logar, a vossa linguagem seria outra. E' muito facil de se falar contra a medicina, quando se está de plena saude.

BERALDO. — Mas, afinal, qual é a vossa doença?

ARGAN. — Fazeis-me enfurecer. Eu queria que tivesses o meu mal, para ver si terieis tanta tagarelice. Ah! Ahi vem o doutor Purgon.

Na scena VI dialogam Purgon, Argan, Beraldo e Toinette.

PURGON. — Acabo de saber á porta boas novidades: que se zomba de minhas prescripções, e que recusam de tomar os remedios que receitei.

ARGAN. — Doutor, não é...

PURGON. — Estamos deante de um atrevimento bem grande, de uma estranha rebellião de um doente contra o seu medico!

TOINETTE. — Isto é espantoso!

PURGON. — Um clyster que eu mesmo tinha tido o prazer de preparar!

ARGAN. — Não fui eu...

PURGON. — Manipulado segundo todas as regras da arte!

TOINETTE. — Elle não está com a razão.

PURGON. — E que devia operar nos seus intestinos maravilhosos effeitos!

ARGAN. — Meu irmão...

PURGON. — Rejeital-o com desprezo!

ARGAN (*mostrando Beraldo*). — Foi elle...

PURGON. — Isso é uma acção exorbitante.

TOINETTE. — Isso é verdade.

PURGON. — Um enorme attentado contra a medicina.

ARGAN (*mostrando Beraldo*). — Foi elle o causador.

PURGON. — Um crime de lesa-Faculdade, que não se pôde punir sufficientemente.

TOINETTE. — Tendes razão.

PURGON. — Declaro que rompo as relações comvosco.

ARGAN. — E' meu irmão...

PURGON. — Que não quero mais ligações comvosco.

TOINETTE. — Fazeis muito bem.

PURGON. — E que para acabar com todas as relações, eis a doação que eu fazia a meu sobrinho, em favor de seu casamento. (*Rasga a doação e atira os pedaços, com impeto.*)

ARGAN. — Foi meu irmão que causou todo este mal.

PURGON. — Desprezar o meu clyster!

ARGAN. — Mandaes trazel-o que eu o tomarei.

PURGON. — Ficareis alliviado num instante.

TOINETTE. — Não o merece.

PURGON. — Ia limpar o vosso corpo, eliminando inteiramente todos os maus humores.

ARGAN. — Ah! meu irmão!

PURGON. — Queria apenas uma meia duzia de tizanas para o desembuchar.

TOINETTE. — Não é digno dos vossos cuidados.

PURGON. — Mas, enfim, porque não quereis curar-vos por minhas mãos?

ARGAN. — Não é por minha culpa.

PURGON. — Pois que vos furtaes á obediencia que deveis ao vosso medico...

TOINETTE. — Isso brada por vingança.

PURGON. — Visto que vos rebellaes contra os remedios que vos receitei...

ARGAN. — Oh! de modo algum.

PURGON. — Tenho a vos dizer que vos abandono á vossa má constituição, ás intemperies de vossas entranhas, á corrupção de vosso sangue, á acidez de vossa bile, á feculencia de vossos humores.

TOINETTE. — E' muito bem feito.

ARGAN. — Meu Deus!

PURGON. — E desejo que antes de quatro dias o vosso mal se torne incuravel...

ARGAN. — Ah! misericordia!

PURGON. — Que tombeis na bradypepsia...

ARGAN. — Snr. Purgon!

PURGON. — Da bradypepsia na dyspepsia...

ARGAN. — Snr. Purgon!

PURGON. — Da dyspepsia na apepsia...

ARGAN. — Snr. Purgon!

PURGON. — Da apepsia na lienteria...

ARGAN. — Snr. Purgon!

PURGON. — Da lienteria na dysenteria..

ARGAN. — Snr. Purgon!

PURGON. — Da dysenteria na hydropsesia...

ARGAN. — Snr. Purgon!

PURGON. — E da hydropsesia na privação da vida, ao que vos conduzirá a vossa loucura.

Dirigindo-se a Beraldo, diz Argan:

ARGAN. — Ah! meu Deus! Estou morto. Meu irmão, estou perdido por vossa causa.

BERALDO. — Que? que dizeis?

ARGAN. — Que não posso mais. Sinto já que a medicina se vinga.

BERALDO. — Palavra, meu irmão, que estaes louco; e eu não queria, por muitos motivos, que vos obrigassesem a fazer o que estaes fazendo. Reflecti um pouco, retomae a vossa personalidade, e não escaldeis tanto a vossa imaginação.

ARGAN. — Vêde, meu irmão, as estranhas molestias com que elle me ameaçou.

BERALDO. — Como sois tolo!

ARGAN. — Disse que me tornaria incurável dentro de quatro dias.

BERALDO. — E que importancia tem o que elle disse? Que será capaz de fazer? Foi por acaso algum oráculo que falou? Parece, ouvindo-vos, que o doutor Purgon tem em suas mãos o fio da vossa existencia, e que como autoridade suprema, elle a augmenta ou diminue ao seu belprazer. Reflecti em que os principios de vossa vida estão em vós mesmo, e que a colera do snr. Purgon é tão pouco capaz de vos fazer morrer como os seus remedios de vos fazer viver. Eis aqui uma aventura, si quizerdes, para vos desfazer dos medicos; si nascestes de modo a não passar sem elles, é facil terdes um outro com o qual, meu irmão, podeis correr um pouco menos de risco.

ARGAN. — Ah! meu irmão, elle conhece todo o meu organismo, a minha constituição, e sabe a maneira que é preciso seguir para me governar.

BERALDO. — E' preciso vos confessar que sois um homem de uma grande prevenção, e que vêdes as cousas com olhos muito exquisitos.

Entra Toinette, que diz a Argan:

TOINETTE. — Está ahi um medico que pede para vos vêr.

ARGAN. — Que medico?

TOINETTE. — Um medico de medicina.

ARGAN. — Pergunte quem elle é.

TOINETTE. — Não o conheço, mas parece-se tanto commigo, que si não estivesse certa da honestidade da mamã, diria que é para ahi um irmão que ella me arranjou depois da morte do papá.

ARGAN. — Manda-o entrar.

Segue-se a scena IX do terceiro acto. Fala Beraldo:

BERALDO. — Estaes servido a vosso contento. Um medico vos deixa e outro se apresenta.

ARGAN. — Estou bem receioso de que não sejaes ainda a causa de alguma desgraça.

BERALDO. — Ainda! Tornaes a falar nisso?

ARGAN. — Vêde, tenho sobre o coração todas essas doenças que não conheço absolutamente, essas...

Toinette entra disfarçada de medico.

TOINETTE. — Permitti, senhor, que eu venha fazer-vos uma visita, e vos offerecer meus pequenos serviços para todas as sangrias e todos os purgantes de que tiverdes necessidade.

ARGAN. — Senhor, eu vos fico muito agradecido. (*A Beraldo.*) Palavra que me parece a propria Toinette.

TOINETTE. — Peço-vos que me desculpeis, senhor; tenho uma ordem a dar ao meu criado; voltarei immediatamente. (*Sae.*)

ARGAN. — Oh! não vos parece que seja effectivamente Toinette?

BERALDO. — E' verdade que a semelhança é muito grande, mas não é a primeira vez que se vêm dessas cousas, e as historias estão recheadas desses caprichos da natureza.

ARGAN. — Por mim estou surpreso, e...

Entra Toinette e pergunta:

TOINETTE. — Quereis alguma cousa, senhor?

ARGAN. — Como?...

TOINETTE. — Não me chamastes?

ARGAN. — Eu? Não!

TOINETTE. — E' possivel então que os ouvidos me enganassesem.

ARGAN. — Demora-te um pouco aqui para veres como esse medico se parece contigo.

TOINETTE. — Realmente. Vi-o. Tenho que fazer. (*Sae.*)

ARGAN. — Si não os visse a ambos diria que eram uma só pessoa.

BERALDO. — Já li cousas espantosas sobre essas especies de semelhança physica; e temos visto nos nossos dias muitas com que todos se têm enganado.

ARGAN. — Por mim digo que podia ter sido enganado, mas sou capaz de jurar que é a mesma pessoa.

Toinette volta disfarçada de medico:

TOINETTE. — Senhor, de todo o meu coração peço-vos perdão.

ARGAN (*baixo, a Beraldo.*) — Isto é de causar admiração.

TOINETTE. — Consentir que eu satisfaça a curiosidade que tenho de examinar um doente illustre como vós sois. Vossa reputação, que se estende por toda a parte, desculpará a liberdade que tomei.

ARGAN. — Senhor, sou um vosso criado.

TOINETTE. — Reparo, senhor, que me olhaes fixamente. Que edade acreditaes que eu tenha?

ARGAN. — Creio que quando muito podeis ter uns 26 a 27 annos.

TOINETTE. — Ah, ah, ah! Tenho 80.

ARGAN. — 80!!!

TOINETTE. — Sim. Vêde um effeito dos segredos de minha arte e de me conservar assim nedio e sadio.

ARGAN. — Palavra! sois muito moço para ter 80 annos.

TOINETTE. — Sou um medico itinerante, ando de cidade em cidade, de província em província, de reino em reino em busca de illustres assumptos para a minha capacidade, de encontrar doentes dignos de ocupar a minha attenção, capazes de experimentar os grandes e bellos segredos que encontrei na medicina. Desprezo essa mixordia de molestias ordinarias, essas bagatellas de rheumatismos e de defluxos, flatos, enxaquecas.

Quero encontrar molestias de importancia, boas febres continuas, com delirio, escarlatina, peste, hydropisias, pleurisias com inflammação do peito, isso é que me apraz, ahi é que triumpho. Por isso, senhor, é que eu desejaria que tivesseis todas essas molestias que acabo de enumerar, e que fosseis abandonado por todos os medicos, e que estivesseis desesperado e agonico, para vos mostrar a excellencia dos meus remedios, e a satisfação que eu teria em vos prestar serviços.

ARGAN. — Sou muito agradecido, senhor, pela bondade que tendes tido commigo.

TOINETTE. — Dae-me o vosso pulso. Vejamos si elle bate com regularidade. Ah! que eu vos farei andar direito. Oh! que pulso desarrazoado! Não me conhecéis ainda. Quem é o vosso medico?

ARGAN. — O doutor Purgon.

TOINETTE. — Não tenho esse nome inscripto entre os dos grandes medicos da minha lista. De que disse elle que estaes doente?

ARGAN. — Diz que é do figado, outros dizem que é do baço.

TOINETTE. — São todos uns ignorantes. E' do pulmão que estaes doente.

ARGAN. — Do pulmão?

TOINETTE. — Sim. Que sentis?

ARGAN. — De tempos a tempos sinto dores de cabeça.

TOINETTE. — Justamente. E' do pulmão.

ARGAN. — A's vezes parece-me que tenho um véo deante dos olhos.

TOINETTE. — E' do pulmão.

ARGAN. — Tenho algumas vezes palpitações do coração.

TOINETTE. — E' do pulmão.

ARGAN. — Sinto ás vezes uma lassidão em todos os membros.

TOINETTE. — E' do pulmão.

ARGAN. — E outras vezes sinto dores no ventre, como si fossem colicas.

TOINETTE. — E' do pulmão. Comeis com appetite?

ARGAN. — Sim, senhor.

TOINETTE. — E' do pulmão. Gostas de tomar um pouco de vinho?

ARGAN. — Sim, senhor.

TOINETTE. — E' do pulmão. Sentis assim um pouco de somno após as refeições, e desejaes dormir?

ARGAN. — Sim, senhor.

TOINETTE. — E' do pulmão, sempre o pulmão, asseguro-vos. Que vos recommendou o vosso medico para a vossa alimentação?

ARGAN. — Recommendou-me que tomasse sopa.

TOINETTE. — Ignorante!

ARGAN. — Frango.

TOINETTE. — Ignorante!

ARGAN. — Vitella.

TOINETTE. — Ignorante!

ARGAN. — Caldos.

TOINETTE. — Ignorante!

ARGAN. — Ovos frescos.

TOINETTE. — Ignorante!

ARGAN. — E á noite ameixas passadas para desimpedir o ventre.

TOINETTE. — Ignorante!

ARGAN. — E sobretudo beber o meu vinho bem destemperado.

TOINETTE. — *Ignorantus, ignoranta, ignoratum.* E' preciso beber o vosso vinho puro, e para engrossar o vosso sangue, que está muito fino, é preciso comer um bom rosbife, boa carne de porco, bom queijo de Hollanda, papas de aveia e de arroz, castanha amassada com hostia para ligar e conglutinar. Vosso medico é uma besta. Vou vos enviar um outro de minha confiança, e de tempos a tempos virei vos ver, enquanto estiver nesta cidade.

ARGAN. — Fico muito reconhecido.

TOINETTE. — Que diabo fazeis deste braço?

ARGAN. — Como?

TOINETTE. — Eis aqui um braço que mandaria cortar si estivesse no vosso logar.

ARGAN. — Por que?

TOINETTE. — Não vêdes que elle tira toda a nutrição e impede este lado de aproveital-a?

ARGAN. — Sim; mas eu tenho necessidade de meu braço.

TOINETTE. — E o vosso olho direito tambem o mandaria furar si estivesse em vosso logar.

ARGAN. — Furar um olho?

TOINETTE. — Pois não vêdes que elle causa incommodo ao outro, roubando-lhe a nutrição? Acreditaí-me; deveis mandar fural-o quanto antes. Enxergareis melhor do olho esquerdo.

ARGAN. — Quanto a isso não haja pressa.

TOINETTE. — Adeus. Sinto muito deixal-o tão cedo, mas é que preciso estar presente a uma grande consulta que vae ser feita para um individuo que falleceu hontem.

ARGAN. — Para um sujeito que morreu hontem?

TOINETTE. — Sim; para accordar e ver o que teria sido preciso fazer para cural-o. Até á vista.

ARGAN. — Sabeis que os doentes não acompanham as visitas?

Retirando-se, Toinette, entra na scena seguinte Beraldo, que diz:

BERALDO. — Eis um medico que na verdade parece ser muito illustre.

ARGAN. — Sim; mas vae tão depressa...

BERALDO. — Todos os grandes medicos são assim.

ARGAN. — Cortar-me um braço e furar-me um olho com o fim de ficar melhor dos outros!... Estimarei muito que fiquem como estão. Que bella operação: Ficar caolho e maneta!!!

Na scena seguinte entra Toinette e fingindo que fala a alguem, diz:

TOINETTE. — Vamos, vamos, sou vossa criada. Não tenho vontade de rir.

ARGAN. — Que é?

TOINETTE. — Vosso medico que me queria tomar o pulso.

ARGAN. — Accedei. Com 80 annos...

BERALDO. — Já que o snr. Purgon está zangado comvosco, não quereis que vos fale do partido que se offerece para a minha sobrinha?

ARGAN. — Não, meu irmão, quero mettel-a num convento, já que ella se oppoz aos meus desejos. Vejo bem claramente que ha em tudo isso um namorico, e descobri certa entrevista secreta que julgam que eu ignore.

BERALDO. — Pois bem. Mas ainda quando houvesse uma pequena inclinação qualquer, seria isso algum crime? Haverá alguma cousa que vos offenda, quando se trata de um cousa honesta como o casamento?

ARGAN. — Seja como fôr, meu irmão, ella será uma religiosa, é caso resolvido.

BERALDO. — Quereis dar prazer a alguém?

ARGAN. — Comprehendo. Voltaes sempre ao mesmo assunto e implicaes com minha mulher.

BERALDO. — Pois bem. Visto que é preciso falar com o coração nas mãos, direi: é exactamente de vossa mulher que eu quero falar. Não posso vos tolerar a teimosia da medicina nem a de serdes por ella, nem ver de cabeça baixa cahirdes em todos os laços que ella vos arma.

TOINETTE. — Ah! senhor. Não deveis falar da senhora; é uma mulher de quem nada se deve dizer; sem artifícios, que ama o seu marido, que o ama... Não se pôde dizer isso.

ARGAN. — Perguntae-lhe pelas caricias que ella me faz...

TOINETTE. — Isso é verdade.

ARGAN. — ... a inquietação que lhe causa a minha molestia...

TOINETTE. — Certamente.

ARGAN. — ... e os cuidados e os trabalhos que ella me dispensa.

TOINETTE. — E' verdade. (*A Beraldo.*) Quereis que vos convença e vos mostre daqui a pouco como a senhora gosta de seu marido? (*A Argan*) Senhor! Permitti que eu lhe mostre a sua tolice e o tire do erro em que labora.

ARGAN. — Como?

TOINETTE. — A senhora vae voltar daqui a pouco. Estendei-vos nesta cadeira e fingi de morto. Vereis a sua dôr quando lhe dérem a noticia.

ARGAN. — Estou de acordo.

TOINETTE. — Sim. Mas não a deixeis por muito tempo no desespero, porque isso era capaz de matal-a.

ARGAN. — Deixae isso por minha conta.

TOINETTE (*a Beraldo*). — Quanto a vós, occultae-vos naquelle canto.

O resultado dessa situação é o mais comico possivel. Beline regosija-se com a *morte* do marido, mas Angelica, a filha de Argan, lamenta o trespasso de seu pae.

Por fim, descobrindo que Argan estava bem vivo, Angelica e Cleanto se atiram aos seus pés e supplicam que consinta no seu casamento. Argan estabelece uma condição: Cleanto ha de se fazer medico para poder ser seu genro.

ARGAN. — Que se faça medico e consentirei no casamento.  
(*A Cleanto*) Fazei-vos medico e vos darei a minha filha.

CLEANTO. — Da melhor vontade, senhor. Si só depende disso para ser vosso genro, far-me-ei medico, boticario, o que quizerdes. Isso é cousa sem importancia. Muitas outras farei para obter a mão da bella Angelica.

BERALDO. — Meu irmão. Tenho uma idéa. Fazei-vos medico. A commodidade seria ainda muito maior: tereis em vós tudo que precisardes.

TOINETTE. — Isso é verdade. E' o verdadeiro meio de vos curardes depressa; e não ha molestia bastante ousada para se metter na pelle de um medico.

ARGAN. — Penso, meu irmão, que estás zombando de mim. Por acaso estou ainda em edade de estudar?

BERALDO. — Ora muito bem! Estudar! Sois bastante esperto e ha muitos dentre os medicos que não têm a vossa habilidade.

ARGAN. — Mas é preciso saber falar bem o latim, conhecer as molestias e os remedios.

BERALDO. — Recebendo a borla e o capello de medico, vós aprendereis tudo isso, e depois disso haveis de ficar muito mais: habil do que julgaes.

ARGAN. — Como? Sabe-se discorrer sobre molestias só porque se tem o vestuario dos medicos?

BERALDO. — Sim. Basta falar-se vestido de medico e qualquer idiota torna-se um sabio e qualquer sandice passa por verdade.

TOINETTE. — Olhae, senhor. Tendes a vossa barba e isso já é muito, e a barba faz a metade de um medico.

CLEANTO. — Em todo o caso estou prompto para tudo.

BERALDO (*a Argan*). — Quereis que o negocio se faça já?

ARGAN. — Como? Já!

BERALDO. — Sim, e na vossa casa.

ARGAN. — Em minha casa?

BERALDO. — Sim. Conheço uma Faculdade de amigos, que poderá daqui a pouco vir fazer a cerimônia na vossa sala. Nada vos custará.

ARGAN. — Mas que irei eu dizer? que hei de responder?

BERALDO. — Aprendereis em duas palavras e dar-vos-ão por escripto o que deveis de dizer. Ide metter-vos numa roupa mais propria. Vou mandar procural-os.

ARGAN. — Vamos lá, vejamos isso.

Na scena final ha este dialogo:

CLEANTO. — Que entendéis por essa Faculdade de amigos?

TOINETTE. — Qual é o vosso plano?

BERALDO. — Divertimo-nos um pouco esta noite. Os comediantes fizeram um pequeno intermedio da recepção de um medico, com danças e musica; quero que façamos o divertimento em conjunto e que meu irmão faça o principal personagem.

ANGELICA. — Está me parecendo, meu tio, que vos quereis divertir demasiadamente com meu pae...

BERALDO. — Minha sobrinha, não é tanto para divertir-me, mas para conformar-me com as suas fantasias. Tudo isso será entre nós. Cada um de nós poderá fazer o seu personagem e fazer uma comedia uns com os outros. O carnaval tudo justifica. Vamos preparar tudo com rapidez.

CLEANTO (*a Angelica*). — E vos submetteis a isso?

ANGELICA. — Sim, pois é meu tio que nos Guiará.

Segue-se o terceiro intermedio, que é constituído por uma "cerimônia burlesca de um homem que se disfarça em medico, recita, canta e dança; prepara-se a sala e em seguida toda a assistencia, composta de oito porta-seringas, seis boticarios, vinte dois doutores, o que é recebido como medico e oito cirurgiões dançarinos e dois cantores entram e tomam os seus logares.

Esse intermedio é todo escripto num iatim mascavado; tomam parte o presidente da Faculdade de Medicina, Argan, com o titulo de bacharel e os personagens já descriptos. Depois de uma grande troça feita com a medicina e os medicos, Bacharel pronuncia varias vezes o estribilho:

"Clysterium donare,  
postea seignare,  
ensuita purgare."

A certa altura, o presidente da Faculdade indaga do bacharel:

“Juras gardare statuta  
por facultatem prescripta,  
cum senso et julgeamento?”

Responde Bacharel:

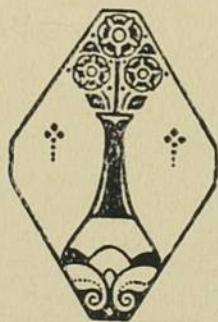
“Juro!”

E pronunciando essa palavra, teve Molière a primeira crise da molestia que dahi a horas o matava.

Assaltou-o uma convulsão que foi percebida por alguns espectadores, e reparando elle que os seus sofrimentos tinham sido notados, fez um esforço supremo e procurou disfarçar com um sorriso contrafeito. Dahi a pouco terminava a representação e Molière, dirigindo-se ao camarim do seu collega Baron, perguntou-lhe o que pensava da comedia que acabava de ser representada...

Entrementes o seu mal recrudescia, um frio de morte invadia-lhe o corpo, as mãos estavam geladas; Baron o agasalhou, sentou-o a uma cadeira em que o grande poeta comico foi transportado á sua residencia, á rua Richelieu.

#### MUCIO DA PAIXÃO



# ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

F RANKLIN TAVORA

Patrono da cadeira n.º 14. Nasceu na Serra do Baturité (Estado do Ceará), a 13 de janeiro de 1842 e faleceu no Rio de Janeiro, a 18 de agosto de 1888.

## BIBLIOGRAPHIA

- 1 *Trindade maldicta* — contos no botequim — Recife — 1861
- 2 *Um mysterio de familia* — drama em 3 actos, escripto e representado em 1861. Publicado em 1862. Possúo a 2.<sup>a</sup> edição — 119 pags. Rio, Typ. do Imperial Instituto Artístico — 1877. (Representado no Theatro Santa Izabel).
- 3 *Os indios do Jaguaribe* — rom. em 4 vols. — Recife — 1862. Possúo a 2.<sup>a</sup> edição em que se publicou apenas o 1.<sup>o</sup> vol. — 214 — 17 pags. — Recife. Typ. do Jornal do Recife — 1870.
- 4 *A casa de palha* — romance publicado em folhetins do Jornal do Recife — 1866.
- 5 *Um casamento no arrabalde* — romance — Recife — 1869. A 2.<sup>a</sup> edição é do Rio, Imprensa Nacional, 1881, e a 3.<sup>a</sup> de 97 paginas — Rio, H. Garnier — 1903.
- 6 *Tres lagrimas* — drama em 3 actos e 7 quadros — 196 pags. — Recife, Typ. do Mercantil — 1870 (Representado no Theatro Santa Izabel).
- 7 *Cartas de Sempronio a Cincinnato* — (Estudos críticos de Sempronio) — 2.<sup>a</sup> edição — 330 pags. — Pernambuco, J. W. de Medeiros, 1872, Possúo tambem a 1.<sup>a</sup> edição nas “Questões do dia”, de José Feliciano de Castilho.
- 8 *O cabelleira* — romance — 1.<sup>a</sup> edição — 317 pags. — Typ. Nacional — 1876; 2.<sup>a</sup> edição — 269 pags. — Rio, H. Garnier — 1902. (Possúo as duas).
- 9 *O matuto* — romance — Rio, Typ. Perseverança — 1878. A 2.<sup>a</sup> edição de 374 pags. — Rio, H. Garnier — 1902.

- 10 *Lendas e tradições populares* — na *Illustração Brasileira* de Max Fleiuss.
- 11 *Sacrificio* — romance — na *Revista Brasileira*, phase de 1879 a 1881.
- 12 *Lourenço* — romance — 1.<sup>a</sup> edição na *Revista Brasileira*; 2.<sup>a</sup> edição: Rio, Typ. Nacional — 1881; 3.<sup>a</sup> edição, 295 pags. — Rio, H. Garnier — 1902.
- 13 *Notas bibliographicas* — na *Revista Brasileira*.
- 14 *Prefacio* do *Diario de Lazaro*, de Fagundes Varella. Antes publicado na *Revista Brasileira*
- 15 *Os patriotas de 1817*, separata da *Revista do Inst. Arch. e Geogr. de Pernambuco*.
- 16 *Prefacio* das *Espumas fluctuantes*, de Castro Alves.

Deixou varios trabalhos ineditos: *Picos*, episodio de uma festa, 2.<sup>o</sup> livro da litteratura do Sul; *Pantano*, epilogo de um drama, 3.<sup>o</sup> livro da litteratura do Sul. Escreveu ainda: *Historia da revolução de 1817*, segundo a referencia de Sylvio Romero e João Ribeiro (Compendio de historia da litteratura brasileira); *Historia da revolução de 1824* (idem), ambas inutilizadas pelo fogo, em momento de desespero, pouco antes da morte; *O Praieiro e Norte*, segundo allusão do seu filho Mauricio Tavora, artigos de critica sobre politica e a comedia "Quem muito abraça pouco abraça".

Escreveu no *Jornal do Recife*; em *A Verdade* (Recife, 1872-73); *Questões do dia*, de José Feliciano de Castilho; *Consciencia livre* (1869-70); *O Americano* (1870-71), com Tobias Barreto; *Illustração Brasileira*: *Lendas e tradições populares*; *Revista Brasileira* (2.<sup>a</sup> phase): 1879-81 — *Sacrificio* (romance) vols. I e II, *Lourenço* (romance) vols. VII, VIII e IX, *Notas bibliographicas*, vols. II, III, IV, V, VI. *Os patriotas de 1817* — vol. IV, *As obras de Frei Caneca*, vol. VIII, *Uma estancia dos Lusiadas* — vol. IX, *Camões e Portugal* — vol. IV. *O diario do Lazaro* — vol. V; *Revista do Instituto Historico*: Discurso na Sessão de encerramento — tomo XLIV, parte 2.<sup>a</sup> e nos immediatos até XLIX, Elogio historico dos socios falecidos, Extincão da escravidão no Brasil; *Diario de Pernambuco*; *Situação Liberal* (1866-67); *Globo*; *Mephistopheles*.

#### *Fontes para o estudo critico*

- 1 CLOVIS BEVILAQUA — Franklin Tavora — n.<sup>o</sup> 9 da *Revista da Academia*.  
IDEM — Franklin Tavora.
- 2 JOSE' VERISSIMO — Estudos de litteratura brasileira — tomo V, pag. 129.  
IDEM — *Historia da Litteratura Brasileira*, pag. 324.
- 3 SYLVIO ROMERO e JOAO RIBEIRO — Compendio de litteratura brasileira, pag. 305.
- 4 VISCONDE DE TAUNAY — Discurso na *Revista do Instituto Historico*, vol. LI, pag. 351.

- 5 JULIO BARBUDA — Litteratura Brasileira, pag. 536.
- 6 RONALD DE CARVALHO — Pequena historia da litteratura brasileira, pagina 259.
- 7 SACRAMENTO BLAKE — Diccionario bibliographico.
- 8 EUGENIO WERNECK — Anthologia brasileira, pag. 350
- 9 BARÃO DE STUDARDT — Pequeno diccionario bibliographico cearense (Revista da Academia Cearense, tomo VI, pag. 97).
- 10 ERNESTO BIESTER — Revista Contemporanea, de Portugal e do Brasil — Abril de 1862.
- 11 JOSE' FELICIANO DE CASTILHO — Jornal do Commercio — 1876.
- 12 MACIEL PINHEIRO — Um mysterio de familia — Carta ao autor.
- 13 FRANKLIN TAVORA — Prologo da 2.<sup>a</sup> edição de "Um mysterio de familia".
- IDEM — Prefacios dos romances.
- 14 RANGEL DE S. PAIO — Carta appensa a "Um casamento no arrabalde".

*Noticia biographica e subsidios para um estudo critico*

**A** FEIÇÃO caracteristica de Franklin Tavora, como homem de letras, é a do romancista. Contribuiu com sete romances para o acervo litterario do Brasil e imprimiu nova orientação no genero, assumindo função apreciavel na marcha evolutiva do romance nacional. A principio pagou tributo ao indianismo, como os "Indios do Jaguaribe", o que determinou a sua malquerença, ou, pelo menos, irritação para com José de Alencar, segundo o testemunho de Araripe Junior.

Tavora confiara ao autor do "Guarany" um exemplar do romance, cujo thema é a expedição de Pero Coelho ao Ceará, em 1603; Alencar lera-o com attenção e curiosidade, e annotara á margem as suas impressões, afim de emitir juizo sobre a obra, quando lhe agradecesse a offerta. Houve demora, e um desaffecto do apreciado autor da "Viuvinha" serviu-se do ensejo para armar a intriga, attribuindo-lhe, com referencia ao trabalho de Tavora, a phrase pejorativa: "taes indios precisam, ainda, de ser descascados". Surtiu o desejado effeito a calumnia que determinou a reacção esperada pelo intrigante, pois o despeitado autor aceitou, como empreitada, demolir a merecida reputação de Alencar, escrevendo artigos em *A Verdade* e as "Cartas de Sempronio a Cincinnati", primeiramente publicados nas "Questões do dia", de José Feliciano de Castilho, e enfeixados, logo após, em volume.

Ao desenvolvido ensaio indianista, seguiu-se um romance de costumes pernambucanos — "Casa de palha" — publicado em folhetins do Jornal do Recife.

A novella "Um casamento no arrabalde" não justifica a epigrafhe — Litteratura do Norte — a que Franklin Tavora subordinou as suas obras de ficção. Aliás, mesmo para outras produções torna-se descabida e inconveniente semelhante classificação.

O regionalismo, em se tratando de themes preferidos, não constitue condição sufficiente para differenciar a litteratura de um paiz, segundo os pontos cardaeas, os accidentes geographicos, os climas ou qualquer outra influencia mesologica. Seriam indispensaveis outros elementos caracteristicos ou de diferenciação, resaltando nesse numero a importancia da lingua, a preponderancia da raça e outros factores da civilisação.

Franklin Tavora e Adolpho Caminha erraram quando prognosticaram o advento da litteratura do norte, em contraste com a meridional.

Não se observam, sequer, symptomas ou tendencias desse pretendido divorcio. Nota-se apenas o caracter regionalista, que tambem vigora no sul, determinando as divisões do genero romance, em urbanos e sertanejos, da vida da cidade e do campo ou das serras, como sucede em relação aos romances que realçam a psychologia dos personagens, se subordinam aos processos do naturalismo, encerram certa dose de philosophy ou de humorismo e nos quaes predomina o cultivo da tradição historica ou o exame dos magnos problemas sociaes. Não ha divergência fundamental na litteratura brasileira, entre o norte e o sul do paiz.

A referida novella desenvolve-se nos arredores de Recife, como poderia ter por scenarios uma das villas de Minas Geraes ou do Estado do Rio.

Em "O cabelleira" o assumpto é mais regional, e sente-se o autor attrahido pela tradição, ao debuxar a psychologia ethnologica dos personagens. Apparece um salteador, um facinora, guindado á altura de heróe, propenso ao bem, quando lida com os fracos e os pobres, e manifestando instinctos indomaveis, ao enfrentar os fortes e poderosos. E' o typo dos cangaceiros do norte, um dos muitos Antonios Silvinos, estudados posteriormente por Euclides da Cunha, Rodolpho Theophilo e Gustavo Barroso.

Mais accentuados no modelo, são os romances successivos: "O matuto" e "Lourenço", ambos filiados ao genero historico, com os attractivos da vida bucolica ou campesina e paginas descriptivas sobre costumes de almocreves ou tropeiros e de habitantes da zona rural, antes e durante a denominada guerra dos mascates.

Dos que foram citados, prefiro o "Lourenço", sem considerar "O Sacrificio", esquecido entre as paginas da Revista Brasileira. Neste ultimo romance, olvidou o autor a missão que se impoz, de explorar o naturalismo tradicionalista e campesino, para abordar um theme de psychologia — a abnegação do amor materno. Estuda a situação de uma senhora divorciada, por incompatibilidade moral, do marido indigno, typo abjecto e torpe, a qual se vê na contingencia de reconstituir, apparentemente, a vida no lar, para garantir o casamento da filha. Embora não seja o caso tratado á maneira dos modernos escriptores que constituem o grupo dos psychologos — Hervieu e Bourget entre muitos — apresenta a emoção sufficiente para ser incluido entre os melhores da nossa litteratura.

Além de romancista, Tavora pagou tributo á influencia byroniana, cultivou o genero theatrical, ensaiou a critica e dedicou-se a estudos historicos. Escreveu um livro — "Trindade maldicta" — contos no botequim, á maneira de "As noites na taverna", de Alvaro de Azevedo, cuja influencia no escriptor cearense, se manifestou intensa e se exerceu no drama "Mysterio de familia", escripto na quadra da adolescencia, aos 18 annos, e representado pela companhia de Furtado Coelho.

Ainda para o genero theatrical, contribuiu com o drama "Tres lagrimas", do repertorio do autor Antonio Augusto.

Como critico, deixou as "Cartas a Cincinnato", de Sempronio, anteriormente publicadas nas "Questões do dia", de José Feliciano de Casti-

lho; as "Notas bibliographicas" da "Revista Brasileira", os estudos sobre Fagundes Varella e Castro Alves, e muitos artigos esparsos.

O critico, pondo de parte as represalias injustas e o proposito de prejudicar a reputação litteraria de Alencar, exhibio provas de valor, erudição e competencia.

Como nacionalista, além do caracter de sua obra de ficção, deixou as "Lendas e tradições populares", contribuição para o *folk-lore* brasileiro; "Os patriotas de 1817", além de outros trabalhos ineditos ou esquecidos nas columnas dos jornaes. Manteve a Revista Brasileira (phase Midosi — 1879-81), em torno da qual se congregaram escriptores de envergadura, como Machado de Assis, Taunay, Sylvio Romero, Carlos de Laet, Arthur Barreiros, Luiz Delfino e muitos outros que deixaram excellente collaboração nos dez tomos da revista. Pertenceu ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, onde teve a saliencia determinada pelo seu talento, e deixou varios trabalhos de valor, como "A extincão da escravidão no Brasil", o "Elogio historico dos socios" e o "Discurso" na sessão de encerramento.

Nasceu João Franklin da Silveira Tavora, filho do major Camillo Henrique da Silveira Tavora e D. Maria de Sant'Anna da Silveira Tavora, na Serra de Baturité, em um sitio pertencente a seu avô, a 13 de janeiro de 1842.

Recebeu a instrucción primaria na cidade de Recife, para onde se transferiu a familia, e em Goyana proseguiu os estudos preparatorios matriculando-se, em 1859, na Faculdade de Direito de Recife. Bacharelou-se em 1863, com a idade de 21 annos, e foi tentar a advocacia na então província de Alagoas.

Cedo regressou á capital de Pernambuco, por occasião do falecimento do pae, para assumir o encargo da familia — viuva e tres filhos menores.

Dedicou-se, então, á vida jornalistica, aceitando o lugar de revisor do "Jornal do Recife" e impondo-se, em curto periodo, pelo talento privilegiado.

Antes de concluir o curso academico, já havia estreiado com um livro de contos extravagantes, um drama, mais tarde refundido, e o seu primeiro romance.

A partir de 1869, redigiu, em companhia de J. B. de Castro e Silva, a *Consciencia livre*, periodico anti-clerical e revolucionario, e successivamente escreveu em *O Americano*, com Tobias Barreto, e em *A Verdade*, semanario consagrado á causa da humanidade, em o qual agitou a questão religiosa, combatendo o poder ecclesiastico.

Foi eleito deputado provincial em 1868, nomeado director da instrução publica, pelo presidente Silveira Lobo, e curador geral de orphãos, cargo que exerceu até 1873, quando se transferiu para a província do Pará, na qualidade de secretario da presidencia.

No anno de 1875, mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro, onde desempenhou o cargo de official da Secretaria do Imperio e desenvolveu maior actividade intellectual, até falecer, a 18 de agosto de 1888, vítima da ruptura de um aneurisma.

Fundou a Associação dos Homens de Lettras, foi socio do Instituto Historico, do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco, da Sociedade de Geographia no Rio de Janeiro e de outras corporações.

Casou-se em primeiras nupcias com D. Alexandrina G. dos Santos Teixeira, na cidade do Recife, de quem houve 4 filhos: Franklin (falecido), Mauricio, Raul e Lucilla. As segundas nupcias foram contrahidas no Rio, em 1885, com D. Leopoldina da Conceição Martins que lhe deu

mais um herdeiro de suas qualidades e de seu talento. A Balthazar, o seu filho do segundo matrimonio, ou a Mauricio que já reuniu os dados biographicos de Franklin Tavora, incumbe a tarefa piedosa de colligir as produções esparsas e publical-as em volumes, juntamente com a obra inedita.

O temperamento do autor de "Lourenço", não era o de um poeta. Na sua obra pouco explora os themas sentimentaes ou o estudo da alma humana; volve-se de preferencia ao exame dos costumes populares, ás lendas e tradições nacionaes, aos phenomenos sociaes e aos aspectos da vida campesina. Pode-se classificar o romancista entre os primeiros escriptores que cultivaram o realismo, sem intenção ou systema preconcebido.

Exactamente como Manoel de Almeida e mais tarde Taunay.

Os quadros da natureza, pouco lhe seduzem o espirito, as paisagens e o ambiente nos seus romances não têm relevo. Elle prefere as descrições da vida em collectividade, dos costumes nas habitações rurais.

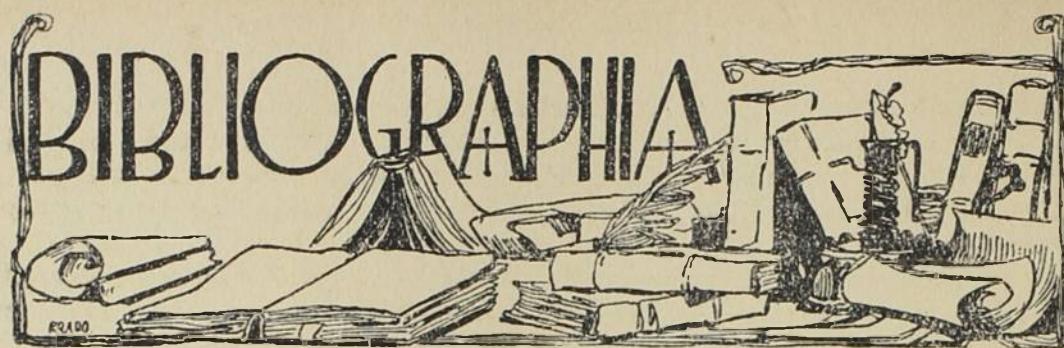
Clovis Bevílaqua, o seu melhor critico, escreveu com muito acerto: "As fontes de sua inspiração, foram: o sentimento patriótico e a liberdade. O primeiro fazia-o comprehender, pela sympathia, as chronicas do paiz, adorar os seus heróes e descobrir no futuro, mal esboçado ainda, no pensamento, uma forma de cultura, particular do povo brasileiro. Dahi partiu para desdobrar o estandarte de uma litteratura do Norte, onde lhe parecia que estavam assentadas as bases dessa formação social. A segunda falava batalhar na imprensa periodica e pôe, nas suas obras litterarias, um ardor communicativo, que é dos mais prezados encantos, em trabalhos dessa especie."

E integravam-se romancista e historiador, na pesquisa do elemento traditivo, no isolamento do germen de nacionalismo que, bem cultivado, viesse proliferar na immensa região, através dos séculos vindouros.

Falleceu-lhe, todavia, envergadura para obra de tão elevado alcance. Não era dotado da faculdade poderosa de analyse e nem possuia a cultura philosophica indispensável a generalizar factos observados e imprimir a orientação decisiva do futuro. Mas, nem por lhe escassearem esses dotes prestativos, deixou de desempenhar, a contento, o seu papel importante na evolução do gênero literário que cultivou com mais carinho — o romance — e de prestar relevante auxílio à causa do nacionalismo, com o seu apego á tradição.

#### SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

A formação do espirito — Estreia do estudante — As dificuldades da vida — Ação no jornalismo — Influencia de Alvares de Azevedo — O teatro — Romancista — Indianismo — Regionalismo e tradição — Injustiça para com José de Alencar — O critico — Biographia do escritor — O historiador — A influencia exercida por Tavora na literatura brasileira.



*ORPHEU*, por Homero Prates. — Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1923.

Homero cantou o mytho de Orpheu, e o mesmo mytho de Orpheu acaba de ser cantado pelo sr. Homero Prates. Não ha nisto ironia, a despeito da diferença e da distancia que separam os dois Homeros. E' que o sr. Homero Prates, neste livro, se revela, na realidade, um grego, um verdadeiro grego pela serenidade, pela eurythmia e pelo seu alto sonho de belleza. O distinto poeta e escriptor vem, desde ha muito, estudando o esoterismo através de todos os mythos e raças, e depois de exgottar a sua curiosidade no mosaismo, no christianismo esoterico e na theosophia hindú, mergulhou fundamentalmente na mythologia hellenica, tentando penetrar-lhe os symbolos e as grandes verdades occultas. Como esoterista, o sr. Prates é, dentre nós, um dos mais estudosos e autorisados, e como poeta é um dos mais brilhantes. O exito do seu poema vem d'ahi, da união do seu talento, como poeta, e do seu saber, como devassador de symbolos.

Serve de assumpto ao poema a lenda de Eurydice e Orpheu, e o poeta tratou-o com uma encantadora delicadeza, tendo o cuidado de não se afastar nunca da lenda e do estranho esoterismo que ella oculta. "Orpheu", sobretudo, é um livro honesto, composto com uma seria convicção, que fará, por certo, a delicia dos que amam a boa poesia como a dos que se interessam por coisas de occultismo.

*O DRAMA DAS COXILHAS*, Roque Callage. Ed. Monteiro Lobato & Cia. 1923.

A revolução riograndense é, na verdade, um espectaculo "incisivo e impressionante no dominio da solidariedade collectiva". Consummados os actos que a opinião publica reprovava, bastou apenas, "um grito, para que a alma popular de inopino acordasse, aceitando, sobranceira, para a vida ou para a morte, essa larga attitude da desafronta, a unica que lhe cabia. Das cidades, das villas, das aldeias começou, de um momento para outro, a fuga precipitada da mocidade. Da mocidade e da velhice. Essa fuga não tinha, entanto, o gesto de quem, amedrontado, dispara; tinha, pelo contrario, a imponencia heroica de quem, olhando o perigo, não o teme."

"Os lares todos, os mais humildes, os mais abastados, desde o rancho dos posteiros até as mais modernas estancias, cahiram em completo abandono, como ermas tapéras onde apenas iria viver o genio pungitivo da saudade... Não se cuidava de outra cousa, lá fóra. Os que podiam, os que

tinham um pouco de amor ás tradições imperecíveis da terra natal, iam logo para a revolução. Era lá que estava a justiça, o direito, a razão, a liberdade. Zeca Netto, Honorio Lemos, Leonél, Menna Barreto, Portinho, Adalberto, Azambuja e tantos outros chefes da rebeldia impavida, symbolisavam essa flôr magnifica de protesto, a nascer exuberante, cheia de calor e de seiva, em pleno desabrido da campanha, sob a rude inclemencia do tempo, quer fosse nas avançadas do ataque, quer no perigo das linhas de defesa."

Palavras são essas de Roque Callage, penna adextrada que se evidenciou já numa pequena serie de obras, notavel pela sinceridade e pelo cuidado da expressão sempre nova. Extrahimol-as de sua ultima producção *O drama das coxilhas*, que, trazendo-nos a impressão exacta dos acontecimentos que estão tingindo de sangue os pagos sulistas, é um hymno vibrante de consagração aos denodados farroupilhas. Após a sua leitura, horrorizada a mente pelas scenas selvagens que apresenta, mas por outro lado confortada pelos exemplos de heroísmo e abnegação que enchem as suas paginas, o leitor não se ha de conservar indiferente á sorte da província irmã: seu coração pulsará isochrono com o dos bravos lutadores.

Essa circunstancia, e a de ser obra de arte, fazem d'*O Drama das Coxilhas*, já exposto á venda, um verdadeiro successo de livraria.

*ASSOMBRAÇÃO*, Manoel Victor, ed. Monteiro Lobato & Cia. S. Paulo, 1923.

Dos brasileiros que escrevem, raro o que não tenha começado pelo verso. E' velha a balda de nos dizerem o povo mais cantador de que se ha notícia — balda, porém, que outrem já provou infundada por natural o facto. Não vamos, aqui, adduzir argumentos que comprovem o asserto. Queremos apenas frisar que o sr. Manoel Victor, ao que nos conste, fugiu á regra. Seu livro de estréa é de contos — e contos que estão a denunciar um escriptor de quem muito se pode esperar.

Na verdade, *Assombração*, na desigualdade dos relatos de que se compõe, é uma affirmação. Contem paginas que, com ligeiros retoques, qualquer assignaria. "Coração de macaco", por exemplo, tem vida. Historia horripilante, e por isso mesmo capaz de nos prender a attenção, lembra L'Isle Adam e Pöe, sendo, porém, original. A *Historia de minha mão*, também interessante, já é, porém, outro panno: lida em seguida áquella, deixa-nos a impressão de qualquer coisa que esvoaça, diluindo-nos o pasmo...

Figura o volumezinho, sem deslustre, na "Biblioteca da Rainha Mab", com a qual cabe mui a preceito no balaio de costuras de toda menina que se não dê só á agulha, que também ás letras.

*A MESA E A SOBREMESA*, Rosaura Lins, ed. Monteiro Lobato & Cia., 1923.

As donas de casa brasileiras sempre foram dadas ás prendas domésticas. Desde remotos tempos que o que se lhes ensina, com um tanto de rotina é certo, são os cuidados do lar e da familia, desde os da roupa aos da cozinha. Neste particular, principalmente, os deliciosos pitéus em que as quitandeiras escravas excelliam por vezes ás proprias patroas, ahi estão a attestar quão desvelada era a instrucção. Moça que se casava, moça

que se ia armada de conhecimentos para compôr excellentes pratos... Hoje, porém já não tanto assim. As nossas senhoritas podem saber o numero dos sapatos de Carlitos, a espessura dos oculos de Harold Lloyd, mas, em se falando d'um tutú de feijão ou d'um perú assado, d'um arroz de leite ou d'uma torta, não deixarão de amuar, por ignorantes...

Ha, por certo, remedio: recorrer aos livros de receitas que por ahi correm. Mas tão cheios anda a maioria delles de "batatas" que nos parece acabariam por augmentar o horror das inexperientes cozinheiras. Situação difficil, pois.

Mas eis que agora a senhora Rosaura Lins a soluciona de vez com o apresentar a sua obra — *A Mesa e a Sobremesa* — experimentada em annos de practica culinaria e — o que é mais — sem aquelles inconvenientes, não só porque os dados são exactissimos, como pela clareza e correcção da linguagem. A proposito, diga-se que a revisão do magnifico receituário foi confiada ao illustre escriptor Julio Cesar da Silva, que, sem desdouro para os seus laureis de poeta, a escoimou de todo e qualquer deslise de syntaxe.

E' o caso, afinal, de se parabendarem as nossas patricias.

*FACTORAÇÃO ALGEBRICA*, Edgard Vieira, Offs. graficas de Monteiro Lobato & Cia. São Paulo.

E' um pequeno compendio no qual o professor Edgard Vieira desenvolve com clareza o complicado methodo da decomposição em factores, de tanta utilidade e applicação no calculo algebrico.

Os compendios em portuguez só de longe tratam dessa parte indispensavel a todo estudante que inicia o seu curso de algebra. A monographia do professor Edgard Vieira estuda detalhadamente todos os casos, analysa-os detidamente, estabelece regras e applica-as em numerosos exercicios que, graduados convenientemente, dão ao alumno, sem esforço e sem o auxilio do mestre, toda a posse da materia. O professor que conscientemente exerce a sua profissão deve notar o grande papel da decomposição em factores na mathematica elementar e mesmo na superior.

O calculo do maximo divisor commum, do minimo multiplo commum, das fraccões e das equações algebricas perderão toda a dificuldade, uma vez que tenha o auxilio da simplificação operada pela factoração.

O grande serviço que esse compendio prestará á nossa didactica só será revelado depois do seu uso e conhecimento por parte dos alumnos e professores.

O compendio traz um elogioso prefacio do professor André Perez y Marin, lente cathedralico do Gymnasio do Estado, em Campinas.

A parte material nada deixa a desejar.

*O PRINCIPE FELIZ*, Rosalina Coelho Lisboa, (De Oscar Wilde), ed. Monteiro Lobato & Cia. S. Paulo, 1923.

A senhora Rosalina Coelho Lisboa, cuja arte nos acostumamos a admirar desde a apparição desse precioso *Rito Pagão*, dá-nos agora novo trabalho seu. Não versos, porém; prosa; mas prosa tersa, escorreita, limpida como crystal sem jaça. A hieratica cantora dos heróes de outras eras como que se despiu das vestes talares que a tornavam mage-

tatica, para nos convencer de que, se lhe sobra engenho no afeiçoar a expressão á magnitude do thema confinado no ambito do soneto, não somenos lhe é a capacidade de tornal-a transparente, a derivar manso e manso...

Verdade que se trata de traducção, e traducção de Oscar Wilde. Mas a tarefa de traduzir não prescinde do talento. Exige-o, antes, em alto gráo, para que não redunde em traição, como lá diz o proloquio. Exige comprehensão exacta do pensamento do autor, senso seguro de medida e conhecimento profundo do vernaculo, que, aliados, levem a encontrar, neste, a expressão justa que o externe sem perda ou aumento de força.

E' o caso da senhora Coelho Lisboa. Versada na lingua ingleza, de que conhece os segredos tão bem como os do "meigo idioma", e dona de penetrante criterio, consegue taes milagres que, vulgares fossem as paginas do grande illuminado, a magia de seus fidalgos dedos emprestar-lhes-iam inusitado brilho. Tal conjuncto de circumstancias tornam-na autorizada a metter hombros a outras empreitadas, que propiciem ao publico leitor obras como essa, escolhidas com mão de mestre. Mais que isso: a continuação de seu trabalho já se impõe, a bem de nosso progresso cultural. Quantos outros escriptores ingleses permanecem de todo desconhecidos dos brasileiros que lêm?

Falamos da escolha da obra de Wilde: foi devéras acertada. O *Principe Feliz* são alguns magnificos contos que a ardente imaginação do torturado poeta engendrou talvez nos seus escassos momentos de paz. Dir-se-iam poemas, taes a leveza dos enredos, o perfume de suavidade que de suas paginas se evola, o symbolismo encantador que os corôa. E' leitura que se faz de uma assentada, graças ao fino prazer espiritual que proporcionam. Não arrepiam: commovem. Nem fazem rir; mas pensar.

*BRUTOS E TITANS*, Altamirando Requião, ed. Monteiro Lobato & Cia. S. Paulo, 1923.

Mattas e campos a se entremearem de culturas vicejantes e fructescentes, o interior brasileiro se apresenta, a nós que nos conservamos longe, como gleba feraz e bonançosa, onde tudo são benesses. Invejam os sempre, os que, no dia-a-dia trabalhoso mas ridente, vivem a vida semi-barbara da roça ou do pastoreio, esperançados na colheita que ha de trazer a melhoria de condição. No entanto, que de tragedias, que de horrores não vae por esse *hinterland*, com a actividade incançável dos cangaceiros que matam e saqueiam? E' preciso ler o que nos refere o sr. Altamirando Requião, neste seu *Brutos e Titans*.

Na rustiqueza do sertão bahiano, á beira da "estrada que leva a Mirandella, tambem conhecida por Sacco dos Morcegos, sem que a Historia explique de modo uniforme e incontroverso, tal denominação", acontecimentos varios se encadearam resultando o drama de que nos dá conta com certo vigor de tintas. De um lado, a cobiça de uma fera hominia porfiando pela mão da bella proprietaria de dilatada sesmaria e seu consequente accesso de administrador a patrão; de outro, um aggregatedo humilde, cultuando nos recessos do coração a figura angelical da patrôa e dando por ella o melhor do seu sangue... E entre ambos, como uma asa negra, um bacharel nomeado para o termo vizinho e que, portando no sitio por fortuito accidente, levar-lhes-ia, a ambos, as derradeiras esperanças. A par de idyllios entre este e a fazendeira joven, scenas de sangue e de feitiçaria em que são parte aquelles, um como autor, outro

como vítima que tudo soffre sem blaterar por não perturbar o socego da amada. Mas afinal o velho odio deflagra de vez: atracando-se numa lucta de brutos, os dois titans ríjos e musculosos, num "abraço supremo, que os confundia no seu odio terrivel, precipitam-se para sempre no val-lado chamejante..." Ouve-se "um baque surdo, emquanto fagulhas dispersas estrellejam o espaço, tristemente..." Colmando a tragedia sertaneja, uma cruz que se ergue sobre o boqueirão aterrado, e, tres mezes após, o casamento da fazendeira com o bacharel.

Flagrantes nitidos da vida quasi selvagem desses nossos caboclos temperados ao sol causticante, banem por completo de nossa imaginação fantasiosas visões. Tanto que, após sua leitura, a gente apenas se revolta contra a imprevidencia dos governos que se não importam com esses miserios brasileiros que por ahi vegetam, sem instrucçao, sem justiça, sem meios de comunicação com o mundo...

*Recebemos mais:*

*Revista de Educação*, orgam da Escola Normal de Piracicaba e Escolas Annexas. Piracicaba. São Paulo.

*Revista Academica da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes de Manáos*, sob a direcção e redacção dos srs. drs.: Astrolabio Passos, Gaspar Guimarães, Regalado Baptista, Sá Peixoto, Gilberto Saboya, Waldemar Pedrosa.

*El camino*, revista mensual de arte y literatura, dirigida pelos srs. Nicolás Fusco Samsane e Federico Lanau. Montevideo.

*Revista Brasileira de Engenharia*, publicação mensal dirigida por J. Pantoja Leite. Rio de Janeiro.

*Revista do Museu Paulista*. Tomo XIII, contendo 1.300 paginas, commemorativo do Primeiro Centenario da Independencia Nacional, São Paulo, Officinas do "Diario Official", 1923.

*Estudios*, Departamento de Instrucción. Panamá.

*Archivo de Biología*, revista mensal do Laboratorio Paulista de Biología. São Paulo.

*El Mundo Azucarero*, Nova York.

*The International Digest of Organotherapy*. California.

*Mercure de France*. Paris.

*Rassegna Nazionale*. Roma.

*Revista Mensal de Meteorologia*. Rio de Janeiro.

*Em marcha para a independencia*, por Manoel Braga Ribeiro. Pará.

*Revista Commercial do Pará*. Pará.

*Revista de Educação*. Piracicaba.

*Le Strade*, organo dell istituto sperimentale stradale dell Touring Club Italiano e della commizzazione meglioramento strade dell T. C. I. Torino.

*Revista da Educação*, direcção de Raul de Paula. São Paulo.

*Memoria de los actos del Poder Ejecutivo en los Departamentos de Relaciones Exteriores e Justiça*, pelo Dr. Arturo Ramon Avila. San Salvador, Imprenta Nacional.

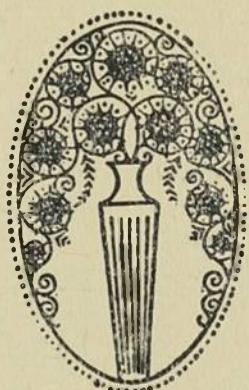
*Boletin del Ministerio de Relaciones Exteriores*, San Salvador, Imprenta Nacional.

- *A Reforma da Justiça do Distrito Federal*, Sinimbú. Rio de Janeiro.  
*S. Paulo no bolso*, indicador paulista, publicação mensal editada por Henrique Grobel, contendo Calendario, Apontamentos, Repartições Publicas, Informações, Ruas, Plantas da Cidade, Horario dos bondes e dos trens, etc. São Paulo.

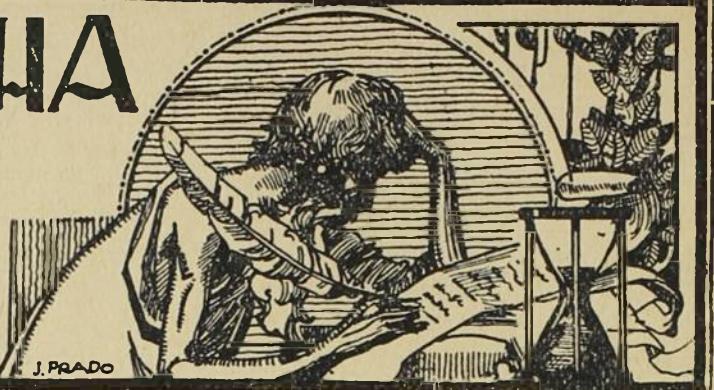
*American Directory and Buyers Guide in the U. S.*

*Annuario Demographico*, Secção de Estatística Demographo Sanitaria, anno XXVIII, volume I e II. São Paulo, Typ. Brasil de Rothschild & Comp., 1923.

*La Semana*, semanario de la Vida Nacional, director M. de J. Quijanos. Panamá.



# RESENHA DO MEZ



JOÃO PINTO DA SILVA

Lá vae tempo, ensinou-me o catecismo que a preguiça é um dos vícios capitais. Mas, dentre os vícios todos, não será o mais inocente? De resto nem os vícios são feios quanto os pintam. E' ajuntar-lhes umas tantas circunstâncias, é pesar bem as condições de que derivam, e elles de logo se transfazem, e nem é raro que figurem de beatas virtudes.

Vêde o que succede com o Rio Grande. O Rio Grande soffre da velha preguiça mental. Não a desmentirá o Barão de Santo Angelo, que viveu longe de nós, e longe de nós fez a sua cultura. Acontecendo, porém, que esse peccado suppõe toda uma trama de epopéas, em que não menor foi a dignidade que o heroísmo, somos orgulhosos delle, e o confessamos de viseira erguida. E sabemos desdenhar de tal geito as arguições com que o Norte, vez em vez, pretende abater-nos, que ao certo havemos de irrita-lo. E' que entendemos, cheios de bom aviso, que peccados que contam como justificação o passado que temos, passado que se projeta até a hora actual, numa ancia rebeldia se fazer presente, passado que não quer morrer, — valem pela mais bella das virtudes. E' que entendemos que a causa do nosso peccado outra coisa não é que a mais sabia lição de vitalidade, e a mais nobre, que possa ter um povo, lição que devemos trazer de cór.

Somos, de certo, mais enamorados do cavalherismo farroupilha de 35 que os mineiros da sua chamada "escola" do século XVIII, si della tomarmos em conta apenas a significação literária.

Negada unicamente pelas almas ingenuas, a mingua que caracterisa a nossa vida intellectual, já se revestiu, á força de manter-se e prolongar-se, do carácter dos phenomenos. E, como phénomeno que é, ao envés de discutida na sua existencia indiscutivel, deve ser explicada segundo sua natureza, segundo os aspectos que assume. Nem foi sob criterio menos ajui-zado que o arguto ensaista dos "Vultos do meu caminho" trabalhou o seu preambulo á "Historia da literatura riograndense", que vae em adeantada elaboração. Verificado aquelle facto, cuidou o sr. João Pinto da Silva de estudal-o. E se comprehende, então, de como os longos periodos de luta a que nos obrigou a nossa condição geographica, não podiam talhar a tempora gaucha sinão para o movimento, sinão para a acção constante e viva. Desde os seus primordios até hontem, o gaucho não deu um passo que logo á frente, não topasse com provas, a qual mais ardua, em sua indole guerreira se não apurasse e afinasse. E mal abandonavamos a lança, e mal iamos acudindo as necessidades economicas que se nos impunham, — eis de novo nos lançamos ás armas, e de novo a cochilha estremece e estruge!

Assim que ainda somos longe daquela serenidade, daquelle estado de contemplação que é o prenuncio das épocas férreas para as coisas do pensamento e da arte.

Vem-se a compreender, desse modo, o phenomeno da pobreza de nossa chronicá

intellectual, e achal-o tão senhor de direitos como a quēda dos corpos no espaço.

\* \*

Considerado o que foi dito, o nome do sr. João Pinto da Silva, de si relevante na literatura actual, adquire prestígios de excepção. Em esthetic, porém, interessam menos os valores condicionaes, os que dependem das referencias de momento ou de ambiente, do que os valores, mais simples e mais puros, que por si mesmos se apresentam ou vivem por si mesmos. E' osb este segundo aspecto que tentarei traduzir, ao de leve, algumas linhas physionomicas do elegante critico riograndense.

No pórtico dos "Vultos do meu caminho", lêm-se dizeres de Anatole France e de Remy de Gourmont. Do seu conteúdo bem se pôde concluir a attitude do critico em face do artista. Sob o patrocínio espiritual dessas duas altissimas expressões do genio francez, não se dirá que o sr. João Pinto da Silva tenha a fina malicia do primeiro ou a graça espiritual do segundo. Mas não se ha de negar que participa, nos seus juizos, daquella amavel sympathia esthetic, que é de ambos, e que deu novas razões de ser á critica literaria. Convém ajuntar que essa sympathia o nosso escriptor enriquece de um tom pessoal que é só delle, e que não tem nenhum daquelles dois espiritos claros e luminosos. E' a bella franqueza que nela se contém. Aos pequenos como aos grandes, ao sr. Pedro Vergara como a Euclides da Cunha, o autor das "Physiognomias de "Novos" acolhe com o mesmo sorriso leal, onde não ha temer as alfinetadas da ironia. A malicia com que, uma que outra vez, tempera as coisas, não vae nunca até o homem. A sua attitude é simples. Não sei de meios olhares que a compliquem, nem de gestos dubios que a desvirtuem.

Falei, ha nada, nos juizos do sr. João Pinto. Será que elle acredita nos seus juizos? Nem tanto quanto pensais. Dá menos por elles que pela verdade das impressões ou suggestões que lhe nascem da privança com os livros.

Dahi vem que as suas affirmações quasi nunca chegam até o fim. Param em

meio caminho, não como o viandante incerto á frente de qualquer encruzilhada, mas como quem, deante da ondulação de tudo, sabe duvidar dos conceitos, ainda mesmo os que lhe pertencem.

Isto, que alguns terão por acanhamento, não é menos que o resultado de uma attitude que só a muito custo se consegue. Affirmar, todos affirmam. A difficultade está em medir e pesar as affirmações. Notai que, d'entre os vossos amigos, os mais categoricos são sempre os mais imbecis.

Demais, a cada momento, na indiscreção das entrelinhas, no pejo dissimulado das reticencias, se está a adivinhar que o sr. João Pinto da Silva não se cança de insinuar que não faz critica. Mas não é exacta a insinuação. O chronista subtil das "Bolhas de Espuma" é bem um critico, mas dos que puzeram de lado a palmatoria, dos criticos-artistas, que tecem commentarios amaveis em torno dos livros, como os poetas em torno da vida.

Si, por vezes, prevalece o critico, nunca deixa o artista de concorrer com uma ou outra imagem, onde ha sempre brilho e seducção.

Certa vez, revelaram á critica a sua inutilidade. Disseram-lhe, com graça, que a sua função ou era apenas "matar o morto ou soprar no rosto do vivo". Mas ella, que é manhosa, julgais que se pôz a morrer? Não. Fez-se arte, e continuou a viver... E' uma literatura em volta de outra. Nelia, como num romance, como num poema, o autor não pôde fugir á sua personalidade. Tráe sempre um contorno especial, uma feição propria, uma tinta sua, que se não confunde nunca. Somos uns condemnados a nós mesmos, uns prisioneiros de nós mesmos.

E a critica, uma vez que deixou de ser scientifica, e, mais sábia, se convenceu de que o peso das obras de arte não é da sua balança que resulta, — porque não ha de ser uma nova maneira das nossas manifestações artisticas? A natureza sugere, a vida sugere... Por que não hão de sugerir tambem os livros, onde ha vidas e natureza? Serão elles tão ríjos que os não possa assimillar, nem transfigurar, conforme suas caracteristicas individuaes, um temperamento sensivel e forte?

Quando eu abro um volume de ensaios, mais me interessa o modo de como o autor pensa e sente que as opiniões que elle emitta ácerca de poetas e romancistas. Opiniões são sempre opiniões. São votos perdidos que nada montam no juízo do tempo...

Quer-me parecer que é dest'arte que pensa o sr. João Pinto da Silva. Nem sempre, talvez, foi assim que agiu, que nem sempre o favoreceram os motivos.

Mas é facil de ver que nesse é cada vez maior o artista que o critico. E as "Phy-sionomias de "Novos", bem que referentes a figuras ainda indecisas, parecem-me mais ricas de sugestões que os "Vultos do meu caminho", dois bellos volumes de critica e de arte.

*Paulo Arinos.*

(Do *Correio do Povo*, de P. Alegre).

## NERO

Onde li haver Claudio Nero, o vicioso intoleravel e toleravel administrador romano, feito em Athenas, ha vinte seculos quasi, imperial e triumphante entada repimpadamente num carro puxado por dois tigres? No mexeriqueiro Suetonio, talvez.

Tigres cordatos, de boa indole, de garras macias, esses! Tigres adherentes ao regio automedonte, demandantes do centro de civilisação hellenica, encabrestados, fornecendo á zoologia historica um completo e singular exemplo de resignação felina. Tigres que, ao contrario dos gallos, dos cães e de quantos outros bichos frequentadores da companhia humana — e por isso briguentos, e por isso mais cuidando da saude que da fraternidade — caminhavam rumo ao circo, uniformes no passo, resolutos na obediencia.

Muda é a lenda sobre como, bastante deseguaes na altura, hirsuto um e com falhas capillares outro, acertavam tão bem o passo, harmonisavam tanto as physionomias. Que com firmeza puxavam o carro, que era do Estado, pois nesse ia o supremo poder, jamais houve quem se animasse a contestar. Mais legitimo credor de nossa admiração é, todavia, aquele que por elles invariavelmente se fazia obedecer.

Que magnifico, que inexcedivel cocheiro foi Claudio Nero! Varão que conseguiu manter nos varaes uma parelha de feras, sem que elles o derribassem da boleá, capaz, capacissimo fôra de, vivente porventura nos modernos tempos, amansar dois corpos legislativos, encurtar rédeas a duas conspirações e dominar duas

revoltas em andamento. Nem Stofflet, o segeiro amotinador da Vendéa, se lhe approximou em segurança. Nem Pedro I, tradicional auriga e vaidoso guiadador de seis cavallos, teve tanta solidez no pulso: venceu, é certo, a revolução de 1824, mas foi por seu turno vencido pela de 7 de Abril.

Quer como autoridade constituida, quer como cocheiro, Nero merece consideração, chama estudo, motiva raciocinios.

Do confronto dos escriptores patricios (que o deprimiam porque producto do cesarismo plebeu) com as criticas que lhe foram applicadas pela subtileza de Beulé e pela intellectualidade larga de Paul de Saint-Victor, a razoavel conclusão leva a acreditar que se não era elle tão bom quanto se julgava, nunca foi tão ruim quanto o diziam.

A sua duvidosa culpa no pavoroso mas relativamente util incendio da parte baixa de Roma, e ainda aos seus possíveis exageros na punição legal de iconoclastas provocadores, licito é oppor, com deliberada calma, a intelligencia e a bizarraria com que soube proceder em algumas outras oportunidades notorias.

Frisemos: o merito ou o demerito dum governo, seu encomio ou seu desdouro, não se prestam a ser avaliados pelo que haja elle decidido sob a pressão dum ou mais instantes difficeis. Como as dos pleitos judiciarios, devem as sentenças historicas procurar alicerces e examinar bases não numa, porém em todas paginas do processo. Complexo de factos e interesses, de direitos e deveres, de acertos e desacertos, poderá uma administração ser apre-

ciada pelo que revelou em phase circumscripta, no, conforme as circumstancias, tempo limitado dum dia?

Não. O adagio "dar tempo ao tempo" vale perenne lição de sabedoria util. Veneram-no os mestres; applicam-no os philosophos. Ha cinco mezes Bergson, no seu mais recente e discutivel trabalho, ainda argumentou que o "tempo é successão, não o conseguindo alguem conceber sem um *antes* e um *depois*". Já era assim quando Nero abrandava os tigres.

Antes de, á cata de aplausos quiçá menos merecidos do que desejados, se alojar em Athenas como hospede sem convite, que fez o poderoso filho de Agripina? Amansou alimarias, é exacto; não as zurziu, porém, com atrocidades, sendo mesmo de imaginar que, respeitando-lhes a quentura da indole africana, não as houvesse condemnado ao suppicio da geladeira.

E depois? E quando o palmearam nos jogos olympicos? Responda por mim e pelo leitor um dos maiores acontecimentos do primeiro seculo da nossa éra: fale a restituição da liberdade aos gregos, provincializados pela centralisação romana desde aquelle Mummio, soldado e consular de divertida memoria.

Que cocheiro, antes ou depois de Claudio Nero, fulgurou nos fastos humanos com brilho tão intenso? Que outro escravizador de onças foi cumulativamente libertador de homens?

E como tem sido mal julgado nos tribunaes da posteridade o coração desse regio artista, que preferiu a mais numerosa platéa da Hellade para testemunhar o acto mais bonito do seu curto reinado! Equiparam-no acintosamente ao proprio

mal, adjectivando-lhe o nome numa qualificação agressiva, iniqua, malfazeja. A bondade, á clemencia, á tolerancia, jámais se synonymisou o vocabulo "neroniano".

Fie-se, porém, a gente na competencia dos juizes incompetentes! Acredite, quem quizer ser tolo, na imparcialidade do despeito e nos improvisos da ignorancia. Eu, não: não opino supprimindo os factos; se, para mim, o presente é o que é, o passado foi o que foi.

Esses mesmos Rhadamantes, que lavram contra o mais generoso dos cocheiros o mais condemnatorio dos accordãos, nem meia glossa até hoje redigiram contra a sujice collectiva do povo grego que, humilhado, desfibrado, genuflexo, concordou em aceitar como dadiva a liberdade que da natureza recebera. Illogico, repleto de podridão, o agradecimento dos descendentes de Thrasibulo, que expulsara trinta tyrannos, ao aclamado saltimbanco que lhes entregava publicamente uma carta de alforria!

Mais degradante que o despotismo que tortura é a subserviencia que o tolera.

No tempo de Nero foi restituido aos gregos o direito ao pensamento sem censura do governo.

No tempo de Nero reappareceu como um favor o livre uso do papyro e do pergaminho, imprensa da época, sem o visto da policia.

No tempo de Nero a Grecia perdeu a vergonha.

Se até os tigres ficaram mansos!

São Paulo — 1923.

*Martim Francisco.*

### ALPHONSUS DE GUIMARAENS

De Alphonsus de Guimaraens, morto não ha muito em Marianna, é possivel que venham a dizer algum dia: "Foi um dos maiores poetas brasileiros do seu tempo". Para nós, elle foi alguma coisa mais que isso: foi o nosso Verlaine. O amigo de Rimbaud, mixto physionomico de salteador tartaro e fauno grego, frequentador assiduo de prisões e hospitaes, como que se comprouve em repetir a lenda de São Satyro, mostrando-se, com

inquietantes intermitencias, uma pitoresca figura de pagão convertido. Era o pecador ingenuo que, mesmo arrastando a sua fragil carne pelos monturos da concupiscencia, parece continuar em estado de graça. Muitas vezes filho prodigo, deve ter sido muitas vezes perdoado e banqueteado pelo Senhor... Desse bizarro typo de Gringoire do seculo XIX, não lhe possuindo a amoralidade, possuia o autor do "Septenario das Dores" o

estro religioso, a imaginação etherizada, a doçura quasi eoliana. Ha, por exemplo, a suavidade desconfortante de uma segunda "Chanson d'automne" nestas quadras musicalissimas do Verlaine mineiro:

- O amor tem vozes mysteriosas  
No coração implume...
- Como são cheirosas as primeiras rosas,  
E os primeiros beijos como têm per-  
fume!
- O amor tem prantos de abandono  
No coração que morre...
- As folhas tombam quando vem o  
outono.  
E ninguem as socorre!
- O amor tem noites, noites inteiras,  
De agonias e de lethargos...
- Que tristeza têm as rosas derra-  
deiras.  
E os ultimos beijos como são amargos!

A alma de Alphonsus só é comparável a uma harpa cujas cordas fossem feitas das cordas vocaes da Malibran. Suas estrophes modulam brandas notas de acalanto e compõem uma especie de ronda infantil, em que grandes olhos negros reluzem e pequenas boccas vermelhas e perfumadas gorgeiam. Sente-se nellas algo do rythmo anonymo das trovas populares, das redondilhas sertanejas e mesmo das arias tziganas, de todos os cantos tradicionaes cuja melodia se esboça ao de leve, timidamente, cheia de um pudor delicado, receiosa talvez de corromper-se nas sonoridades fortes.

Esse illuminado das montanhas de Minas ouviu vozes que antes delle nenhum outro ouvira entre nós, e, em seus enlevos de contemplativo, bem podia repetir como o pobre Lélian:

O mon Dieu, vous m'avez blessé  
d'amour...

Era um poeta de bem maior alma que os falsos musagetes do Rio. Sua arte dá-nos idéa de uma Scheherazada que os missionarios tivessem convertido ao catholicismo e que, apesar disso, persistisse em contar-nos maravilhosas aventuras mileumanoitescas. Para elle o amor foi, verdadeiramente, o "fons vitae". Seus gostos predilectos não prescindiam de certos requintes decorativos, analogos,

gos, por exemplo, áquelle em que a basilica christianizada de São Marcos lembra os templos byzantinos. Forçoso é, porém, reconhecer que em quasi todas as suas composições ha a frescura de tintas e a limpidez espelhante desses azulejos nos quaes apparecem legendas commovedoras do "Flos Sanctorum".

Assim, o lirio vermelho da paixão carnal arrancava menos substancia á sua gleba poetica que o lirio branco da paixão de Jesus. E lembre-se ter sido a propósito da tragedia de Jerusalém que o poeta celebrou a nossa graciosa flor do maracujá, com um encanto que não tivera o proprio Varella, chamando-lhe "passionaria" ou "flor da Paixão". E' que elle trazia na alma o passaro azul que canta no fundo de todos os sonhos infantis. Embora muitos dos seus versos profanos ostentem, na seducção plastica, o prestigio dos dedos que sabem o segredo das caricias, as rosas do seu jardim secreto encontravam em Alphonsus os mais sabios desvelos. E — a propósito de rosas — accentue-se que ainda ninguem as celebrou tão lindamente em nosso paiz:

Rosas que já vos fostes desfolhadas  
Por mãos tambem que já se foram, rosas  
Suaves e tristes! Rosas que as amadas,  
Mortas tambem, beijaram suspirosas...  
Umas rubras e vãs, outras fanadas,  
Mas cheias do calor das amorosas...  
Sois aromas de alfombras silenciosas  
Onde dormiram tranças destrançadas,  
Umas brancas, da cõr das pobres freiras,  
Outras cheias de viço e de frescura,  
Rosas primeiras, rosas derradeiras!  
Ai! quem melhor que vós, se a dor  
perdura,

Para coroar-me, rosas passageiras,  
O sonho que se esvae na desventura?

Seu copo — para falar como os antigos — não era muito grande, mas elle bebia sempre no seu copo. Não foi nunca um pelotiqueiro de vocabulos. Ignorava a amaneirada chinezice dos galanteadores de alcovas mundanas e os seus epithalamios representam milagres de ternura.

Ficavamos sonhando horas inteiras,  
Com os olhos cheios de visões piedosas:

Eramos duas virginas palmeiras  
Abrindo ao céo as palmas silenciosas.

As nossas almas, brancas, forasteiras,  
No ether sublime alavam-se radiosas.  
Ao redor de nós dois, quantas roseiras!  
O aureo poente coroava-nos de rosas.

Era um arpejo de harpa todo o espaço:  
Mirava-a longamente, traço a traço,  
No seu fulgor de archanjo prohibido.

Surgia a lua além toda de cêra...  
Ai! como suave então me parecera  
A voz do amor que eu nunca tinha ouvido!

Outros idealizariam, nas paragens mineiras, bosques cheios de nymphas e egipanos; elle idealizou apenas thebaidas cheias de anachoretas e romeiros. Alphonsus de Guimaraens, com a sua alma de ave, levava-nos a pensar numa andorinha emigrada da Judéa, embora os seus trilhos perlados fizessem delle, no Brasil, paiz que não tem rouxinóes, um rouxinol canoro, tão canoro quanto esses que, nos cyprestes das villas de Florença, desfiam as suas lyrics ás estrelas.

De onde em onde, esvoaçam nos seus livros deliciosas figurinhas voluptuosas, que parecem evadidas de um adereço de Lalique. Vista, porém, em conjunto, a sua obra é bem de um asceta, de um cultor da mystica, de uma especie de "doutor extatico" do verso. Seu portuguez parece ás vezes latim de liturgia. Ha imagens de extra-vida, de extra-mundo nos seus poemas. Em taes poemas transparece, quasi linha a linha, a compuncão meditativa do homem simples que vira a estrella de Bethlem e beijára os pé-sinhos roseos que agitavam as palhas de um humilde presepe. Esse entusiasta das narrações de Perrault devia até acreditar naquillo em que hoje nem mesmo as crianças de collo, tendo talvez sugado o leite de uma ama pessimista, acreditam mais: nas barbas argenteas e no sacco de brinquedos de papá Noel...

Escrevendo em prosa Alphonsus era como um passaro andando. O contista aparece-nos nelle dos mais secundarios, enquanto que o sonetista se mostra pro-

digo em obras primas que, pela religiosidade da emoção creadora e pelo esplendor da forma classica, podem ser comparadas a vasos de Mycenæ cheios de rosas colhidas no Calvario. Assim, nestes quatorze versos macios como a pennagem do peito das andorinhas:

Hão de chorar por ella os cinnamomos,  
Murchando as flores ao tombar do dia.  
Dos laranjaes hão de cair os pomos,  
Lembrando-se daquelle que os colhia.

As estrellas dirão: — Ai! nada sômios,  
Pois ella se morreu, fulgente e fria...  
E pondo nelle os olhos como pômos,  
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,  
Que a viu nascer e amar, ha de envolver-a  
Entre lirios e petalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...  
E os archangos dirão no azul, ao vel-a  
Pensando em mim: — Por que não vieram juntos?

E como esse escriptor ingenuo e honrado amava a sua terra, a bella Marianna, bucolico recanto cheio dos aromas do passado, urbe evocativa que, com os seus conventos seculares, recorda a ecclesiastica Blois descripta nos romances provincianos de René Boylesve! Raras vezes saiu elle do seu rincão adorado. Indo um pouco além dos que se contentem com viajar em redor de seu quarto, Alphonsus, a percorrer longinhas plagas super-civilizadas, de Bedecker em punho, preferia vaguear pelas serras de seu municipio, fazendo — alpinista a seu modo — essas deliciosas excursões em zig-zag que encantavam Topffer. Quasi que não lhe appetecia vir ao Rio. Detestava os parques geometricos de arvoredo penteado e relva cortada á escovinha, com algo de scenario de opereta, o que tudo parece feito para alimentar o pantheismo domingueiro de "snobs" cittadinos. Tão contente no seu eremitorio quanto Robinson na sua ilha, o autor da "Pauvre Lyret", á natureza domesticada que provoca os chavões arcadianos de quantos pastores academi-

cos infestam as letras, preferia os largos painéis, a visão panorâmica de sua Marianna, examinada, como numa carta em relevo, de um topo de montanha. E a velha cidade enlevava-o com os seus terrenos irregularmente ajardinados, com o verde dos seus quintalejos e dos seus pomares, com as notas em resalto dos telhados rubros e das grimpas de campanários, com as manchas indecisas dos outeiros que se esfumam ao longe como numa tela de pintor prerafaelita. Ficou mesmo celebre em Marianna a collina que o poeta escalava quasi diariamente, findo o seu labor de juiz, uma linda collina em tudo digna de ser o belvedere, o miradouro de um casal de noivos em extase. O pensamento somnambulicamente perdido em não sabemos que recordações fragmentárias, lá ficava Alphonsus de Guimaraens horas e horas... Framboezas sanguineas brilhavam ao fundo dos grotões e a agua — agua que ao mesmo tempo ri e chora, como num amúo de criança muito mimada — bordava, entre as pedras, rendas chimericas de espuma. Fresca e limpida agua de Minas, que — diria Antonio Nobre — da séde só de a ouvir... Pombas arrulhavam pela cobertura das palhoças. Cerros e vergeis adquiriam uma nova juventude no sol primaveril. O proprio fim do dia tinha para o naturista christão a patriarchal serenidade de um suave fim de vida. E o poeta talvez pensasse então que o seu ideal fôra viver numa cella fradesca, de cujas janelas se divisassem, não roseiras purpureadas pela sensualidade vegetal, mas — como num "hortus conclusus" — muitas dessas quaresmeiras outonais que se carregam de flores roxas exactamente nas proximidades da Semana Santa. Ahi, sim, viveria elle tranquillo, repetindo a si mesmo:

Feliz da alma que não descreu de nada,  
Onde Jesus eternamente habita,  
Como dentro de uma hostia consagrada!

Assignale-se, em particular, o amor de Alphonsus de Guimaraens aos templos da sua cidade natal. Filho de um Estado em que o catholicismo fala á imaginação popular pela graça das suas allegorias, pela

envolvente doçura das suas tradições, pela transcendente belleza do seu ceremonial, pela força da sua homogeneidade e pelo prestigio da sua duração, o morto, ao pensar nos mysterios da Egreja, sentia as suas incaracterísticas vestes modernas converterem-se num manto talar de apostolado. Na falda do Itacolomy, mais á beira de Deus que nós outros rasteiros habitantes da planicie chata, esse franciscano das letras cria viver num ambiente monastico quasi igual ao de Greccio ou de Fonte-Colombo. Elle, que, helleno, teria preferido o alegrete de Epicteto ao jardim de Epicuro, não fez senão, catholico convicto que era, amar a sua religião como um oblat, como um sacerdote leigo. Suas elegias eram teias de seda azul em que as preces se enleassem á feição de insectos de ouro. O ar que elle respirava como que dissolvia em seu sangue o aroma dos incensorios. Grande era a sua emoção ao visitar os templos de Marianna, com seus córros, seus altares, seus candelabros, suas talhas riquíssimas, seus retabulos, suas inscrições archaicas e seus tumulos históricos. E as egrejas dali bem mereciam aquelle calor affectivo, por serem verdadeiras reliquias setecentistas, exemplares architetonicos de uma superior belleza de linhas e ornatos. O escopro de obscuros canteiros afestou-lhes a frontaria de finos lares que fazem pensar num ourives da pedra bruta.

Tal o sonhador cujos versos enriqueceram tanto Minas quanto os diamantes desta; tal o espiritualista que encontrou em suas crenças um frescor de vivificantes seivas occultas. Sente-se que o amor á arte era em Alphonsus quasi uma vocação religiosa. Trabalhando as suas estrophes, mostrava doçuras de maternidade. Não fez, de resto, simples poesia vitral. Havia nelle mais que um mosaista, um ceramista, ou um illuminurista de livros de orações: havia um poeta profundamente sensivel, profundamente humano. Se ouvia os rumores que vêm do paiz das almas, ouvia tambem os rumores dos vivos. A arte não foi apenas um luxo na vida de Alphonsus, mas a sua vida toda; dahi não ter elle escripto para um grupo de iniciados, e sim para todos os que sabem ler. São para todas as almas sonetos como

este, em que apparecem os dois motivos lyricos predilectos do autor, ou sejam a Lua e a Morte:

Estão mortas as mãos daquella Dona,  
Brancas e puras como o luar que vela  
As noites romanescas de Verona  
E as barbacans e torres de Castella.

No ultimo gesto de quem se abandona  
A morte esquia que apavora e gela,  
As suas mãos de Santa e de Madona,  
Ainda postas em cruz, pedem por ella.

Uma esquecida sombra de agonia  
Oscula o jaspe virginal das unhas  
E ao longo oscilla das phalanges frias...

E os dedos finos... ah! Senhora, ao vel-os  
Recordo-me da graça com que punhas  
Um cravo, um lirio, um goivo entre os ca-  
[bellos!]

Quanta coisa bella nos legou o poeta de  
Marianna! E quanta coisa, talvez mais  
bella não sentiu, sem poder expressal-a,  
esse familiar do silencio das montanhas,  
certo como é que as musicas mais suaves  
de uma alma de poeta ninguem chega a  
ouvil-a jámais:

Heard melodies are sweet, but those  
[unheard  
Are sweeter...

Pensemos agora na morte de Alphonsus, do dulcissimo trovador de Nossa Senhora, daquelle, que tendo lido a "Imitação de Christo", quiz ser um imitador de Christo. Estamos daqui a vel-o expirar num recanto dessa Minas que tanto se assemelha á Umbria de S. Francisco de Assis, uma e outra regiões ao mesmo tempo ridentes e austeras, fecundas e selvagens. Morreu á hora do crepusculo, enquanto ao longe, nos templos mariannenses, todos os sinos, cumprindo um desejo do poeta, se preparavam para gemer

... em seus reponsos:

Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!

E, no seu tumulo que flores teriam desabrochado? Talvez as mesmas que desabrocharam no tumulo do irmão Ave-Maria. Conhecem a historia desse frade, contada por Bonvesin? Sua ignorancia era tão grande que elle não sabia senão proferir, a todo o instante e onde quer que estivesse, a chamada saudação angelica, o que provocava a zombaria dos outros frades. Morto, porém, o sublime ignorante, sobre a sua cova nasceu uma roseira e nas rosas, petala a petala, lia-se, em letras de ouro: "Ave-Maria!" E' que a roseira tinha as suas raizes no coração do pobre monge...

*Agrippino Grieco.*

("O Jornal", do Rio).

### JULIO DE MESQUITA

A presença do Sr. Julio de Mesquita nesta capital tem permitido a antigos admiradores do jornalista conhecerem de perto o homem singular que dirige o "Estado de S. Paulo."

Diante da extrema simplicidade e despreenção com que se apresenta o poderoso individuo que maneja sem fadiga ha tantos annos tão pesada e reluzente arma de boa guerra — recebe-se mais uma vez a impressão de que a modestia é realmente uma expressão da força.

A discreção sem entono, a affabilidade sem ruido, a reserva sem seccura, a lheuza absoluta retocam de luz nova o retrato, definido em traços tão fortes e tão vivos, que se trazia na imaginação.

Comprehende-se logo á vista do homem, porque o lutador não raro intran-sigente cujo erecto perfil marcou relevos tão firmes na politica do Estado e da União, poude dizer no discurso que proferei ha dias, das amisades carinhosas que possee: "nunca senti necessidade de erguer a voz para chamar-as; se as procuro com os olhos já as encontro a meu lado, espontaneas e delicadas, por igual pontuaes, em todas as horas, tanto nas certas quanto nas incertas, assim nas minhas alegrias como nas minhas amarguras".

Nada é mais captivante do que a docura dos fortes.

Os homens perdoam a superioridade que sorri sem orgulho.

Eis porque, sendo tão admirado, é ao mesmo tempo tão querido o Sr. Julio Mesquita.

E' um forte que não se avantage da propria força; por mais que ella lhe bata no peito e lhe fuljam diante dos olhos os actos que a atestam na sua existencia de lutas e de victorias, mais elle a desconhece, incapaz sinceramente de a ver senão na bondade dos amigos e na benevolencia dos contemporaneos.

Essa inconsciencia do proprio merito não é senão um dos signaes mais tocantes delle.

Fazendo-se uma apreciação do Sr. Julio Mesquita deve distinguir-se de um lado o cidadão, o republicano, o jornalista, o orientador, o director do "Estado de São Paulo", o patriota, o brasileiro; do outro lado, o homem de arte, o escriptor, o estylista, autor de tantos artigos e notas famosas, reconheciveis, pelo tom inconfundivel, no corpo do jornal, á primeira vista.

Por qualquer delles, é o Sr. Julio Mesquita, uma das primeiras figuras do Brasil contemporaneo.

O "Estado de S. Paulo", sua obra, não é uma simples machina de ganhar dinheiro, um simples "magasin" de curiosidades offerecidas por espirito mercantil á gulodice do publico. Sendo um jornal destinado, como todo jornal que se presa, a attrahir, agradar e instruir, é antes de tudo, uma sentinella da Republica, alerta sempre no seu posto contra os inimigos della e do Brasil. E poude, graças á fidelidade com que serve aos interesses de São Paulo, tornar-se o reflexo da sua gente, seu espelho vivo, sua physionomia. O "Estado" é um registro animado das pulsacões do potente coração de S. Paulo.

Poucos os órgãos de imprensa que sustentem, em tão largo decurso de tempo no Brasil ou fóra delle, esse "record", de ser, como o "Estado de S. Paulo", a luz dos olhos de um povo, sua expressão, sua alma.

Realizar este jornal, mantel-o igual si mesmo pelo espirito, adaptando-o ás necessidades novas sem lhe derogar as tradições e lhe desfigurar o pensamento — é realizar uma obra-prima de acção e demonstrar uma capacidade rara nas condições creadas pela vida moderna em nosso paiz.

Torna-se impossivel calcular os beneficios prestados pelo "Estado" a S. Paulo e á União; impossivel rememorar todas as luctas, todas as campanhas, todos os triumphos por elle sustentados e alcançados.

Impossivel por conseguinte avaliar a benemerencia do Sr. Julio Mesquita, cuja existencia no desdobramento da sua actividade é o proprio "Estado de S. Paulo".

O ardente propagandista da Republica, cuja mocidade militante o Sr. Lauro Muller evocava ha dias no seu discurso, é ainda hoje o mesmo crente que reclama "um ponto ideal" e cujo olhar procura no firmamento da patria "a estrella das esperanças de 15 de novembro".

Entre os pro-homens, os fundadores, os consolidadores, os guias, os chefes da primeira hora, raros serão os que se lhe equiparem pelos serviços prestados; e, deante dos factos que testemunham esses serviços, pode-se afirmar que nenhum dos que restam da primeira phalange desinteressada é maior do que elle; rarissimos tão dignos de veneração do povo brasileiro. Esse director de jornal é de facto um grande jornalista na mais alta accepção intellectual e moral desta palavra. Sua cultura literaria e política é authentica, feita de meditação, de estudo, de experienca.

Seus escriptores nol-a revelam na altura do tom, na clareza, precisão e vigor do estylo, a que o bom gosto, primeira virtude do escriptor, communica distincção e graca.

Na conversação, mostra o Sr. Julio Mesquita quanto o espirito do verdadeiro homem de letras se pode preservar, pela auto-defesa instinctiva, da vulgaridade, da ligeireza, do "pouco mais ou menos" reinante, de maneira geral, em nosso meio. Seu julgamento literario é fino, agudo; sua apreciação dos homens inclina-se mais para a tolerancia do que para o rigor.

Pertencendo a uma geração que sonhou grandes coisas e realizou algumas, o Sr. Julio Mesquita é, como tantos dos seus companheiros da propaganda republicana, homem que tem o recordar. A crença nos grandes destinos da nossa patria fructifica na sua maturidade banhada do sol ardente da hora palpitante em que começou a germinar e crescer. E é, como a de tantos outros seus companheiros, um

exemplo de perseverança confiante para estimulo dos que marcham, não raro desiludidos, nas aridas steppes da actualidade. A robusta capacidade de não desanimar de todos aquelles que deram um pouco ou muito da sua alma pela Republica deve nos ensinar a persistir tambem sem desanimo a trabalhar por ella. Cada esforço sincero será pelo menos uma recordação a fulgir, mais tarde, como uma estrella, na sombra da nossa velhice.

Pouco deve importar ao coração generoso a indifferença ou a malignidade dos contemporaneos. Basta-lhe a satisfação do dever cumprido. Na definição desse dever, muita vez se engana o homem de accão ou o homem de pensamento enredado do labyrintho dos dias que passam e conduzidos quasi sempre pela mão violenta da paixão.

Resgata-lhes com tudo o erro possivel a honestidade, a pureza e a boa fé dos motivos que os inspiram.

Os que desejaram a Republica e a proclamaram não eram sinão discolos ou engumenos aos olhos dos sustentadores leaes do antigo regimen. Deu-lhes a victoria a gratidão da patria integrada na Republica. Os que a ajudam a durar e a conservar-se nos tormentos presentes, á custa de sacrificios moraes incalculaveis, com a sua dedicação, com a sua transigencia comprehensiva com os males inevitaveis, no temor de maiores realizam tambem na sua obra menos brilhante tarefa porventura não menos util. Possamos todavia nós os da geração actual dar de nossa força

de alma mais alguma coisa que nos permita tambem recordar.

Saudando nestas linhas o eminente jornalista que tanto honra no Brasil a profissão de escrever para o publico e o homem politico que deu tanto do seu espirito e do seu tempo ás aspirações da grandeza da patria, penso corresponder ao sentimento de grande numero dos meus amigos e dos meus leitores que o admiram e veneram.

Desses, alguns têm podido "recordar" cem elles nestes dias de convivencia quotidiana no Rio bellas horas de sonho e de realidade vividas ao calor dos nobres anelos da juventude.

Os que como eu chegaram depois trazendo nos olhos mais visões do futuro do que imagens do passado, assistem na sua presença pela evocação da sua saudade ao desfilar de sonhos augustos e ao reviver de scenarios magnificos illuminados pelo clarão do ideal.

E assim, nesta estação de repouso o infatigavel trabalhador, na sua simplicidade e despretenção, tornou-se um ponto de convergência de tantos homens differentes, cabeças brancas e frontes juvenis, pensando em torno delle, pelo poder de sua sugestão, em muitas das grandes e finas cousas que enobrecem e adoçam a vida humana...

*Gilberto Amado.*

("A Noticia," Rio).



## DEBATES E PESQUIZAS

---

### O PODER DA PHRASE...

Para onde vae a Europa?

E' fóra de duvida que os melhores prophetas não saberiam dizer o. Todos sofrem do chaos, em que ella está mergulhada, inclusive os Estados Unidos, que são hoje, o mais rico paiz do mundo, e que soffrem do excesso mesmo desta riqueza. O alto cambio americano é o terrivel isolador economico dos Estados Unidos com os outros povos, excepção de tres ou quatro. Uma das maiores victimas da calamitosa situação continental é a propria Inglaterra. A Grã-Bretanha importa, fabrica e re-exporta. Dir-se-ia que o Reino Unido é uma immensa fabrica, a qual, para o seu trabalho, só dispõe dos mactismos, do combustivel, de uma equipe de technicos e de um estado-maior de directores de primeira agua. Materias primas e mercados é que é preciso ir buscar lá fóra.

Os ingleses são apenas 45 milhões, vivendo em duas ilhas agricolarmente insuficientes para as necessidades desta população. Elles carecem de mercados, para onde drenar a superproduccão nacional, obtida nas suas fabrinas, com a importação das materias primas estrangeiras. Onde, porém, encontrar esses mercados, em

uma Europa faminta, a qual, depois da guerra, a unica industria, que pode desenvolver, foi a de papeis do Estado lithographados? A Inglaterra está luctando com uma crise de 1 1/2 a 2 milhões de "chomeurs". Os 170 milhões esterlinos, que ella, antes de 1914, vendia á Europa Central, acham-se reduzidos agora a menos de 7...

A penuria e a fome, a que está reduzida hoje a Europa Central, equivalem, para a economia britannica, a um desfalque de tão largas proporções como as devastações das provincias do norte, de que se queixa a França. Este é o ponto sustentado por economistas ingleses, e a elles lhes assiste inteira razão. Se a Inglaterra tem hoje 1 1/2 milhão de desoccupados, e se vê forçada a nutrir esta massa formidavel de individuos, isto se deve á ruina do seu commercio, naquellas regiões da Europa onde elle attingira, em 1914, á maior prosperidade. Se o rico do velho continente, que é o inglez, se encontra assim, calcule-se a situação dos pobres, dos rotos e dos esfarrapados: a Belgica, a França, a Italia, a Alemanha e a Austria.

Em 1923, a Europa se acha tão atri-

bulada quanto em 1918, e o que é peior, enfrentando perspectivas mais tenebrosas do que durante a guerra. Então, os grupos rivais appellavam para a victoria militar, e esta victoria era a miragem da felicidade, que alimentava a esperança, aos dois combatentes. Hoje, porém, já não ha mais esperança desta natureza; e, se a França, depois de cobiçar o Ruhr, amanhã, pudesse annexal-o, ella estaria com a morte no flanco. O mundo veria uma nova Alsacia Lorena mais dramática e mais revoltante. O velho continente está envenenado por uma rajada de odio, que as generosas aspirações das classes proletarias, não conseguiram até hoje diminuir de intensidade. Os odios nacionaes permanecem mesquinhos e, de tal modo intrataveis, que a Inglaterra, com dois annos de tentativas de reconciliação, ainda não logrou attenual-os, quanto mais applacal-os. O activo europeu é um activo que, cada vez mais, se desvaloriza, devido á febre de destruição, que se apoderou de estadistas reaccionarios, alheios ás realidades economicas objectivas.

Quando examinamos a conducta observada pelo Sr. Poincaré, na questão das reparações, a conclusão que tiramos é a de que o illustre estadista francez não procura no Ruhr reparações, mas uma coisa muito mais importante, para o que se lhe affigura a segurança politica da França, e que é o desmembramento do Imperio Germanico. Durante a conferencia de Paris, o marechal Foch, e os Srs. Poincaré e Clemenceau tentaram, por todos os modos, a desintegração da Rhenania, do organismo da Prussia e do Reich, e só o não conseguiram porque os Srs. Wilson e Lloyd George se oppuzeram ás aspirações do nacionalismo gauzez. Mauricio Barrés declara diariamente, em nome do nacionalismo integral, que o tratado de Versailles, é insuficiente, por quanto não constituiu o Estado Rhenano gravitando ao rythmo das ambições napoleonicas da Republica.

Em 1920, quem estivesse na Alemanha, veria a somma enorme de sacrificios que os partidarios do meio, responsaveis pelo governo, se impunham a si mesmos, afim de satisfazer ás exigencias do Tratado de Versailles. Estes partidos renun-

ciaram muitas vezes á popularidade, expondo-se a vexames incalculaveis, contanto que se cumprisse as clausulas daquelle pacto. E' que elles estavam certos de que, mais dia menos dia, a inexecução desta ou daquelle clausula, acarretaria a ocupação da bacia industrial westphaliana. Quem tomar as sommas dos pagamentos executados pelo Reich terá a prova do empenho posto pelo governo imperial em prova da sua boa fé, na execução do tratado.

Já não falemos do valor de 4 1/2 bilhões de marcos ouro, da fróta mercante entregue á Entente, do valor das minas do Sarre, equivalentes a um bilhão de marcos ouro, dos dominios do Reich e dos Estados nos territorios cedidos, representando um total de cinco bilhões e 400 milhões de marcos ouro, nem da tonelagem fluvial do Rheno, cabos interoceanicos, material rodante de caminho de ferro, bens abandonados nas regiões ocupadas, carvão, gado, material corante, etc. tudo sommando mais de 16 bilhões de marcos ouro. Tomem-se os pagamentos effectuados em moeda corrente, em marcos ouro depois de 1920: 448 milhões até 31 de maio de 1921; 599 milhões até 31 de agosto de 1921; oito pagamentos de um total de 248 milhões; tres de 50 milhões cada, mais um de 33 milhões; o Recovery Act inglez até 1.º de junho de 1922 equivalente a 77 milhões; um clearing até o mez de junho de 1922, de 598 milhões, ou seja, um total de 2.158 milhões de marcos ouro pagos. Não são argumentos. Estas cifras respondem de um modo conclusivo ás palavras do illustre Encarregado dos Negocios de França no Rio de Janeiro, em seu discurso de 14 de julho ultimo. Ellas têm a friesa mathematica dos numeros, impondo-se a qualquer espirito sereno, capaz de ver os acontecimentos da Europa com imparcialidade.

Será crivel que não sinta o sr. Poincaré a boa fé traduzida na abundancia destes pagamentos? Sim, sente-a tambem o chefe do governo francez, que é, depois de Ribot, o estadista que melhor conhece a administração publica em França. Sómente elle é um insigne patriota, e como todo homem saturado de patriotis-

mo, o Sr. Poincaré olha primeiro os interesses particulares de sua Patria, para depois considerar os geraes da humanidade. A falta de pagamento deste ou daquelle credito das reparações, como sucedeu no caso das entregas de carvão, constituiu o melhor pretexto para o ensaio de desintegração rhemana, que foi a marcha sobre o Ruhr.

O Sr. Clemenceau disse, depois do armistício, que a França estaria sempre em posição de inferioridade em face da Alemanha, enquanto a mulher germanica tiver quatro filhos e a francesa dois. Ora, qual o meio de eliminar esta diferença? E' impedir que a mãe allemã nutra quatro crianças. No dia em que a Rhenania fôr um Estado vasallo da França, incorporado ao regimen economico e alfandegario frances, a Alemanha estará impossibilitada de poder alimentar 65 milhões de habitantes. Ella não terá productos industriaes, para trocar por generos alimenticios, materias primas e carvão mesmo. Industrialmente, 70 o/o da Alemanha é a bacia carbonifera westphaliana. Desarticulada esta do seu organismo economico, não lhe restarão recursos com que prover a subsistencia senão de 40 milhões de individuos. Os outros 25 milhões terão de emigrar ou morrer. A separação não era uma conquista possível, com os Dorten e os outros instrumentos da politica de annexação francesa da Rhenania. Terá de ser obtida a preço de uma methodica e prolongada ocupação, e, como a these francesa, sustentada desde 1919, consiste em não começar a contar até agora os prazos da ocupação, em vista das inexecuções do tratado pela Alemanha, Paris possue diante de si ainda bastante tempo para compôr as coisas no Rheno.

Mão grado estas malversações, a verdade é que a Alemanha não tem o poder de fazer vibrar o mundo em presença do seu soffrimento. A invasão da Belgica sacudiu o universo inteiro, de uma crisiação de horror. E a invasão do pequenino Reino dos belgas era um crime perpetrado em plena guerra, com a atte-

nuante da exaltação bellicosa. Hoje, o calvario da Alemanha deixa o occidente frio, incapaz dos protestos que abalaram os parlamentos de varios paizes em 1914. Theodoro Wolf tentava ha pouco explicar a indifferença do mundo, olhando o chaos allemão, pela incapacidade dos homens de pensamento germanicos para construirem phrases de effeito.

Em 1914, os franceses as manipularam admiraveis, obtendo resultados surprehendentes. G. Demartial demonstra em um livro. "Comment on mobilisa les consciences", os sophismas primorosos que se elaboraram em França, para inspirar nos outros povos o horror pela Alemanha. E que esplendido triumpho não foi o obtido! Agora invertem-se os papeis. Os allemães são os invadidos, os perseguidos, os torturados, os expatriados da propria patria, e a Inglaterra, os Estados Unidos, assistem a estes actos de sabotagem do patrimonio da civilização europea, sem a iniciativa de uma providencia, que os faça cessar. A reconstrucção da Europa estava reclamando a colaboração effectiva de todo o continente, e, em vez desta forma de cooperação, temos, debaixo dos olhos, o espectaculo da politica de revanche, da exploração do vencido pelo vencedor, do triumpho das forças do aniquillamento sobre as do trabalho pacifico e proficuo.

Ao sr. Stressmann, que realiza talvez a ultima experiencia do governo constitucional, na Alemanha, só restam duas formulas: ou lançar o paiz nos braços de Moscou, ou directamente tratar com a França. Esta ultima é a formula que o chefe populista deve estar desesperadamente tentando, com que resultados só o futuro poderá dizer. O que não resta duvida porém é que o Sr. Stressmann tem todas as qualidades para tratar com os franceses. As duas vezes em que conversamos, elle me pareceu felino, subtil e cheio de tacto, como rarissimamente são os allemães.

*A. Chateaubriand.*

(*"A Noticia"*, Rio).

Ji sou um menino  
Gordo e corado  
Devo tudo ao  
Biotônico  
Fontoura

# BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO  
FORTIFICANTE

I.P.  
WESSEL

# Biotonico Fontoura

## O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Torna os homens vigorosos, as mulheres formosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA,  
A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOZA

AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE SAUDE — EVITA A TUBERCULOSE

### MODO DE USAR: BIOTONICO elixir

Adultos: 1 colher das de sopa ou meio calice antes do almoço e antes do jantar.

Crianças: 1 colher das de sobremesa ou das de chá, conforme a idade.

### BIOTONICO pastilhas

Adultos: 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças: 1 pastilha.

### BIOTONICO injectável

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em injecção intramuscular.

O Biotonico Fontoura  
julgado pela probidade  
científica do professor  
Dr. HENRIQUE ROXO

Atesto que tenho prescrito a clientes meus o

#### Biotonico Fontoura

e que tenho tido ensejo de observar que ha, em geral, resultados vantajosos. Particularmente, mais proficuo se me tem afigurado o seu uso quando ha accentuada desnutrição e ocorrem manifestações nervosas, della dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1920.

(A.) Dr. Henrique de Brito Belfot Roxo

Professor de molestias nervosas da Faculdade de Medicina do Rio.

O que diz o preclaro Dr.  
ROCHA VAZ, professor  
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado constantemente em minha clínica o

**Biotonico Fontoura**  
e tal tem sido o resultado que não me posso mais furtar á obrigação de o receber.

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clínica  
Médica da Faculdade de  
Medicina do Rio de Janeiro.

O Biotonico Fontoura  
consagrado por um grande  
especialista brasileiro

Atesto ter empregado com os maiores resultados na clínica civil o preparado

#### Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1921.

A. Austregesilo

Professor cathedratico  
de clínica neurologica da  
Faculdade de Medicina do  
Rio de Janeiro.

Palavras do eminente  
cientista Exmo. Snr.  
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto a  
doentes meus e sempre que  
lhe acho indicação therapeu-  
tica o

#### Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira



Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"  
FONTOURA, SERPE & Cia. - S. Paulo



## CURIOSIDADES

---

### O SPENGLERISMO

Faz já algum tempo, falando dos ensaistas philosophos allemães da actualidade, muito de corrida lembramos o nome de Oswaldo Spengler, o propheta da "Quéda da civilização occidental" ("Der Untergang des Abendlandes"), que tantas discussões, criticas, commentarios suscitou na Alemanha e nos paizes cultos.

Não lhe foram poupadadas, com a critica, a injuria de charlatanismo, de mathematico intromettido em assuntos fóra de sua algada, nem a calumnia de que fazia obra tendenciosa contra a conflagração da guerra mundial.

Como quer que seja, elle foi enormemente discutido na Alemanha, na Inglaterra, e se a França ainda o não conhece com grande inteireza (o que redunda na ignorancia dos seus satellites latinos) é que a animadversão da guerra ainda lhe perturba a imparcialidade e a sympathia pelas coisas allemãs.

Dentro em pouco tel-o-emos, porém, ao lado de Nietzsche, entre as preoccupações do espirito francez, o que dará ao philosopho allemão todas as vantagens do prestigio, da clareza, da

graça, da propria moda e da universalidade.

Como quer que seja, é ainda hoje a França a pedra de toque da verdadeira popularidade.

Sem querermos (e seria vão intento) expor a complicada concepção da historia de Oswaldo Spengler, que necessita longas individuações, diremos algumas palavras da sua theoria da fatalidade historica e da sua convicção — de que chegamos ao abyssmo do anniquilamento.

Está para elle acabada a nossa tarefa de homens civilizados, e só o futuro dirá que raça nova retomará no planeta a vida de espirito e de cultura civilizadora.

---

O "spenglerismo" é uma philosophia poetica da historia e do espirito humano.

Recusando os methodos chamados scientificos, por absurdos, fóra das sciencias physicas e naturaes, Spengler reclama um tratamento especial para o estudo dos phenomenos historicos.

A historia é o proprio espirito que se objectiva em realidades. "E' uma psychologia", disse uma vez Rénan.

O meio que temos para definir as coisas mortas é a lei mathematica, e esse é o methodo physico-natural; o meio, porém, de comprehendér as coisas historicas é simplesmente a "analogia" e esse é o methodo da historia.

Essa "analogia" nos phenomenos da historia, sempre foi praticada com approximação, com probabilidades incertas, com verosimilhanças inevitáveis, processos que inculeam a possibilidade de uma verdadeira philosophia da historia. As comparações eram, em geral, imperfeitas, mas o principio da analogia sempre foi a comparação.

Não havia erro nas doutrinas anteriores, diz Spengler, mas superficialidade e falta de profundezas. A apreciação dos factos historicos não se ligando em séries de causa a efeito, não havia o que se chama "erro" nas sciencias physicas.

As doutrinas antigas e modernas falhavam por escassez da verdadeira intuição.

---

Os jacobinos da grande revolução francesa diziam-se "romanos" e imitavam Bruto, Scévola e Catão. Os "conventos" reformistas chamavam a Inglaterra com suas grosserias mercantis de nova Carthago. Napoleão foi sempre a imagem repetida de Alexandre ou de Cesar. O socialismo russo é algo comprehensivel, segundo o modelo do christianismo primitivo.

Essas comparações um pouco arbitrárias são profundamente inexactas, porque não existem repetições na historia, mas denunciam o parallelismo de todas as culturas, quaequer que sejam os erros de analogia.

Os grandes historiadores do nosso tempo não evitaram essa tendencia incoercível da analogia; Ranke approxima Cyaxares e Henrique I e o proprio Mommsen descobre em Cesar contra Cicero o sentimento de imperialismo moderno.

O defeito geral dessas analogias provinha e provém ainda da ignorância de uma sciencia nova da historia; Spengler é o fundador do conceito da — "morphologia historica" — sem a qual o espirito humano perde o caracter de noção comprehensível. O mundo como "historia" não é o mundo como "natureza", não está sujeito a expressões mathematicas das leis naturaes. Estas, na phrase de Spengler, traduzem a causalidade, isto é, a "lógica do tempo". Nas sciencias da natureza ha "necessidades", nas do espirito ha outra coisa, ha "fatalidade" ou destino.

Outro conceito que é preciso quantificar é o do espirito collectivo. A humanidade é certamente uma grandeza zoologica; mas não ha nenhuma "humanidade" como ser uno continuo e identico e progressivo.

Os verdadeiros seres neste genero são os povos que têm "cultura propria" e estes são entre si independentes, embora parecidos por analogia.

Assim, pois, a historia geral comprehende o estudo de varias "culturas" que nasceram, floresceram, decahiram e desappareceram, como foi o caso da cultura egypecia, da cultura babylonica, da cultura mediterranea (greco-romana), etc.

Esse é que são os verdadeiros individuos espirituais da historia e, como pertencem à natureza humana, sobre elles podemos construir a analogia e a comparação dos phenomenos. Se tivermos uma morphologia exacta das diferentes culturas ou espécies humanas, é evidente que ficará extremamente reduzida a probabilidade de erros de analogia.

Estariamos, assim, habilitados não a governar a vida dos povos (o que equivaleria na esphera natural a dirigir ou derogar as leis naturaes e suas expressões mathematicas), mas estariamos habilitados a prever o destino de todos elles. Conheceríamos a "fatalidade" da historia.

Esse prophetismo é o que exerce com desassombro o nosso philosopho. Lançando as bases da morphologia

historica e estudando a analogia das varias culturas, Spengler annuncia-nos a — “Queda do Occidente” — a morte da civilização actual, por que individualmente chegou á perfeição, attingiu a essa duração específica e só lhe resta dissolver-se como qualquer organismo que realizou o cyclo da vida que lhe era propria.

Para comprehendel-o nos devidos termos é essencial distinguir o que elle define como “cultura” e “civilização”.

São coisas distintas: a “civilização” é a ultima phase da “cultura”; é o principio de sua putrefacção e ruina. A cultura occidental chegou ao seu periodo final de civilização e dissolve-se lentamente.

Chegamos á phase da velhice e decomposição analoga á que arruinou a civilização antiga no periodo do cesarismo politico de Roma.

As analogias mais fortes e evidentes são as da irreligiosidade, do esgotamento da arte e da poesia, da philosophia e da liberdade politica, caracteristicos daquelle tempo e do nosso.

A cultura antiga greco-romana feneceu com essa civilização; nada tem de commun, no sentido da continuidade, com a “cultura” moderna, que nasceu com os barbaros, chegou á sua extrema civilização e lentamente, agora, perece e agoniza, esgotada e impotente.

Esse é o quadro da “fatalidade” ou do destino de todas as civilizações.

Para o observador superficial e que só vê o presente, nos percalços da actualidade, Spengler não passa de um “pessimista”.

Elle, entretanto, protesta contra esse epitheto ocasional. A sua convicção da ruina do Occidente não atraiçoá qualquer temperamento pessoal. Não é optimista nem pessimista; conclue dos proprios fundamentos da sua theory que chegamos ao fim da civilização.

Estamos na mesma situação dissolvente do “panem et circenses” substituidos agora pela questão do salario e pelo “sport”.

Oswaldo Spengler deriva de Goethe, de Nietzsche e de Augusto Comte.

Como este ultimo, elle dá por definida e acabada toda a sciencia positiva e como aquelles entende que a arte actual é de pura imitação retrospectiva e está inteiramente esgotada.

Daqui por deante estaremos á mercé dos soldados, do cesarismo e da força bruta.

E' realmente um quadro lugubre o das perspectivas que nos cabem no seculo presente. O majestoso e tranquillo rio da civilização, como num calefrio nos dizia Carlyle, approxima-se de um Niagara formidavel.

**João Ribeiro.**

(“O Jornal”, Rio).

## O BAILADO SOBRE O CADAVER DE SOLANO LOPEZ

Houvera sido enterrado o imperador Caligula sem as ceremonias rituaes dos mortos, e a antiguidade do seu tempo, intellectualmente decapitada, suppunha errar su'alma pelo azul dos espaços, por não ter sido profunda a crypta, nem convenientemente cerrada a “sommée” mortuaria, consoante o prescripto na religião dos tumulos. E, porque fôra monstruosamente barbário, crudelissimo no tra-

to do povo romano, dissipador da riqueza-publica, sua alma, vagueando, persistiria em flagiciar os vivos, originando males nas cidades, estragando as searas, arruinando populações, recomençando as guerras, e... elevando cavallos a consules.

Temente, exhumou-lhe o povo o cadaver para ao de novo baixal-o á terra, com o ritual funebre, até de onde não mais pudesse a alma se evo-

lar facilmente, abandonando o corpo.

Ora, têm os tempos tido muitos Caligulas ao depois; muitos outros "incitatus", porém humanos, têm sido elevados a consules de largos rostos espalmados, escanhoados, perfumados. E nem se descreia de ser indubitavelmente esta uma das fórmas indirectas de se redimir a humanidade de seus peccados.

Quando, no 1.º-de-março de 1870, a cavalhada do bravo general José Antonio Corrêa da Camara prostrou para a eternidade o marechal Solano Lopez, dictador paraguayo, quasi... Napoleão do Novo-Mundo, foi sua mesma amante, a formosa Elisa Lynch, quem, seguindo a pratica do passado, beneficiou o continente com a melhor das providencias oportunas, porque... mandou bem fundamentalmente esterroar-lhe a sepultura, para não deixar errante o espirito, nem porventura a vistas o corpo do apaixonado companheiro de prazeres.

De facto: á hora do aprisionamento e morte de Lopez, estava Elisa Lynch ao lado do despota, acompanhada de oito dos filhos restantes desta sua derradeira ligação amorosa mais prolongada. Com o nobre intento de lhe pouparem a vida, a dos filhos e parentes, levaram-na os nossos officiaes para logar afastado do acampamento, aonde esperassem o tempo necessário para, a bom recato, conduzirem a infortunada amante até o antigo quartel-general paraguayo, assim de, protegida pelas nossas forças, tomar com os filhos a direcção de Concepcion.

Neste entremeses, aproveitada a

natural desordem do momento, trouxe um grupo de gentios paraguayos o cadáver de Solano Lopez para as proximidades do antigo quartel-general, e o colocaram em raza cóva de modo a ficar a barriga do cadáver no mesmo nível do terreno. A seguir, entraram a cantar e bailar em derredor e sobre os despojos de Lopez, e, pre-eisamente em cima da barriga do cadáver, em directo contacto com a pelle, rodopiava um dos gentios, desferindo gritos como os de alarma e alegria!

Já então vinha vindo Elisa Lynch quando, de prompto, deparou o sacrilegio. Tocada no recesso mais íntimo de suas recordações, investiu a bella irlandesa contra os gentios, como se fôra homem affeito aos violentos embates da luta physica. Intervieram os officiaes brasileiros, coronel Silva Paranhos e major Floriano Peixoto, dispersando os profanadores. A rôgo de Elisa Lynch foi desenterrado o cadáver: estava completamente despido. Ella mesma, então, chorando, o envolveu num lençol branco e, instantemente, pediu a escavação de muito funda sepultura, em cujo interior a alma e o corpo do amante, como a alma e o corpo de Caligula, ficasse... "ao abrigo eterno dos ingratos paraguayos e dos ambiciosos aliados".

Plenamente satisfeita, pouco depois deixava Elisa Lynch o solo americano, rumo de Paris, onde, em 1888, morria pobre e abandonada.

Mario Bulhão.

"O Jornal", Rio.

### AS OFFICINAS FORD

A fabrica da Ford Motor Company em Highland Park, Detroit, nos Estados Unidos, que ocupa uma área de cerca de 50 alqueires, comprehendendo uns 20 alqueires de edificios, é a maior fabrica do mundo, comparando-se o seu conjunto com as demais fabricas do genero. E' lá que se fabrica o carro Ford. As peças

fundidas são para lá enviadas pela fabrica de River Rouge, e as carroceries pelas varias fabricas dessas partes do carro, de propriedade da Ford.

Nos edificios da Highland Park, achar-se installados os escriptorios centraes, a usina de força electrica de Highland Park, a filial de vendas de

## **Ultimas Edições da Casa**

# **Monteiro Lobato & C.**

### **III**

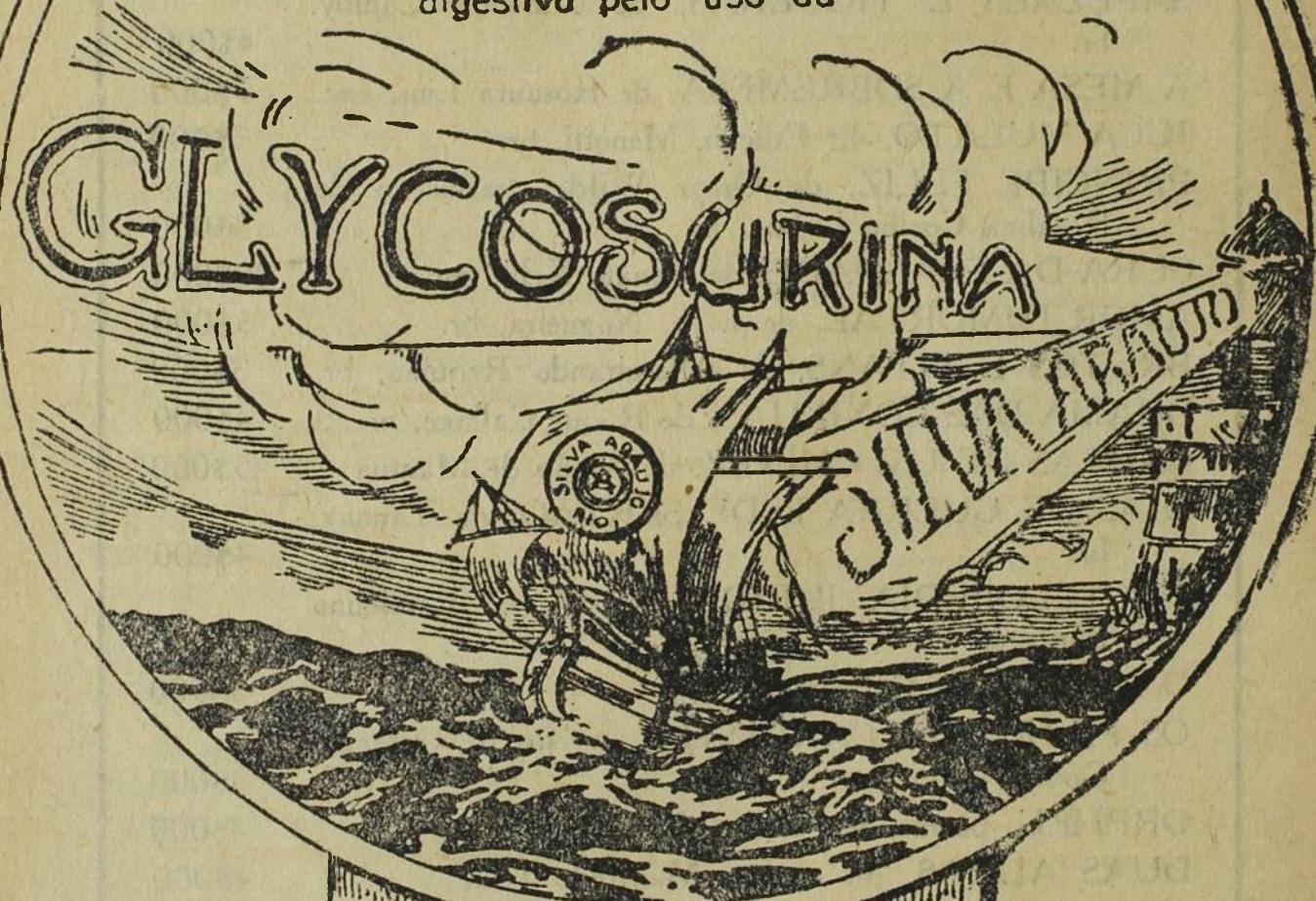
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra postuma de Alphonsus de Guimaraens, br.	3\$000
RITINHA, de Léo Vaz, br.	4\$000
SAPEZAES E TIGUERAS, de Amando Caiuby, br.	4\$000
A MESA E A SOBREMESA, de Rosaura Lins, enc.	7\$000
JUCA MULATO, 4. <sup>a</sup> Edição, Menotti, br.	3\$000
PRÍNCIPE FELIZ, de Oscar Wilde, traducção de Rosalina Coelho Lisboa, br.	3\$000
CURA DA FEALDADE, de Renato Kehl, enc.	20\$000
AMOR IMMORTAL, de J. A. Nogueira, br.	5\$000
BRUTOS E TITANS, de Altamirando Requião, br.	3\$000
DRAMA DAS COXILHAS, de Roque Callage, br.	4\$000
CARTAS DE UM CHINEZ, de Simão de Mantua	5\$000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, de Taunay, br.	4\$000
ENCYCLOPEDIA JURIDICA, trad. de Laudelino Baptista, br.	5\$000
O ARARA, de Caliban	3\$500
OS FILHOS DA CANDINHA, versos de Octacilio Gomes	3\$000
ORPHEU, poema de Homero Prates	4\$000
DUAS ALMAS, do conego Manfredo Leite	4\$000
Na Collecção da "Rainha de Maab":	
NARIZ DE CLEOPATRA, de Menotti,	2\$000
ASSOMBRAÇÃO, de Manoel Victor	2\$000

**Rua Victoria N.o 47**

**CAIXA 2-B - S. PAULO**

**DIABETICOS**

é preciso combater a perda  
de assucar, tonificar o or-  
ganismo, regularizar as funções dos órgãos internos  
essenciais a vida e restabelecer o appetite e a função  
digestiva pelo uso da



heroico medicamento composto de  
plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO · SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres  
de chá por dia em agua



CREATED  
BY AQUAVORE

# Nutrion

E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrion" combate a Fraqueza,  
a Magreza e o Fastio. Restaura as  
Forças e estimula a Energia. - E' o  
Remedio dos Fracos, dos Debeis,  
dos Exgottados, dos Convalescentes.

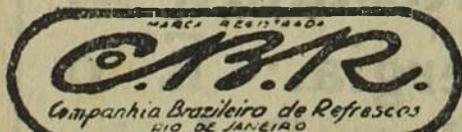
# PASCO

## DELICIOSO REFRESCO

### DISTRIBUIDORES

PERNAMBUCO	FRATELLI VITA
BAMIA	FRATELLI VITA
VICTORIA	FABRICA YPIDANGA
RIO DE JANEIRO	COMP. GRACIEMA
S. PAULO	ZANOTTA, LORENZI & C°
PORTO ALEGRE	JORGE TIMOFERIN & C°
PELOTAS	CERVEJARIA RITTER

REB.



RUA HILARIO RIBEIRO, 20  
Teleph. VILLA, 1234



46312

## EDUARDO CARLOS PEREIRA

As grammaticas até hoje mais diffundidas e usadas no Brasil são as daquelle autor.

### GRAMMATICA EXPOSITIVA. — CURSO ELEMENTAR.

Para os cursos complementares e 1.<sup>o</sup> anno dos Gymnasios. 23.<sup>a</sup> edição com um appendice sobre composição. . . . . 3\$000

CURSO SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gymnasios e Escolas de Commercio. 14.<sup>a</sup> edição com um appendice sobre estyllistica . . . . . 7\$000

GRAMMATICA HISTORICA. Para as Escolas Normaes e Gymnasios. 3.<sup>a</sup> Edição . . . . . 8\$000

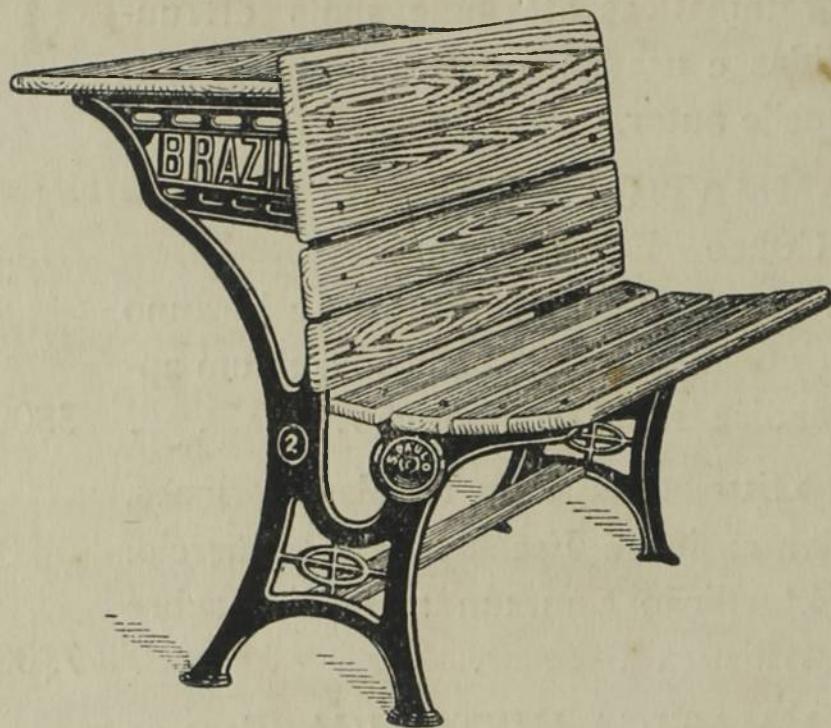
A critica nacional consagrou estas obras e o largo uso que dellas se faz, confirmou o que dissemos.

### PEDIDOS AOS EDITORES :

MONTEIRO LOBATO & CIA.  
RUA VICTORIA N. 47 - A —

Desconto de 30 o/o aos revendedores  
e aos collegios e professores. —

# Moveis Escolares



Differentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares.

Peçam catalogos e informações minuciosas á  
**FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES**  
**"EDUARDO WALLER"**

— DE —

**J. Gualberto de Oliveira**

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Tel. Cid. 1216  
**SÃO PAULO**